O Testemunho Anglicano

O Discipulado Intencional e a Formação de Discípulos

Um Guia Anglicano para uma Vida e Formação Cristã

Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens
(Mc 1:17)

Prefácio escrito pelo Arcebispo da Província do Sudeste Asiático

Discipulado: convite e promessa

"*Siga-me*". Essas duas simples palavras pronunciadas como um convite mas também uma ordem estão no princípio de toda relação com Jesus, o Filho de Deus, tanto quando faladas às margens do lago da Galileia, nas ruas de Lusaka ou num hospital em Chicago. Como toda criança respondendo aos braços estendidos de seus pais e mães, Simão e André, Maria e Salomé, e milhões de pessoas cristãs através desses passados dois milênios aceitaram aquele simples convite na fé e normalmente entendendo muito pouco, naquele momento, sobre esta decisão que transformaria suas vidas. Para seguir Jesus de Nazaré neste seu reino cósmico, entramos simplesmente na jornada mais desafiadora, mais bonita, mais cara e com mais recompensas que nos poderíamos ter escolhido começar.

Visitando qualquer província da Comunhão Anglicana hoje em dia você vai ficar impressionado pela coragem, fé e amor com as quais nossa gente anglicana está seguindo Jesus. Como Pedro descobriu sua jornada para Jerusalém, a estrada a frente não é sempre clara, e como Tiago e João descobriram, há tentações de poder e tráfico de influencia no caminho. Alguns de nós tem mesmo descoberto que somos como Judas, mas a tremenda impressão que eu tenho da nossa Comunhão é de uma família linda e diversa de mulheres, homens e crianças que está profundamente apaixonada por Jesus e procurando diariamente meios de seguir os seus passos.

Onde quer que se fale em termos de discipulado ou apostolado, uma dinâmica em debate nesse documento, nosso seguimento de Jesus requer muito mais do que ter participado do último curso ou introdução à Vida Cristã. Cursos tem seu lugar e valor, e muitos recursos excelentes são mencionados nas páginas que seguem, mas nosso apostolado, nosso discipulado exige muito mais – na verdade requer tudo. Como vocês irão saber, as três prioridades escolhidas pelo Arcebispo Justin Welby para o seu período como Arcebispo de Cantuária são a renovação da vida de oração e religiosa, evangelismo e reconciliação. Eu acredito que essas três prioridades nos ajudam a entender melhor o convite para o discipulado. Primeiramente, é um convite para uma relação intima crescente com o Deus triuno que nós conhecemos em Jesus. Esta relação que é tanto individual como comunitária é alimentada através da oração e do aprofundamento da vida espiritual. Na medida em que juntas/os nós vamos trilhando os caminhos de Jesus, nós descobrimos, com o Apóstolo Paulo, que nossa vida se torna menos e menos nossa e cada vez mais "escondida com Cristo em Deus" (Col 3:3). Em claro contraste com o individualismo que assola grande parte da nossa sociedade contemporânea, nós nos encontramos nos tornando parte de algo (de alguém) muito maior, muito mais belo e realizador. Mas esta experiência da verdadeira humanidade "em Deus" não é algo para guardar para nós mesmas/os. É para toda a humanidade, para toda a criação (Rom 8:19).

O convite de seguir é, nos Evangelhos, imediatamente acompanhado por uma promessa que frequentemente é mal interpretada por um mandamento ou autorização – "Eu vou fazer de vocês pescadores de gente". Evangelismo não é uma tarefa dada a Igreja, mas uma promessa. Jesus promete que na medida em que o sigamos nós nos tornaremos pescadores de homens, mulheres e crianças. Nossas vidas, refletindo a imagem de Deus, atrairá e mudará a vida de outras pessoas. Manter as boas novas do evangelho de Jesus Cristo para nós mesmas/os é um ato supremo de egoísmo. À medida que seguimos e somos moldadas/os pela vida de Jesus, a possessividade egoísta de nosso relacionamento com ele será dissipada e naturalmente começaremos a incluir outras pessoas na relação amorosa. Exclusividade não tem lugar na família de Deus, todas as relações centradas em Deus são inclusivas e nosso

evangelismo não tem nada a ver com numero e poder mas tudo a ver com amor, generosidade, inclusão e vida plena e amor de Deus.

À medida do nosso seguimento diário de Jesus, nossa vocação apostólica, nos leva a lugares mais profundos no Corpo de Cristo, a vida do Deus Triuno, reconciliação se torna uma prioridade urgente. A humanidade compartilhar a fragmentação e a dor do nosso mundo e suas necessidades de ser trazido para Deus, para ser oferecido na cruz – para encontrar reconciliação, integridade e vida perante Deus. Como Paulo nos recorda, o coração do nosso discipulado não é somente para "ser reconciliadas/os" com Deus, mas também para exercitar um "ministério da reconciliação" (2Cor 5:11-21). Este ministério é para ser exercitado dentro da Igreja, na comunidade ampliada onde vivemos e na nossa relação com a criação inteira. De muitas maneiras, esta vida de reconciliação é o aspecto mais público do nosso discipulado cristão e ao mesmo tempo profundamente enredado com nosso testemunho, ou evangelismo.

Como uma Comunhão, nos estamos profundamente em necessidade de reconciliação e nós nos encontramos no mundo igualmente rasgados pelo medo, divisão e fragmentação. É por essa razão que, como nunca antes, nós necessitamos aceitar o convite de Jesus para um apostolado, um discipulado que envolva toda a nossa vida. Uma ligação limitada e petista com Jesus, seja individual ou eclesial nunca foi o que Deus intentou e não nos serve bem hoje em dia. O seguimento de Jesus vai e deve mudar cada aspecto da nossa existência. No coração de tudo será nossa reconciliação com Deus mas isto nunca pode ser completo até que nós estejamos em paz conosco mesmos, em vital comunhão com o corpo inteiro de Cristo, numa relação renovada com toda a família humana e descobrindo uma nova harmonia com a criação como um todo. Lidando com questões ambientais, com educação para a paz and com a manutenção da paz, com as complexidades das relações humanas, com a verdade, justiça e amor e com o cuidado de nossa família e de nos mesmos – esses são todas preocupações chaves para aquelas pessoas que aceitem o convite de Jesus para "seguir".

Eu acolho este estudo cuidadoso da maneira como o discipulado tem sido entendido e praticado na igreja cristã, e não somente na Comunhão Anglicana, e eu recomendo este documento para você como uma inspiração e um guia para uma vocação profunda e apostólica que nós, como membros da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, alegremente aceitamos o convite de seguir Jesus e a promessa de que nós seremos "pescadoras/es" de muitos mais aos quais Jesus estende seu gracioso convite hoje.

Arcebispo Ng Moon Hing
Bispo da Diocese de West Malaysia e Primaz da Igreja da Provincia da Asia Sudeste

Páscoa 2016

Prefacio

> *A melhor decisão que alguém pode tomar, em qualquer momento da sua vida, em qualquer circunstância, onde se encontrar, é a de ser um discípulo de Jesus Cristo.*
>
> Arcebispo Justin Welby

A partir das preocupações manifestadas pela Conferência de Lambeth em 2008, o CCA-14 em 2009 pediu ao Secretário Geral estabelecer uma iniciativa para o Evangelismo e para o Crescimento da Igreja (agora conhecido como **Testemunho Anglicano: Iniciativa para o Evangelismo e o Crescimento da Igreja na Comunhão Anglicana**) com o objetivo de liderar estudos, desenvolver pesquisas, pensar e agir dentro da Comunhão.

Este documento se desenvolveu a partir do trabalho do Grupo Central de Testemunho Anglicano, e particularmente pelo encorajamento e aprovação do Comité Permanente, em maio 2014, do Departamento de Missão para focar no Discipulado, e o pedido para preparar uma proposta formal para o mesmo.

Em setembro de 2015, um documento intitulado, Discipulado Intencional e Formação de Discípulos, foi apresentado para o CCA-16, articulando uma razão teológica para o discipulado, foi apresentado ao Comité Permanente. O documento, que é a base para este documento, foi muito bem recebido, e o Arcebispo de Cantuária descreveu como "o melhor documento que tenho lido sobre o assunto".

Inspirado pela discussão que resultou do documento do Comitê Permanente, recomendou o “Discipulado Intencional em um Mundo de Diferenças” como tema para o CCA-16, em abril de 2016.

Esse foco no discipulado se tornou comum e relevante entre as muitas tradições Cristãs, à luz dos desafios sem precedentes que enfrentamos agora, levantando a questão do papel da fé Cristã em um mundo onde as vidas potenciais de todos os lados enfrentam os mesmos desafios imensos do nosso tempo. Estes incluem a constante ameaça de conflito entre as nações e os povos, incluindo a violência motivada por questões religiosas e étnicas, aumento da privação económica entre as comunidades, a erosão da integridade e corrupção generalizada em muitas nações, e o desafio das alterações climáticas e degradação ambiental, entre muitos outros.

Sem dúvida nenhuma, as/os Anglicanas/os/Episcopais estão testemunhando o amor reconciliador de Cristo em todo o mundo e em todas as formas como um sinal de seu discipulado. Mas muitos líderes Episcopais/Anglicanas/os, leigas/os e ordenadas/os, apontam que muito mais poderia ser feito se houvesse um foco intencional em nutrir e capacitar tanto aos novos membros quanto aos mais velhos, para aprofundar seu discipulado integral ao longo da vida e do testemunho cristão.

Como é de se esperar, há uma rica diversidade na compreensão e prática do discipulado e formação de discípulas/os dentro da vida contemporânea da Comunhão. Em algum contexto existe uma forte intencionalidade sobre este ministério enquanto em outros a Igreja precisa de ser chamada de volta às suas raízes como uma comunidade de discípulas/os que fazem discípulas/os.

O Bispo Steven Croft, da Diocese de Sheffield, na Inglaterra, reconheceu que o "Sínodo dos Bispos do Vaticano (chamado pelo Papa Francisco em 2014) revelou que a igreja em todo o mundo tem as mesmas lutas para comunicar a fé, e não é só na Europa e na América (ou no Ocidente), mas mesmo onde a Igreja está crescendo. Há necessidade de ouvir e aprender uns com os outros dentro do Corpo de Cristo".

Este documento reúne estudos, experiências e aspirações de teólogas/os e líderes da missão ao redor da Comunhão Anglicana. Destina-se a estimular a reflexão e apresenta uma base para pensar o Discipulado e a Formação de Discípulas/os como mandato principal da Igreja dada por Jesus Cristo sob a capacitação do Espírito Santo.

O documento não é completo em si mesmo, mas é oferecido como um recurso para promover o que deve vir naturalmente como central para o bem-estar e para o caráter da Igreja, e não apenas quando é conveniente, mas em todas as esferas da vida de todos os batizados.

Agradecimentos especiais para as/os teólogas/os e líderes das Igrejas de toda a Comunhão Anglicana que contribuíram para esta publicação, pela paixão em almejar que todos as/os Anglicanas/os/Episcopais se esforcem para ser fiéis seguidores de Jesus Cristo em todas as esferas da vida, e estejam equipadas/os para fins sociais e para a transformação da comunidade, capacitados com o poder do Evangelho de Cristo e para a glória de Deus.

Conteúdo

Prefácio escrito pelo Arcebispo da Província do Sudeste Asiático		3
Prefácio		5
PARTE A: BASE TEOLÓGICA		8
Introdução		9
Capítulo 1	Uma Teologia Bíblica da Formação de Discípulos	13
Capítulo 2	O Discipulado na Igreja Primitiva	22
Capítulo 3	Uma Teologia Católica Romana Recente sobre a Formação de Discípulos	26
Capítulo 4	O Discipulado na Tradição Ortodoxa	28
Capítulo 5	A Teologia Protestante e Anglicana do Discipulado	30
Capítulo 6	As Cinco Marcas de Missão	35
Capítulo 7	A Cura e o Discipulado	37
Capítulo 8	O Discipulado e os Instrumentos da Comunhão Anglicana	41
PARTE B: ATUAL PRÁXIS ANGLICANA DO DISCIPULADO		51
Introdução		52
Capítulo 9	África	53
Capítulo 10	Ásia	56
Capítulo 11	Europa	60
Capítulo 12	América Latina	62
Capítulo 13	O Discipulado Anglicano entre as Crianças e Jovens	68
Capítulo 14	A Bíblia, a Adoração, os Sacramentos e a Comunidade Eucarística	70
Capítulo 15	Os Recursos para o Discipulado?	71
Capítulo 16	Agências de Missão e Desenvolvimento	75
Capítulo 17	Conclusão: A Opção para o Discipulado Intencional na Comunhão	80

PARTE A

A BASE TEOLÓGICA

Introdução

Este documento foi preparado por um grupo de lideranças e teólogas/os anglicanas/os como um material de apoio para ser apresentado ao Conselho Consultivo Anglicano (CCA-16) na discussão sobre o Discipulado, e para a Comunhão em geral. As opiniões expressas aqui às vezes são de indivíduos, outras vezes são institucionais, mas juntas expressam o pensamento geral na Comunhão. Nesse sentido o documento procura se fundamentar na teologia anglicana histórica, mas também reconhece a riqueza de pensamentos a respeito deste assunto em toda a comunidade cristã.

O contexto mais amplo para pensarmos sobre o Discipulado Cristão *Intencional* e a Formação de Discípulas/os é a missão eterna do Deus Triúno, *Missio Dei*, o amor redentor do Criador pelas suas criaturas, que é tanto o rio que jorra vida na nossa caminhada com Deus, quanto o mar onde oferecemos as nossas intenções de missão através do poder do Espírito.[1]

Fica bem claro no estudo das Escrituras, na vida da igreja primitiva e no testemunho das diferentes tradições cristãs ao longo de dois mil anos, que o Discipulado *intencional* e a prática regular da formação de discípulos são centrais para nossa compreensão de salvação, missão e eclesiologia.

Parte A deste documento fornece uma pesquisa compreensiva dessa teologia e prática histórica (providenciada por várias/os teólogas/os, lideranças anglicanas e seguidoras de Jesus).

Na vida contemporânea da Comunhão, encontramos uma rica diversidade na compreensão e prática do Discipulado e Formação de Discípulas/os. Em alguns contextos existe uma *intencionalidade* forte em relação a esse ministério, enquanto em outras a Igreja precisa voltar para as suas raízes como uma comunidade de discípulas/os que fazem discípulas/os.

Parte B deste documento oferece um panorama estimulador dessa diversidade de ministério. O documento contém estudos de casos de diferentes regiões geográficas, seguidos por uma consideração sobre o papel de crianças e jovens, e a relevância da Bíblia, da adoração, dos sacramentos e da comunidade eucarística para o Discipulado. Em seguida têm algumas descrições breves de recursos que têm se mostrado úteis em algumas partes da Comunhão porque se tornaram mais *intencionais* na sua abordagem do discipulado e a formação de discípulas/os.

As terminologias e o que significam

Já se escreveu muito sobre o significado preciso de palavras e se um vocábulo como 'missão' devia ser compreendido como a vida inteira de um cristão como resposta a Deus, ou uma obediência mais limitada ao Espírito que nos manda proclamar, através da palavra e a ação, os atos salvíficos de Deus, ou até as atividades mais limitadas ainda da Igreja que facilita o seu crescimento. No final, o uso da linguagem é negociado como parte do processo de construir um significado dentro duma comunidade humana específica. Determinar o significado das palavras fica ainda mais complexo quando as pessoas usam múltiplas línguas. Enquanto se alegram na diversidade da Comunhão Anglicana, as/os autoras/es precisaram negociar uns com os outros através da tradução. Para que todas/os conseguíssemos fazer sentido juntos neste documento, o primeiro ponto de negociação foi de concordar sobre o significado dos termos, "discipulado" e "formação de discípulos" e a "intencionalidade" dos dois.

[1] O principal significado de 'Missio Dei' neste documento é a Missão do Deus Triúno, 'Missio Triuni Dei'.

O primeiro convite feito por Jesus aos que mostraram interesse na sua vida e ensinamentos foi de seguir (ser uma/um discípula/o), e foi o que elas/es fizeram literalmente nas estradas e nas aldeias da Palestina antiga. Mas não foi apenas um seguimento físico. Quando lemos a narrativa do Evangelho, observamos em seguida que o 'seguimento' também envolve a μετάνοια (uma reviravolta radical) no estilo de vida, visão de mundo e orientação espiritual, uma transformação total de si mesma/o, tanto que Paulo chega a declarar, *"Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!"* (2 Cor 5.17). Neste documento queremos negociar um significado para "discipulado" que engloba essa transformação em direção a Deus que acontece quando indivíduos e comunidades vivem intencionalmente, sacrificialmente e consistentemente todos os aspectos da sua vida diária se comprometendo a seguir a Jesus Cristo.

Portanto, ser discípula/o é seguir, e a natureza desse discipulado é definida por Aquele a quem seguimos. Ser um/a formador/a de discípulas/os significa ter sido transformada/o seguindo a Ele que nos chama para que possamos compartilhar o chamado e a transformação eterna de outros. *"Sigam-me, e eu os farei pescadores de gente"* (Mt 4.19). Por "intencional" queremos dizer a priorização deliberada dessas ações individualmente e como Igreja – a comunidade cristã. Ainda que o apelo de Jesus às/aos suas/seus seguidoras/es de "ir e fazer discípulos" provoque gradualmente e resulte em uma ação deliberada ou intencional, o uso comum do termo Discipulado nem sempre comunica a 'ênfase' intencional, tanto que o significado natural e original muitas vezes se perde completamente. Portanto, o uso da palavra 'intencional' neste documento pretende resgatar a ênfase perdida tanto no uso quanto na prática das palavras Discipulado e Formação de Discípulas/os.

A teologia Ortodoxa da *theosis* (veja o Capítulo 4) e a teologia Ocidental Cristã de santificação falam poderosamente dessa total transformação em direção a Deus, que é o objetivo final do discipulado. Baseando-se em 2 Pd 1.4 ("*para que... vocês se tornassem participantes da (ou na)natureza divina*"), 2 Cor 3.18 ("*E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito*") e textos semelhantes, compreendemos a *theosis*, não como uma 'deificação' (o homem se transformando em Deus) mas um derramamento da vida de Deus em nossas vidas para que, dia após dia, possamos refletir com mais clareza sobre a glória de Deus, nos tornando mais plenamente vivos e verdadeiramente humanos. Assim, o discipulado é uma reorientação eterna que toma conta de toda a sua vida e que terá implicações desafiadoras para a nossa identidade, nosso sentimento de pertença na comunidade, nosso sistema de crenças e comportamento diário.

Esse é o tipo de discipulado que temos em mente para as/os Anglicanas/os e para a Comunhão Anglicana. É uma questão de orientar um curso para uma Comunhão em que cada membro tem a intenção diária de seguir a Cristo em cada aspecto das suas vidas, venha o que vier.

Então, quanto a "formação de discípulas/os"? A definição neste texto não se trata de cursos de treinamento, nem programas de igreja, nem esquemas de mentores para a formação (apesar de que todos esses possam ter um papel valoroso). Trata-se de um processo muito natural de reprodução. Não é a adição (aumentando o número de Igrejas ou assegurando que a nação tem mais cristãos de que muçulmanos, por exemplo) nem a multiplicação (programas para o crescimento da Igreja), mas o processo natural através do qual a contagiosa vida em Cristo atrai e traz nova vida, novo discipulado nas outras pessoas. Uma Igreja de discípulas/os saudáveis não devia precisar de programas de formação de discípulas/os, porque a formação e o discipulado são resultados naturais quando as/os discípulas/os vivem como seguidoras/es intencionais de Jesus Cristo. Uma atividade de

formação de discípulas/os que é plena, comprometida, amorosa e responsável é um sinal claro de discípulas/os saudáveis e um discipulado numa Igreja e na Comunhão em geral, e o resultado disso será novos discípulas/os. Portanto, onde as/os cristãs/ãos vivem a sua fé (discipulado 'intencional') se formam novas/os discípulas/os (formação de discípulas/os), na medida em que o discipulado e a formação são produtos um do outro.

O discipulado e a vida plena de todo o povo de Deus

O discipulado nunca pode se trata apenas de um aspecto das nossas vidas, ou comportamento ou expressão religiosa. Trata-se (na definição usada neste documento) de toda a vida da pessoa cristã[2] e da comunidade cristã, e isso significa todo o povo de Deus, jovens e velhas/os, leigas/os e clérigas/os, e tudo que elas/es fazem e dizem no dia a dia. A vontade de Deus é de que, quando as pessoas adultas se tornam discípulas/os, assim também as crianças e jovens se tornem discípulas/os de Jesus e formadoras/es de discípulas/os, como também aquelas/es que são portadoras/es de necessidades especiais, tanto físicas quanto mentais.

Enquanto isso, seguir a Cristo intencionalmente exige muito das pessoas, das suas relações familiares, a maneira em que lidamos com o dinheiro, a nossa atitude em relação a esportes e atividades de lazer, a nossa exploração do meio-ambiente, as nossas escolhas políticas e muito mais. O Discipulado *Intencional* transforma a vida toda radicalmente. É a totalidade da nossa vida em Deus, através do Espírito Santo, seguindo os caminhos de Jesus – e isso requer uma coerência interna.

Como foi argumentado acima, também existe incoerência no nosso discipulado quando não existe a formação intencional de outros discípulos. Esse processo pode ser compartilhado no Corpo de Cristo local, mas se não houver nova vida, a presença do discipulado vivo se torna duvidosa.

A formação de discípulas/os não é formação de convertidas/os. Em outras palavras, as/os novas/os discípulas/os precisam ser discipuladas/os, e não deixadas/os para se virarem sozinhas/os. Ser discipulada/o e discipular as/os outras/os é uma caminhada para a vida toda seguindo Jesus Cristo, agindo segundo as Suas Palavras, e andando nos Seus caminhos para uma relação mais profunda e redentora com Deus, sendo "mudado de glória em glória" enquanto caminhamos mais perto dele e das/os outras/os.

Intencional ou *intencionalidade* significa assumir um compromisso proposital com a sua relação pessoal com Jesus Cristo que também nos envie ao mundo para sermos instrumentos de Deus e do amor de Deus pelo seu mundo.[3] A vida moldada por uma relação pessoal com Jesus Cristo é uma vida nutrida pela oração e pelo estudo das Escrituras, empoderada pelo Espírito Santo para uma vida de serviço (em todas as esferas da vida). Toda a nossa vida, com humildade, fala com ousadia em testemunho da nossa fé em Cristo e o seu amor pelo mundo.

---

[2] Toda pessoa que segue Jesus vai precisar enfrentar na sua vida diária as implicações desse seguimento pois, como escreve o N.T Wright, 'a questão de Jesus – quem era realmente, o que ele realmente fez, o que significa e porque importa – permanece extremamente significativo em todas as áreas, não apenas na vida pessoal, mas também na vida política, não apenas na 'religião' ou na 'espiritualidade', mas também... na cultura, na justiça, na beleza, na ecologia, na amizade, na educação e no sexo.' (N.T. Wright, *Simply Jesus* P7).

[3] Mc 3:14-15; 6:7-13; 16:15. No centro do discipulado cristão está a compreensão de que Jesus Cristo (o Mestre) envie os seus seguidores ao mundo para proclamar as boas novas do Reino que há de vir.

Toda linguagem precisa ser negociada e enquanto algumas pessoas anglicanas se sintam mais à vontade falando em suaíli do que em espanhol, outros preferem falar de "viver na santidade" ou "*theosis*" ou "vida e vivência cristã" ao falar do Discipulado. As pessoas que leem esse documento devem se sentir livres para traduzir "o discipulado" e a "formação de discípulas/os" para sua língua mãe ou sua tradição teológica, sem esquecer-se da ênfase na *intencionalidade* para capacitar e na vivência da fé na vida cotidiana para a honra e glória de Deus.

Finalmente, deve ficar claro que o objetivo da missão, do discipulado ou da formação de discípulas/os não é de fazer mais discípulas/os. Na verdade, o discipulado e a formação de discípulas/os são um resultado natural e uma expressão da missão, e o único objetivo do discipulado e da missão é de honrar e glorificar a Deus – experimentado como o Reino de Deus que também se manifesta na vida e nas ações das/os discípulas/os, (um sinal do Reino de Deus)[4]. Formar discípulas/os faz parte dessa caminhada, O Caminho, para o objetivo eterno.

[4] "Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos. " (João 15: 8)

Capítulo 1 Uma Teologia Bíblica de Formação de Discípulos

A Formação de Discípulos no Antigo Testamento
A melhor maneira de enxergar a realidade de ser uma/um discípula/o é no texto do Antigo Testamento, atendendo o chamado: "*que ande em todos os seus caminhos, que o ame e que sirva ao Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma*" (Dt 10:12-13). Isto inclui seguir as instruções de Deus, mas também imitar ou refletir o caráter de Deus. Israel, como um povo, foi chamado para esse tipo de discipulado, vivendo como o povo de YHWH entre as nações, sendo fiel à sua aliança com ele, adorando somente a ele, e vivendo as leis do Torah.

Resumimos aqui quatro aspectos desse tipo de discipulado prático:

O treinamento e acompanhamento (ser mentora/mentor) de um novo líder
O AT oferece vários exemplos de transição de um líder para outro, nos quais parece que o texto em si enfatiza o papel da pessoa mais velha em preparar, treinar e oferecer acompanhamento (ser mentora/mentor) para a pessoa mais nova. Moisés foi servido por Josué durante muito tempo, a quem ele encorajava e alertava antes de passar o bastão da liderança (Dt 3:21-22; 31:1-8; 34:9). O próprio Deus reforçou as lições que Moisés tinha ensinado (Js 1:1-9). Davi passa o seu reinado para o seu filho Salomão, no meio de rixas familiares muito fragmentadas e violentas. As suas palavras (se não o seu exemplo) são de encorajamento e alerta (as quais, Salomão ignorou mais tarde; 1Cr 28–29). Eliseu acompanha Elias durante um tempo, sem dúvida observando e aprendendo, e depois parte para um ministério ainda mais longo. (1Rs 19:19-21; 2Rs 2; 2Rs 4).

A disciplina da família
O livro de Deuteronômio enfatiza a importância do papel dos pais em ensinar a cada geração a andar nos caminhos do Senhor. Isso inclui a lembrança constante da história (o quê Deus tinha feito no passado de Israel), e nos ensinamentos (as promessas e mandamentos da aliança de Deus). Discipular significa disciplinar, e isso faz parte da função da família Israelita onde os indivíduos encontraram a sua identidade, segurança, memória, esperança e responsabilidade (Dt 4:9-14; 6:4-9,20-25). Esse tema também se encontra fortemente nos Livros Sapienciais, (esp. Pr 1–9).

O impacto do ensinamento através da adoração da comunidade
Israel tinha o seu sistema de adoração rico e complexo, que deve ter funcionado como meio para formar discípulas/os de duas formas:

O ensinamento dos sacerdotes: os sacerdotes não apenas traziam os sacrifícios do povo para o altar. Também eram responsáveis pelo ensinamento da lei de Deus para o povo (Lv 10:8-11; Dt 33:10; Jr 18:18). O seu fracasso em relação a isso é a principal acusação dos profetas, pois estavam desafiando um povo cada vez mais iletrado e indisciplinado (Os 4:1–9; Ml 2:1-9).

O impacto didático dos Salmos: Simplesmente cantando as palavras dos Salmos (com suas histórias, suas lembranças da aliança, sua condenação de certos comportamentos e elogio de outros, sua profundidade ética e especificidade, etc.) os Israelitas fiéis foram transformados nos seus pensamentos e práticas através dos valores inculcados na adoração.

A função formadora das Escrituras

A importância da leitura e disseminação da Torah escrita é perceptível desde cedo. Toda a comunidade devia ser discipulada ouvindo e respondendo à Palavra de Deus, independente da etapa de aprendizado (em engajamento) dessa Palavra em que elas/es estejam (Dt 31.9-13). Os Salmos celebravam o poder da palavra de Deus que dá, enriquece e transforma a vida ("a palavra 'lei' é uma palavra inadequada para traduzir a riqueza que é a Torah"; Sl 1, 19, 119). O poeta do Salmo 119 celebra o poder da palavra de Deus, em si, para manter a pessoa no caminho certo e longe dos caminhos errados.

Neemias 8 é uma ocasião inesquecível do discipulado comunitário, onde toda a lei é lida durante uma semana, têm levitas treinados à disposição para fazer a tradução, explicar e esclarecer o sentido das palavras lidas, e depois disso os chefes das famílias repassam para suas famílias – talvez o primeiro exemplo da educação teológica por extensão. O capítulo aponta com alegria que o povo tinha felicidade em abundância tanto na hora de compreender a palavra das Escrituras, quanto na hora de obedecê-la – o que se aproxima do sentido do discipulado (Ne 8.12, 17).

O discipulado no Novo Testamento

As histórias nos Evangelhos sobre Jesus, o Messias (o *Cristo*), inevitavelmente são fundamentais em qualquer busca para descobrir aquilo que é distintamente cristão no discipulado. Os Evangelhos, assim, nos levam para dentro das salas de aula da "escola de discipulado" de Jesus.

O ministério público de Jesus não foi um ato solitário – ministrando sozinho como um professor e curandeiro autoritário. Em vez disso, desde o início, percebemos que Jesus juntou, intencionalmente, grupos de "gente que queria aprender" que foram selecionados para andarem com ele. (Mc 3.16-20). Ao fazer isso, por um lado, ele não estava fazendo nada diferente dos outros rabis ou de João Batista que juntaram discípulas/os ao seu redor. Por outro lado, agora que compreendemos quem Jesus realmente é, (o Messias de Israel, o Filho de Deus agora ressuscitado da morte), podemos discernir outras camadas das intenções de Jesus.[5] Porém, para nosso objetivo atual, podemos notar que, ao reunir as/os discípulas/os com ele através do seu ministério, Jesus estava fazendo duas coisas principais que se tornariam de importância perenal para os seus seguidores nas gerações a seguir:

a) Ele estava nos oferecendo um modelo através das suas próprias ações de como ser um formador de discípulos;
b) Ele estava permitindo que os seus primeiros discípulos, ao responder a ele, se tornassem modelos de como nós devemos responder ao chamado de Jesus e como devemos segui-lo – revelando as marcas primárias do discipulado cristão (isto é, alguém que quer aprender na escola de Jesus, uma pessoa que segue Jesus).

Encontramos esses dois temas inter-relacionados em todos os evangelhos (talvez mais em especial em Marcos), que, portanto, servem como "manuais do discipulado" vitais e duradouros para a Igreja Cristã.

[5] Por exemplo, ao escolher o círculo interior dos Doze ele estava evocando a história das doze tribos fundadores de Israel e, assim, assinalando a reconstituição de Israel ao seu redor. Também estava entregando a eles o mandato de lembrar seus ensinamentos e de proclamá-los "até os confins da terra" (assim, em princípio, comissionando os escritos do Novo Testamento).

Jesus, o Formador de Discípulos

Então, no Evangelho de Marcos, nós percebemos, em primeiro lugar, como Jesus faz o seu treinamento dos futuros discípulos. Podemos observar o Mestre-Discipulador no seu trabalho. Logo percebemos:

a) O primeiro chamado dos discípulos, que é claro e direcionado, vocacional e radical (3.13-19);
b) O seu compromisso de compartilhar a sua vida com eles;
c) A sua intenção de dar um tempo para análise e reflexão (6.6b-13, 30-32) e o seu uso de eventos e ensinamentos recentes como oportunidades para mais ensinamentos e discussões, ajudando os seus seguidores a processar externamente o quê eles experimentaram (4.35-41; 8.27-30);
d) A sua vontade de ter um círculo interno (Pedro, Thiago e João) que iria testemunhar mais intimamente e diretamente os três eventos importantes na sua vida – a sua ressurreição dos mortos, a Transfiguração e a sua Agonia (5.37-43; 9.2-8; 14.32-36);
e) A Sua prontidão em repreender e advertir, em expor e criticar os seus seguidores, sendo, ao mesmo tempo, totalmente comprometido com o crescimento e restauração deles (8.17-21; 9.35-37);
f) A Sua capacidade de responder às perguntas que traziam à toa motivações erradas ou ideias confusas (9.33-34; 8.17);
g) As instruções por vezes um tanto bizarras que os seguidores simplesmente tinham que obedecer "porque ele mandou" (mas que fariam sentido mais tarde: 11.2-3f; 14.13-16);
h) A Sua deliberada política de se encontrar com eles tanto em público quanto em particular, tanto "a serviço" quanto intimamente "como amigo".

Tudo isso precisa ser levado em conta quando fazemos a pergunta hoje: como podemos ser formadores de discípulos na nossa própria geração?

Seguindo Jesus: nos Evangelhos

Em segundo lugar, podemos ver nos Evangelhos como os discípulos responderam a Jesus – foram chamados para quê? E, então, para quê nós somos chamadas/os quando respondemos a Jesus e nos tornamos os seus seguidores hoje? A seguir estão as marcas do discipulado cristão autêntico:

Jesus, o Educador – precisamos ouvir as suas palavras

Era esperado que os discípulos de um rabino lhe ouvissem em público, discutir o assunto em particular depois e, com quase certeza, lembrar dos aspectos mais distintos do ensinamento. Eles estavam numa escola; eles eram estudantes. Os discípulos judeus eram comprometidos com as Escrituras do Antigo Testamento, mas também com a "interpretação" e aplicação dessas Escrituras dadas pelo seu rabino. Da mesma maneira nós, como seguidoras/es do Cristo Ressuscitado, devemos ser estudantes das palavras de Jesus, atentas/os para a sua voz vivificadora, obedientes aos seus princípios. Também devemos aprender a sua reverente, porém radical interpretação das Escrituras do Antigo Testamento – ou seja, que elas falam dele, e ele é o cumprimento das Escrituras.[6]

[6] Vê Lc 24:32; 4:16-22 etc. Esse texto nos leva a uma teologia bíblica essencialmente cristo-cêntrica em relação ao discipulado e a nossa obediência fiel a Jesus.

Jesus, a Pessoa – precisamos aprender através do seu jeito de ser

Estudantes não aprendem apenas com as próprias palavras dos seus professores, mas também com muitas outras coisas: por exemplo, observando como eles processam os seus pensamentos diante das questões e como lidam com a controvérsia. Aprendem com todo o comportamento do professor, o seu caráter, o seu estilo de vida, as suas respostas e ações, o seu tom de voz e a qualidade de suas vidas.

Para os primeiros discípulos de Jesus, o seu imenso privilégio foi de observá-lo em ação. Eles estavam diante do Humano verdadeiro demonstrando uma humanidade autêntica (como Deus pretendia antes da Queda): que lição objetiva de como viver! Causou uma impressão profunda em João, o seu "discípulo amado": "nele não existe pecado" (1Jo 3:5). E levou a uma aplicação desafiadora: "aquele que diz que está nele, deve andar como ele andou" (1Jo 2:6).

O Discipulado cristão hoje significa moldar a nossa vida e jeito de ser segundo o modelo de Jesus; significa viver a vida como ele viveu. Apenas com os nossos próprios esforços, isso é impossível, é claro, mas, se Jesus ressuscitou dos mortos e agora, através do dom do Espírito Santo, está transferindo o seu poder da vida para nós, então podemos, sim, viver a vida como ele – resgatando o poder da sua vida (que foi derramado em nós). Assim as/os discípulas/os de hoje descobrem um segredo incrível: que a qualidade e forma daquela vida – que Jesus demonstra nos Evangelhos – *aquela vida* agora está agindo em nós, permitindo que vivamos a sua vida ressuscitada. A Vida que ele viveu torna-se a vida que hoje ele oferece. E seus padrões e disciplinas tornam-se nossos para a nossa própria existência humana.

Jesus, o Líder – devemos seguir sua direção

Jesus disse, "Siga-me!" (Mc 1:17). Desde o início Jesus usa o verbo "seguir" como a imagem principal para o discipulado. Também é o último pedido, extremamente pessoal, que ele faz ao Pedro antes da sua ascensão: "Siga-me!" (repetido para dar ênfase: Jo 21:19, 22). Evidentemente, um "discípulo" (aprendiz) também precisa ser um "seguidor".

Isso então leva à ideia de que os discípulos de Jesus devem embarcar numa viagem – uma viagem onde Jesus está "na frente" como o seu líder. Nós devemos ir onde ele nos leva e devemos nos guiar pelas suas orientações navegacionais, mesmo que, como os discípulos, nem sempre compreendemos para onde ele está nos levando. Assim como os israelitas no deserto tiveram que seguir a nuvem e o fogo da Presença do Senhor (Ex 13:21-22 cf. Nm 12:4-5), assim os discípulos de Jesus devem seguir a sua Presença. Para os primeiros doze havia mesmo uma viagem seguindo Jesus da Galileia até o olho da tempestade, Jerusalém – uma viagem marcada por esperanças frustradas e bastante trepidação. Sem dúvida encheu Tomé com uma ansiedade mórbida ("*Vamos nós também, para morrermos com ele*" Jo 11:16) e confusão. "*Senhor, nós não sabemos para onde vais, e como podemos saber o caminho?*" (Jo 14:5). Porém, Jesus garante aos seus discípulos que ele vai "ir (antes deles) para preparar um lugar" para eles e que ele mesmo é o Caminho (Jo 14:2,6). Em outras palavras: Fiquem perto de mim, me sigam dia após dia, e eu garanto que, no final, chegarão no lugar onde me verão em glória. (cf. Jo 17:24).

Em Hebreus e Apocalipse este destino celestial (onde Jesus está agora) é descrito como a Jerusalém 'celestial' ou 'nova' (Heb 12:22; Ap 3:12; 21:1-2). Então é bem apropriado que os autores dos Evangelhos (especialmente Marcos e Lucas) percebam a viagem dos primeiros discípulos subindo Jerusalém como um modelo ou paradigma para todos os discípulos que seguem: todas/os nós estamos numa viagem, seguindo Jesus, todas/os somos viajantes "a caminho" (Mc 8:27; 10:32); temos que deixar algumas coisas para trás (Lc 9:57-62); devemos confiar n'Ele na nossa chegada na cidade, mas também em todos os detalhes surpreendentes

ao longo da jornada e através do deserto; e acima de tudo, devemos "pegar a nossa cruz diariamente" e seguir Jesus (Lc 9:23).

Este seguimento, porém, leva os discípulos a uma missão que sobrevive, e de certa forma ultrapassa, o próprio ministério de Jesus. Jesus deixa bem claro que não queria que os discípulos apenas saíssem para ministrar como ele ministrava (Mt 10:8) durante a sua vida, mas que também "*fizessem as obras que eu faço, e obras melhores do que essas*", e, mais ainda, ele queria que eles ensinassem aos outros a obedecer tudo que ele pediu a eles (Mt 28:19-20). Devemos enfrentar os aspectos práticos da nossa obrigação de continuar com o ministério ativo de Jesus, que depende do Espírito, se quisermos entender plenamente a natureza do discipulado que ele quer que sigamos. A nossa tarefa é de continuar a missão – o qual ele descreveu em Lucas 4. O discipulado, seguir Jesus, é muito mais do que uma crença e o crescimento pessoal do nosso jeito de ser cristão.

Então essa viagem requer várias qualidades: autonegação, exposição aos riscos, ir com fé, ficar perto de Jesus e confiar ativamente na sua orientação. Alguns dizem que a sigla em inglês F.A.I.T.H. (fé) significa "Forging Ahead In Trusting Him" (Continuar em frente e confiar nele). Então ser discípulo de Jesus não é uma atividade que se faça do sofá, nem é para esportistas de bancada; não é um acordo desapegado com os princípios dos ensinamentos e os preceitos morais de um professor respeitado (agora morto). É uma atividade que engloba tudo, uma busca envolvente que "exige toda a nossa vida, nossa alma, nosso tudo". E é assim, como afirmam despudoradamente todos os autores dos Evangelhos, porque a pessoa, a quem somos chamados a seguir, vive gloriosamente. Cada Evangelho termina com a confiante afirmação e proclamação da Ressurreição, deixando as pessoas que leem com um chamado claro para confiar e obedecer ao Senhor Ressuscitado: "escutam as suas palavras", "aprendem com o seu caráter" e "seguem a sua liderança". Então, através do Evangelho, o Jesus Ressuscitado pode dizer para nós o quê ele já disse para Pedro: "*Siga-me*" (Jo 21:19).

Como conclusão podemos apontar como o Evangelho de Marcos, de maneira simples, mostra como os primeiros seguidores progrediram através das três dimensões do discipulado. Primeiro foram atraídos pela qualidade do ensino: "o que é isso? Um novo ensinamento – com autoridade?" (Mc 1:22, 27); depois pela qualidade da sua Pessoa: "quem é este que perdoa pecados?"..."a quem até o vento e o mar obedecem?" … "Você é o Messias!" (Mc 2:7; 4:41; 8:29); e finalmente foram levados na sua viagem com propósitos para Jerusalém onde ele pediu: "carregue a sua cruz e siga-me!" (Mc 8:34; Mc 9-11).

De certa forma esses são os três ingredientes chaves no seguimento de qualquer líder humano: ouvimos o que tem a *dizer*, observamos quem *é* e avaliamos o que *faz*. Isso pode ser resumido de várias outras formas: focamos na sua Linguagem, Pessoa e Agenda; suas Palavras, Sabedoria e Caminhada.[7] Portanto, não é surpreendente que estes sejam os ingredientes chaves para as/os cristãs/ãos que querem seguir o humano supremo, Jesus. Nos Evangelhos vemos Jesus criando magistralmente um grupo de discípulos permitindo um acesso transparente a Ele em cada uma dessas três maneiras. E agora como Senhor Ressuscitado, ele nos oferece o mesmo acesso com o mesmo objetivo – criar discípulas/os fieis.

Seguindo Jesus: No resto do Novo Testamento

Sim, Jesus ressuscitou. Se Jesus não tivesse tido o seu corpo ressuscitado do túmulo, então todo esse discurso sobre o "discipulado" – aprendendo a ser um seguidor de Jesus – teria

[7]Outros resumos incluem: os seus Ensinamentos, Tom e Objetivos (Teaching, Tone and Targets); os seus Preceitos, Pessoa e Caminho (their Precepts, Person and Path); sua Doutrina, Conduta e Direção (their Doctrine, Demeanour and Direction.)

chegado, apropriadamente, a um fim repentino e abrupto. Afinal, um Messias crucificado era uma contradição. Não teria nenhum propósito nem sentido em seguir esse Jesus: pois, independente da grandeza dos seus ensinamentos religiosos, ele evidentemente falhou na tarefa mais importante de Messias e estava errado em tudo que falou ao seu respeito.

A Ressurreição é, então, um ingrediente essencial no discipulado contínuo. Devemos abandonar qualquer ideia de que, de alguma forma, possamos ler os Evangelhos e escolher, se quiséssemos, ser um seguidor do Jesus que agora está morto. Seguir um Jesus meramente histórico foi anulado pela Ressurreição como uma opção para o discipulado autenticamente "cristão". Todo o restante do Novo Testamento é enfático e insistente em relação a isso: o discipulado significa seguir a um Senhor Ressuscitado.

Isso significa que os primeiros seguidores de Jesus, que o seguiram durante os dias do seu ministério, agora estavam experimentando o discipulado de uma nova forma. Mas era necessário e significativo que houvesse aspectos de continuidade entre as duas formas. Era, afinal, o mesmo Jesus a quem estavam seguindo ("*Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre*" Hb 13:8); e a sua fé na ressurreição não virou uma desculpa ou razão para, de repente, abandonar o foco na sua missão histórica (como quem diz, "quem precisa se preocupar com coisas da sua vida terrenal, agora que nos relacionamos diretamente com o Jesus Ressuscitado?").[8] Não, o discipulado cristão está sempre ancorado no seguimento do Jesus real histórico – focado naquilo que ele realmente disse, quem ele realmente era e o que ele realmente realizou – mas agora visto como ainda mais importante por causa da sua Ressurreição. Os Evangelhos, apesar da sua maior ênfase no ministério histórico de Jesus, foram compostos (e, com tempo, escritos) por causa dessa convicção na sua vida ressuscitada; e o restante dos escritos do Novo Testamento, apesar de terem um foco maior na sua vida ressuscitada e exaltada, mostra um claro compromisso e obediência ao Ensinamento, Pessoa e Trabalho de Jesus que foi verdadeiramente manifesto "na carne".

Então o quê diz o resto do Novo Testamento sobre o discipulado – sobre esse seguimento do Jesus histórico, agora ressuscitado gloriosamente dos mortos? Aqui pode ser útil juntar os escritos do NT em quatro grupos ou linhas que refletem as suas relações com a teologia dos quatro Evangelhos:[9]

Marcos com 1 Pedro, Hebreus
Mateus com Tiago, Judas e 2 Pedro
Lucas com Paulo
João com 1-3 João e Apocalipse

Uma história completa do discipulado bíblico teria que explorar o que cada uma dessas quatro linhas ensina em relação ao assunto.[10] Neste documento, só podemos focar na primeira como exemplo.

---

[8]Isso às vezes é a força implicada a algumas interpretações das palavras de Paulo em 2Cor 5:16: "ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos desse modo". Mas quando Paulo queria lembrar Timóteo incisivamente da mensagem Cristã essencial, ele escreveu: "Lembra-te de Jesus Cristo, ressurgido dentre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho" (2Tim 2:8). O Jesus de Paulo, mesmo ressuscitado, está ancorado firmemente na história.

[9] Esse esquema, que, é claro, é uma grande simplificação e está baseado nas reconstruções históricas que não podemos provar totalmente, talvez fosse sugerido pela primeira vez por Earle Ellis que também ligou o esquema a uma possível geografia: sendo Roma (Marcos), Jerusalém (Mateus), Egeu (Lucas) e Éfeso (João).

[10]Para uma exploração preliminar do discipulado nessas outras linhas do Novo Testamento, veja, por exemplo, N.T Wright, *Following Jesus: Biblical Reflections on Discipleship* (SPCK: London; 1994, revised 2014).

1 Pedro e Hebreus: uma das quatro linhas do discipulado
Uma das maneiras mais poderosas de ler 1 Pedro é observando o texto como sendo as reflexões maduras daquele mesmo Pedro que foi discipulado por Jesus – não apenas durante os três anos do seu ministério histórico, mas também agora através de trinta anos de serviço ativo pelo Senhor Ressuscitado. Esse jovem impetuoso, autossuficiente, e até arrogante foi acalmado pelo Mestre. As suas instruções para com os seus ouvintes – esses futuros discípulos que amavam Jesus ardentemente, mas quem, diferente de Pedro, nunca o viram em carne e osso (1:8) - estão cheios de uma sabedoria disciplinada:

a) Preparem as suas mentes para a ação; sejam disciplinados; coloquem toda a sua esperança na graça que Jesus Cristo há de lhes alcançar (1:13)
b) Não se conformem com os desejos que antes ignoravam (1:14)
c) Agora que purificaram as suas almas através da obediência à verdade para que tenham um amor verdadeiro e mútuo, amem uns aos outros do fundo do coração (1:22)
d) Se afastem.... de todo mal, toda gula, toda mentira.... como recém-nascidos (2:1-2)
e) Pelo Senhor, aceitem a autoridade de toda instituição humana (2:13)
f) Cristo também sofreu por você, deixando um exemplo, para que possam seguir os seus passos (2:21)
g) Tenham unidade de espirito (mente), simpatia, amor uns pelos outros, um coração manso, uma mente humilde. Não paga o mal com o mal, nem o abuso com o abuso (3:8-9).
h) Como Cristo sofreu na carne, se preparam com a mesma intenção (maneira de pensar)(4:1)
i) Atendam ao rebanho que Deus lhes coloque em suas mãos... Não sejam como dominadores dos que lhes foram confiados... mas sejam exemplos para o rebanho (5:2-3)
j) E todos devem se vestir de humildade quando falam uns com os outros (5:5)

Estas palavras são do mesmo homem que repreendeu Jesus por carregar a sua cruz e que cortou a orelha do servo do Sumo Sacerdote em Getsêmani (Mc 8:31-32; Jo 18:10-11)? Sim, são, e assim revelam o poder de passar uma vida toda na escola de Jesus, o mestre formador de discípulos.

As Palavras, a Pessoa e a Agenda de Pedro foram claramente transformadas pelas de Jesus. E nós também podemos ser transformados agora no discipulado seguindo as palavras de Pedro. Dessa maneira começamos a enxergar como o discipulado é passado de uma pessoa para outra, de uma geração para outra: quando a pessoa, ensinada e treinada por Jesus, revela como Jesus mudou sua maneira de falar, de ser e de agir.

Em relação à carta aos Hebreus, como não sabemos quem é o autor, não podemos perceber como essa pessoa foi transformada como discípula de Jesus. Porém ainda devemos prestar atenção ao chamado urgente para o discipulado nesse sermão poderoso (ou "palavra de exortação" 13:22). O autor desenvolve extensamente uma imagem do discipulado como uma viagem – seja como os israelitas viajando através do deserto ou como atletas correndo até a linha de chegada – e ele nos incentiva a não sair da corrida, mas a perseverar e aguentar até o fim:

a) É preciso que prestemos maior atenção ao que temos ouvido, para que jamais nos desviemos (2:1)
b) Portanto, esforcemo-nos por entrar nesse descanso, para que ninguém venha a cair, seguindo aquele exemplo de desobediência (4:11)
c) Visto que temos um grande sumo sacerdote que adentrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos (4:14; cf. 10:23)

d) Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeadas por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumador da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus. (12.1-2)
e) Portanto, fortaleçam as mãos enfraquecidas e os joelhos vacilantes.... Cuidem que ninguém se exclua da graça de Deus. Que nenhuma raiz de amargura brote e cause perturbação, contaminando a muitos (12:12,15)
f) Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre... Portanto, saiamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou. (13:8,13).

Intrigantemente, enquanto fazia o seu apelo pela perseverança em seguir Jesus, o autor frequentemente alude a episódios da vida histórica de Jesus – a sua angústia em Getsêmani (5:7-10), a sua Via Dolorosa (13:13), o recebimento de tanta "hostilidade de pecadores" durante a sua Paixão (12:3). O autor de Hebreus, portanto, está seguindo a mesma estratégia, mesmo sendo numa epístola, que o Marcos segue no seu Evangelho – ou seja, o uso do exemplo do Jesus histórico como o chamado e o desafio mais profundos para o discipulado contínua dos seguidores de Jesus. Isso também pode ser visto em 1 Pedro (2:21-25; 5:1 etc). Todos os três autores estão dizendo a mesma coisa:

a) Ser discípulo de Jesus significa obediência ao Senhor Ressuscitado moldando as nossas vidas pelo exemplo do Jesus histórico;
b) Devemos caminhar "nos seus passos", e andar "no seu caminho", compartilhando o seu sofrimento, e confiando na sua vitória.

Então o discipulado é uma viagem, andando na direção que Jesus mostrou até o lugar da sua vindicação final, sabendo que ele mesmo já fez essa viagem e, portanto, nos acompanha ao longo da jornada com a sua Presença. Pois, como Hebreus mostra tão aptamente, esse Jesus é ao mesmo tempo o nosso irmão (nosso companheiro), que está conosco na caminhada; o nosso pioneiro, que já andou nesse caminho na nossa frente; e o nosso consumador, que já chegou ao nosso destino comum no Jerusalém Celestial (veja 2:11; 12:2,22). Ele foi adiante de nós, mas não nos deixou para trás: ele também está aqui conosco, de maneira em que, mesmo nos vales mais escuras, não estamos sozinhas/os.[11]

Conclusão

Uma análise completa dos ensinamentos do Novo Testamento sobre esse tema de seguir Jesus confirmaria aquilo que essa pesquisa preliminar descobriu: que o discipulado cristão é intrinsicamente ligado tanto com o Jesus histórico/humano quanto com o Jesus ressuscitado/exaltado. Não podemos, assim por dizer, seguir um sem o outro, pois esses dois não são entidades separadas, mas gloriosamente unidas, como afirma os nossos Credos, em nosso "Único Senhor Jesus Cristo"!

Visto desse jeito e com confiança renovada na centralidade da Ressurreição, voltamos para fechar nos capítulos finais, pós-ressurreição, dos Evangelhos. Em Mt 28 ouvimos a comissão do Senhor Ressuscitado para "fazer discípulos". Em João 20–21 vemos Jesus enviando os apóstolos (como ele foi enviado pelo Pai), restaurando Pedro e lhe chamando para alimentar as suas ovelhas. Finalmente em Lucas 24 vemos o Jesus Ressuscitado efetivamente enfatizando seis temas chaves como essenciais para os seus futuros discípulos: a sua Ressurreição (vv. 34, 46), a sua Cruz (vv. 26, 46), o Espírito Santo (v.49), as Escrituras (vv. 27, 44), o Sacramento (ou o partir do pão v. 35), e a Missão (v. 48). Lucas descreve os seis temas como sendo as prioridades do Senhor Ressuscitado para aqueles que querem seguir o seu

[11] Jesus prometeu estar com os discípulos até o final dos tempos, e lhes mandar o consolador (Mt 28:20b; João 14:18,23; 16:7)

Caminho. Este é o currículo de Jesus para o curso de treinamento em discipulado bíblico; ou, é assim que devemos seguir ao Senhor Jesus do jeito que ele pretendeu – isso é, do jeito de Jesus.[12] Seria ótimo se os seis temas tivessem o seu próprio lugar na vida da nossa Comunhão Anglicana. Os primeiros dois são focados, inicialmente e apropriadamente, no próprio Jesus; os próximos três exploram três linhas diferentes que são valorizadas na nossa vida em comum (carismática, evangélica e sacramental) e o último nos lembra do principal objetivo de todo o nosso discipulado – a missão de Cristo no seu mundo. Talvez vemos aqui em Lucas 24 a agenda do Senhor Ressuscitado para a Comunhão Anglicana – ser verdadeiras/os discípulas/os do jeito que Jesus quer que sejamos.

[12] Estes seis temas foram desenvolvidos por Peter Walker no seu livro sobre Lc 24 e Atos 2: *The Jesus Way* (Oxford: Monarch , 2007; revised 2nd edition: Whitchurch Publishing, 2016) with Foreword by J.I. Packer.

Capítulo 2 O Discipulado e a Igreja Primitiva

Assim que os indivíduos tinham fé em Cristo, como é que a Igreja Primitiva os ajudava a continuar a andar no "Caminho" (como é descrita a fé em Atos 19:9)?[13] Como eram nutridos os novos crentes? Ou, para usar uma frase que Lucas empregava para descrever a atividade de Paulo, como eles "fortaleceram os discípulos e lhes motivaram na sua fé" (At 14:22)?[14]

Muita dessa atividade de formação de discípulos teria sido feita corpo a corpo, com indivíduos trazendo novos e mais jovens crentes para a fé. Depois de tanto tempo, não podemos imaginar a medida ou o conteúdo desse discipulado individual. Mas presume-se que acontecia todos os dias – da Primeira Páscoa em diante!

Às vezes esse discipulado de indivíduos podia ter se tornado uma "mentoria" mais intencional. Assim Priscila e Áquila convidaram Apolo para a sua casa e "explicaram o Caminho de Deus" (At 18:26). Paulo também, apesar das suas responsabilidades maiores, pode ter achado tempo para fazer isso: ele fala em ir "de casa em casa" em Efésios (At 20:20) e estava claramente orientando o jovem Timóteo escrevendo duas cartas motivadoras.[15] Em todo esse discipulado por indivíduos, inevitavelmente havia os três elementos anotados acima enquanto o mentor compartilhava as suas Palavras, Sabedoria e Caminho. Não era apenas uma questão de ensino, mas também de ser exemplo; não era apenas verdade, mas prática e estilo de vida. Então Paulo falou frequentemente sobre mimese ou 'imitação', enquanto ele incentiva as pessoas a imitarem o seu estilo de vida.[16] E as suas palavras aos novos crentes da Tessalônica (a quem ele teve que deixar após apenas três semanas: veja Atos 17:2) nos dá uma luz em relação ao que Paulo esperava ver nesse tipo de discipulado individual:

> "*como uma mãe que cuida dos seus próprios filhos. Sentindo, assim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida... Pois vocês sabem que tratamos cada um como um pai trata seus filhos, exortando, consolando e dando testemunho, para que vocês vivam de maneira digna de Deus, que os chamou para o seu Reino e glória...*" (1Tess. 2:7-8, 11,12).

De maneira mais óbvia, havia o "discipulado corporativo" – quando os crentes se juntaram "incentivando uns aos outros" (Hb 10:25). Até 57 d.C os cristãos se reuniam "no primeiro dia da semana… para partir o pão" (Atos 20:7); então vemos imediatamente a importância dada à celebração no Domingo e ao sacramento. E ainda, lá em Atos 2, Lucas teve uma visão dos encontros cristãos com um foco quádruplo: o ensinamento dos apóstolos, o partir do pão, a comunhão e as orações. Todos os quatro, como ingredientes regulares da celebração do

---

[13] Isso não é o mesmo que perguntar como os Cristãos do Novo Testamento fizeram o seu evangelismo; sobre isso pode ver, por exemplo, Michael Green: *Evangelism in the Early Church* William B Eerdmans, 2004.

[14] Significantemente Lucas, muitas vezes, usa o termo 'discípulos' em Atos para descrever os crentes, transferindo este título, usado primeiramente para aqueles que seguiam Jesus na Galileia, para aqueles que seguiam o agora Ressuscitado Jesus numa variedade mais ampla de lugares: Jerusalém (9:26), Jope e Cesaria (9:36; 21:16), Tiro (21:4), Antioquia da Síria (11:29; 14:28), Galácia (14:20-22) e Corínto (18:23). Nota também a preocupação de Paulo para que não se enxergassem como discípulos ou 'seguidores' de Apolo ou de Paulo, mas apenas de Jesus (1 Cor 1:12; 3:21-23).

[15] Tanto 1Timóteo quanto 2Timóteo contêm tons fortes de mentoria pessoal; veja também as palavras de Paulo ao Timóteo em Fil. 2:19-22.

[16] Veja, por exemplo, 1 Cor 11:1; Fil 4:9. De modo semelhante, Paulo fala para Timóteo que ele deve ser "um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza" (1 Tim 4:11-12)

Domingo, teriam sido partes chaves na estratégia instintiva da Igreja para nutrir os novos crentes.[17]

Muito importante para o nosso objetivo aqui é o primeiro ingrediente: a devoção aos ensinamentos dos apóstolos. Isso nos lembra que a formação de discípulas/os no Novo Testamento tem um elemento irredutível de instrução: existem verdades a serem recebidas e práticas a serem apreendidas. Também somos alertadas/os crucialmente sobre o fato de que, mesmo que somos discípulas/os de Jesus (e não dos apóstolos) a única maneira em que possamos realmente acessar a verdade de Jesus agora é através da mediação dos seus apóstolos escolhidos. Não podemos seguir Jesus sem seguir eles. Precisamos do seu testemunho fidedigno do Jesus Ressuscitado para seguirmos aquele mesmo Jesus autenticamente hoje. Em outras palavras, como discípulos de Jesus precisamos tanto dos Evangelhos quanto das epístolas (ambos são as palavras de Jesus e palavras sobre Jesus).

Então os encontros de adoração nos Domingos no Novo Testamento deviam incluir (como Paulo insiste que Timóteo faça) "a leitura das Escrituras em público, exortação e pregação" (1Tm 4:13). Essas práticas semanais eram o fundamento essencial para incentivar o discipulado fiel.

Mas esse compromisso dominical de receber os ensinamentos dos apóstolos continuava durante a semana? Tinham aulas a noite para os novos batizados? Principalmente, os novos crentes tinham uma exposição estendida ao que nós chamaríamos da "tradição de Jesus" (o material que está agora escrito nos Evangelhos)?[18] Historicamente isso é possível e faria bastante sentido: pois como os discípulos de Jesus poderiam seguir Jesus sem conhecer a sua história de vida ou o que ele falava? Colocado de outro jeito, elas/es também precisavam não apenas do conteúdo (emergente) das Epístolas, mas também o conteúdo (repassado com fé) dos Evangelhos.

Então podemos constar, seriamente, que havia uma proeminência durante o período do Novo Testamento dado ao que nós agora chamamos de 'catequese' - ou seja, a instrução deliberada e intencional na fé cristã sustentada durante vários meses ou mais. Lucas insinua esse fenômeno quando ele fala que Apolo foi "instruído no Caminho do Senhor" (At 18:25) e que Teófilo, a quem era dedicado, poderia "conhecer a verdade sobre as coisas em quais fostes instruído" (Lc 1:4). Em ambas as ocasiões ele usa o verbo kateekeo ("ensinar oralmente, muitas vezes por repetição") de onde veio a palavra "catechesis". E essa instrução foi focada apenas na doutrina? Não, as palavras firmes de Paulo em Efésios 4 deixam bem claro que essa catequese teria envolvido questões de ética, moral e estilo de vida: "*Mas não foi essa a maneira de viver que vocês aprenderam como seguidores de Cristo! Com certeza vocês ouviram falar dele e, como seus seguidores, aprenderam a verdade que está em Jesus. Portanto abandonem a velha natureza que está em vocês...*" (Ef 4:20-22).[19]

---

[17] O termo 'comunhão' (koinonia), que quer dizer 'partilhar em comum' ou 'parceria', não deve ser espiritualizado; este compromisso levava claramente a consequências muito práticas (veja Atos 2:45; 4:34-35), inclusive o cuidado com as viúvas (Atos 6:1; 1 Tim. 5:3-10). Para exemplos de reuniões de oração corporativas, veja Atos 4:23-31; 12:5 e 13:2 (que também inclui o jejum). Para a importância de 'partilhar o pão', veja o ensinamento de Paulo sobre a Última Ceia em 1 Cor 10-11.

[18] Para o argumento de que os convertidos de Paulo foram realmente treinados na tradição de Jesus, veja David Wenham, *Paul: Follower of Jesus or Founder of Christianity?* William B Eerdmans, 1995. E ainda, tinha sessões extras organizadas para os crentes com potencial para a liderança, para que podiam ser treinados no qual chamaríamos de Doutrina Cristã, Apologética ou Hermenêutica (no caso deles, como usar o Antigo Testamento na luz de Cristo)?

[19] Para uma discussão recente em favor da importância vital dentro do discipulado cristão de ajudar os novos crentes a serem 'treinados' em santidade e direito, vê Tom Wright, *Virtue Reborn* SPCK, 2010.

Em conclusão, fica difícil ser muito claro sobre os detalhes da formação de discípulos no Novo Testamento. Porém, o que sabemos é que foi incrivelmente bem sucedido. Independente dos detalhes precisos, a iniciativa em geral estava claramente dirigida pelo Espírito de Deus. E quando perguntamos qual era o seu "segredo", ou qual era o principal agente de crescimento da Igreja, tanto Pedro quanto Paulo chamariam atenção (como Jesus também tinha feito na parábola do Semeador: Lc 8:11-15) para o poder da palavra de Deus: "*Pois vocês, pela viva e eterna palavra de Deus, nasceram de novo.....Esta é a palavra que o Evangelho trouxe para vocês. Sejam como criancinhas recém-nascidas desejando sempre o puro leite espiritual*" (1Pd 1:23, 25b cf. 2:2).[20]

"*E agora eu os entrego aos cuidados de Deus e da palavra da sua graça. Pois ele pode ajudá-los a progredir espiritualmente...* " (Paulo em At 20:32).

Essas últimas palavras de Paulo aos anciãos efésios em Mileto dizem tudo. Como a igreja de Deus pode crescer em vez de murchar durante os anos (e séculos) difíceis a seguir? O que vai impedir as/os "discípulas/os" a serem "desviadas/os" por "lobos ferozes" (At 20: 29,30)? A resposta é sempre a palavra de Deus e a sua graça.

O discipulado intencional da Igreja Primitiva

A Igreja Primitiva era intencional no treinamento dos seus membros em viver toda a vida diária imitando Jesus. Na Igreja antiga, a formação cristã normal exigida de todos os (novos) membros da igreja era vista primeiramente como uma questão de catequese.

A catequese era considerada uma tarefa principal das lideranças da Igreja. Muitas das lideranças conhecidas da igreja antiga separavam tempo e energia para instruir novos crentes na fé, apesar das suas muitas tarefas administrativas.

Temos muitas obras catequéticas da igreja antiga, como o *Didâque* (50–150 dC), A *Prova do Ensino Apostólico* de Irineu (190 dC), *A Tradição Apostólica* de Hipólito, bispo de Roma (170–235 dC) e outros. As pessoas interessadas na fé cristã eram seriamente questionadas no início sobre as suas intenções, e depois entravam num período de três anos de aprendizagem.

No coração do ensino formador na catequese estavam as Escrituras Sagradas. Uma formação certa na Igreja ensinava as pessoas como viver e o quê acreditar, baseado nas Escrituras Sagradas.

Na igreja antiga o significado dos sacramentos era ensinado na catequese, não apenas como uma preparação para participar nestes sacramentos, mas também para tornar estes sacramentos uma parte importante da formação espiritual contínua depois que as pessoas entrassem na Igreja. Cada celebração do Sacramento lembrava o material e a ética aprendido durante a catequese.

Assim que a Igreja criou os Credos formais, eles foram usados no treinamento de novos fiéis. As pessoas novas no cristianismo tinham que decorar os Credos e precisavam de uma compreensão limitada, mas adequada do seu conteúdo e significado. Isso foi ensinado especificamente na catequese, mas também foi repetido na liturgia da Igreja. Em cada celebração isso lembrava os fiéis da base da sua fé.

[20] Na tradução do NVI, a palavra "espiritual" (logikos) ofusca o objetivo do Pedro aqui. Ele estava falando sobre a 'palavra' de Deus (logos) e agora diz que eles vão continuar a crescer se alimentando nessa palavra, como uma criança se alimenta no leite; uma tradução melhor talvez seria 'o leite da palavra de Deus'.

A Oração do Pai Nosso também fazia parte da instrução de novas pessoas seguidoras. Teriam aprendido de cor. Assim foram ensinadas a orar, e depois do batismo, durante a eucaristia, oravam essa mesma oração repetidas vezes. O que elas aprendiam durante o tempo da sua iniciação seria repetido toda semana na igreja e pelo resto das suas vidas.

O catecumenato formal era seguido por formação contínua. Havia uma continuidade entre os catecúmenos[21] ouvindo os ensinamentos da Igreja durante o seu tempo de iniciação nas celebrações da igreja, e ouvindo os mesmos ensinamentos pelos mesmos pregadores na missa diária e na celebração do Domingo depois do seu batismo.

Junto com o sermão, o batismo, a eucarística, o credo, a oração do pai nosso poderíamos incluir outros elementos litúrgicos como a confissão dos pecados e a anunciação do perdão, as leituras das Escrituras Sagradas, complementando uns aos outros com o abraço da paz, etc. A repetição semanal teve um papel importante na formação dos cristãos na igreja antiga.

A liturgia era a forma mais efetiva de formação da igreja antiga para todos os seus membros. Depois do período formal de instrução, seguido pelo batismo, os novos crentes recebiam o ensino da vida cristã através da liturgia da Igreja – a encenação verbal e visual de todos os aspectos da fé cristã sobre os quais eles aprendiam. Através da sua liturgia em todos os seus aspectos, os fiéis foram ensinados como serem verdadeiros seguidores de Jesus Cristo.

Esta formação cristã – o treinamento para o discipulado – acontecia na igreja, era comunal e liderado pela liderança da Igreja. Não era algo separado para aqueles que estavam interessados em aulas de discipulado, mas algo que todos os novos fiéis tinham que saber, inicialmente através do treinamento formal, e depois dos seus batismos, através da participação na comunhão de todos os santos na vida da Igreja.

[21] O termo significa aprendizes, de “catechesis”, o ensino

Capítulo 3 A Recente Teologia Católica Romana sobre a Formação de discípulos

À luz da ênfase colocada hoje pelo Papa Francisco no "discipulado missionário" é apropriado rever rapidamente alguns dos documentos antigos e a teologia católica relativa que emergiu do Conselho Vaticano II e mais recentemente. (Dado a natureza transformativa do Conselho Vaticano II para a Igreja Católica Romana, e as limitações deste documento, a teologia católica romana mais antiga e significante não será incluída aqui.)[22]

O Prólogo da Catequese da Igreja Católica começa com três seções simples nos quais somos lembrados que:

a) [Deus] chama homens e mulheres para buscá-lo, conhecê-lo, amá-lo com toda a sua força
b) Ele convida as pessoas para se tornarem, no Espírito Santo, os seus filhos adotivos
c) Todos os fiéis de Cristo são chamados para espalhar (o Evangelho)... através da profissão da fé, da vivência da partilha fraternal, e a celebração na liturgia e na oração.[23]

Essa expressão embrionária do discipulado holístico cristão e da formação de discípulas/os, porém, encontra escassa reflexão no corpo da catequese em si, onde a palavra discípulo é quase exclusivamente usada como uma referência histórica aos primeiros seguidores de Jesus.

Porém, se, ao em vez disso, desviamos o nosso olhar para os documentos do Concílio Vaticano II em si, (anteriores à Catequese) encontramos algo mais interessante.

Gaudium et Spes, famosa constituição, começa com as palavras,

> "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as ansiedades dos homens desta época, especialmente aqueles que são pobres ou aflitos de alguma forma, estes são as alegrias e esperanças, tristezas e ansiedades dos seguidores de Cristo. De fato, nada que é genuinamente humano deixa de causar um eco nos seus corações"[24]

Isso marcou a agenda para os seguidores (discípulas/os) de Cristo numa Igreja Católica renovada, voltada para fora, servindo ao mundo. *Gaudium et Spes* é considerada como um dos documentos conciliares mais abrangentes pois lida, na Parte 2 do documento, com muitos aspectos diferentes da existência humana – econômica, vida familiar, armamentos e paz, cultura e desenvolvimento internacional. Tendo discutido cada um desses assuntos com detalhes, o documento conclui,

"Sejam atentos às palavras do Senhor: Com isso todos saberão que vocês são meus *discípulos*, se vocês se amarem uns aos outros" (Jo 13:35), As pessoas que professam o cristianismo não devem querer nada mais ardentemente do que servir (o povo) desta época com crescente generosidade e sucesso... Assim as pessoas no mundo todo vão acordar para uma esperança viva".[25]

Aqui o discipulado é entendido claramente como sendo (a) relacionado a toda a vida, e (b) uma vida de testemunho que naturalmente 'desperta' as outras pessoas.

---

[22] Para mais leituras no assunto veja: Michael P Homsby-Smith *An Introduction to Catholic Social Thought* Cambridge University Press 2006

[23] Referências ao homem e homens devem, é claro, incluir mulheres ou simplesmente seres humanos.

[24] *Gaudium et Spes*, 1.

[25] Ibid., 93 (ênfase adicionada).

Dez anos depois, Paulo VI publicou o seu chamado para a evangelização católica *Evangelii Nuntiandi* no qual ele ligou firmemente o "encontro em Jesus" com a vocação missionária, dizendo, "depois da ressurreição de Jesus, o 'pequeno rebanho' se reúne em nome de Jesus para buscar o Reino juntos, construí-lo e vivê-lo."[26] Os ensinamentos de Paul VI sobre o caráter missionário do discipulado cristão teve uma influência muito forte em João Paulo II que, em 1990, publicou o seu próprio *Redemptoris Missio* que teve um foco ainda mais forte na proclamação ligada à vida do discipulado. "A Igreja existe", proclama, "para anunciar e inaugurar o Reino de Deus entre todos os povos."[27]

A história se cumpriu, para o nosso propósito aqui, com a publicação, em 2013, do *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, que fala da Igreja como uma "comunidade de discípulos missionários". Ele continua; "não podemos mais nos considerar como 'discípulos' ou 'missionários' mas sempre juntos como 'discípulos missionários'".[28] Neste documento a vida do discipulado e a vocação de formação de discípulos finalmente se tornam uma coisa só.

Além dos documentos oficiais da Igreja, missiologistas católicos como Stephen Bevans, Robert Schroeder, Sherry Weddell, Therese D'Orsa, Mark Francis e Anthony Gittins têm focado cada vez mais no impacto do discipulado holístico, de vidas vividas na glória de Deus através do Espírito Santo. Stephen Bevans em particular tem refletido sobre a compreensão de discípulos missionários e como ligar isso ao cultivo de uma espiritualidade missionária.

[26] *Evangelii Nuntiandi* 13
[27] *Redemptoris Missio* 18
[28] *Evangelii Gaudium* 120

Capítulo 4 O Discipulado na Tradição Ortodoxa

O discipulado como conceito não é muito familiar nas comunidades ortodoxas hoje, fora dos círculos monásticos, mas nem sempre foi assim.

Nos primeiros três séculos da história cristã, era possível traçar linhas ininterruptas de genealogia espiritual, até os apóstolos de Cristo. Além de ser a maneira natural pelo qual o *kerygma* apostólico era transmitida e o seu caráter formado, tais relações de autoridade eram muito importantes, especialmente nos tempos de perseguição que dominaram aquele período, quando as pessoas convertidas à fé cristã muitas vezes tiveram que pagar o preço supremo pela sua decisão religiosa.

A situação mudou radicalmente depois do Edito de Milão (313 dC), quando, de repente, ser cristão virou moda. Isso acabou substancialmente com os instintos de formação de discípulas/os herdados dos tempos apostólicos. Mas essa tradição não desapareceu completamente, pois perpetuou entre os Padres e Madres do Deserto, que, pelo menos no início, se retiravam para comunidades monásticas, especialmente na Palestina e no Egito, como uma reação às comunidades cristãs se acomodando com o estilo de vida do mundo secular. Nessas primeiras comunidades monásticas, a formação cristã de novas/os discípulas/os era o papel dos seguidores de Cristo mais maduros (abbas e ammas), assim como acontecia nas comunidades cristãs nos séculos anteriores. Era um modelo enraizado numa visão mística, e fortalecido por uma ênfase nas práticas ascéticas, com o objetivo de crucificar as paixões da carne.

Podem perguntar: o que aconteceu com a formação cristã daqueles que continuaram a viver na sociedade? O interessante é que quando chegou a notícia dos monges do deserto nas grandes comunidades cristãs ao redor do mundo, alguns cristãos começaram a visitar as comunidades monásticas do deserto, na busca por modelos e fontes de enriquecimento espiritual. É claro que isso suplementou a influência dos bispos e presbíteros comprometidos, que muitas vezes pagavam um alto preço por falar em público contra aqueles que seguiam os caminhos do mundo.

Esse modelo duplo do discipulado cristão dominou a maior parte do resto da história ortodoxa. Com tempo, as comunidades monásticas se tornaram cada vez mais influentes, tanto que podemos dizer que o discipulado na ortodoxia é dominado pelo modelo monástico.

Um conceito teológico chave da compreensão e prática ortodoxas do discipulado é a *teose*, que infelizmente é mal interpretado como sendo uma declaração de que os seres humanos podem ser deificados, se tornarem Deus. Isso é uma interpretação equivocada de *theosis*, um conceito poderoso que se baseia em inúmeros textos bíblicos.[29] Esse conceito nos ajuda a entender que, quando nós nos abrimos para Deus, nos tornamos receptores da vida de Deus e começamos a refletir mais fielmente a glória de Deus. A *theosis* não se trata de uma mudança da nossa essência (permanecemos plenamente humanos), mas de nos tornarmos plenamente vivos e mais humanos, assim como a humanidade deve ser, porque permitimos que sejamos preenchidos e até encharcados pela vida de Deus. O discipulado nos leva nesse caminho até que não enxergamos mais o espelho (humano), mas apenas o reflexo da glória de Deus.

[29] Veja particularmente 2Pd 14 e 2Cor 3:18

As limitações do texto nos obrigam a pular séculos da significante história ortodoxa para poder chegar nos tempos atuais. O modelo místico e ascético do discipulado cristão promovido pelos Padres Orientais ainda predomina na Igreja Ortodoxa hoje. Se a nossa sugestão estiver certa, seria apropriado perguntar como essa visão monástica da espiritualidade cristã ainda responde às necessidades dos ortodoxos vivendo em ambientes seculares. É como resposta a essas necessidades que o Instituto para Estudos Cristãos Ortodoxos criou "O Caminho", um curso para o catecismo adulto, semelhante ao Curso Alpha. Porém grande parte das comunidades ortodoxas nos países de maioria ortodoxa tem pouco interesse nessas iniciativas, sendo dominado por uma nostalgia pelos tempos em que tinham uma posição dominante na sociedade. Mesmo assim, enquanto o secularismo progride, os cristãos ortodoxos serão obrigados a enfrentar o desafio de reinventar o discipulado cristão no novo contexto, à luz da sua tradição e formação espiritual.

Capítulo 5 A História da Teologia Anglicana na Formação e para o Discipulado Anglicano

A Reforma Inglesa do século 16 aconteceu dentro de uma cultura de catequização européia bem mais abrangente. Aquele século viu a criação de material catequético e/ou confessional em quase todas as tradições cristãs; aquele criado pelo católico Melchior Cano, do Concílio de Trento, de Lutero, Heidelberg e outros. O interesse pela catequese já estava crescendo no século 15, mas as grandes divisões espalhadas ao longo do século seguinte colocaram muita lenha no fogo da catequese, onde diferentes grupos procuraram solidificar os ensinamentos do seu grupo particular contra os erros dos outros cristãos. Todos os cristãos da época tendiam a enxergar a verdade usando o intelecto, e, então, para eles a essência do Evangelho pode ser comunicada melhor através da educação formal. Na época, a invenção da educação pública (não denominacional) na Europa estava ligada a essas dinâmicas. As igrejas, tanto nas regiões protestantes quanto nas católicas, tomavam conta da educação, apoiadas pelas autoridades civis, com a educação religiosa no centro.

A Igreja da Inglaterra reformada seguiu um caminho especial nesses desenvolvimentos mais abrangentes. Diferente de muitos vizinhos continentais, os ingleses não instituíram a educação pública, mas em vez disso a alfabetização era ligada diretamente à catequese da Igreja, geralmente ligada ao pároco ou auxiliar. Assim, a Inglaterra continuou seguindo um modelo medieval. Mas com as reformas no início dos anos 1530, esse modelo foi governado por valores explicitamente protestantes do conhecimento das Escrituras e da aprendizagem espiritual, como podemos observar no Prefácio de Cranmer na Bíblia Inglesa de Henrique VIII. Portanto, mesmo que Cranmer manteve um catecismo bastante medieval (e curto) no seu Livro de Oração Comum (LOC), as presunções em relação ao seu uso foram muito protestantes: isto é, no ensinamento da catequese (geralmente antes da confirmação), Cranmer e os seus sucessores entenderam que a Catequese em si seria apenas uma base para uma elaboração escritural bem mais abrangente realizada pelo pároco, de um jeito que pode ser adaptado aos vários públicos. O grande presbítero-poeta anglicano George Herbert testemunhou isso, quando descreve como o conhecimento teológico de um presbítero é baseado na catequese paroquial:

> *O pároco rural também leu os ancestrais, os estudiosos, e os escritores mais recentes, ou, pelo menos, grande parte deles, com os quais ele compilou um livro e um corpo de teologia que constitui o estoque dos seus sermões.... Esse corpo ele construiu expondo o Catecismo da Igreja, a qual toda a divindade pode ser reduzida. Porém o pároco, além do seu trabalho árduo, tem uma forma mais leve de catequizar, mais apropriado para as pessoas do campo; ele usa um ou outro, de acordo com o seu público, ou às vezes os dois, se o público for misturado.*[30]

Até 1570, o Catecismo semioficial de Alexander Nowell, baseado no modelo do LOC, estava com centenas de páginas, e Inglaterra já tinha experimentada uma proliferação de outros catecismos impressos. Em todos os casos, essas elaborações catequéticas diversas compartilhavam dois aspectos centrais: eles estavam escrituralmente envolvidos e amarrados ao vernáculo bíblico, e mantiveram a antiga estrutura catequética do Credo, dos Mandamentos, da Oração do Pai Nosso, e dos Sacramentos. O uso dessa forma foi emanado pela própria rubrica do LOC até a revisão de 1662:

> O coadjutor de cada paróquia, ou outro que ele nomeie, deve, diligentemente, nos domingos e feriados, meia hora antes da oração vespertina, abertamente na igreja instruir e examinar quantas crianças da paróquia que fossem mandadas até ele, assim que ele achasse conveniente, usando alguma parte do Catecismo.

[30] De *Priest to the Temple* (1632), cap. v

Mais de 800 catecismos ingleses diferentes já foram identificados dos séculos 16 e 17. Milhões de cópias foram publicadas e distribuídas durante esse tempo, todos testemunhando a "ortodoxia nada espetacular" e o "protestantismo não dogmático", como colocou um estudioso (Ian Green). Foram usados nas paróquias, nas casas e nas escolas particulares mais formais e a sua disseminação e uso bem-sucedidos contribuíram para que a Inglaterra, no meio do século 17, se tornasse a nação mais letrada e, especialmente, a nação mais letrada em Bíblia no mundo.

Mas o sucesso catequético da Igreja da Inglaterra, que propagou amplamente um conhecimento geral cristão, também resultou num enfraquecimento das noções mais particulares e pessoais de fé. Já até no meio do século 17, ouvimos falar de presbíteros anglicanos denunciando que a "pregação puritana acabou com o catecismo".[31] O foco homilético puritano servia para ensinar, é claro; mas para fazê-lo de acordo com visões teológicas muito específicas e, mais importante, com uma visão da renovação e conversão. Depois das Guerras Civis no meio do século 17 e a proibição durante uma década no Anglicanismo do Livro de Oração, o conversionismo puritano foi desacreditado como programa para a igreja toda. A restauração do anglicanismo episcopal do Livro de Oração na década de 1660 também desencadeou novas energias em volta da missão: primeiro em termos de renovar a vida da paróquia e depois, no século 18, em termos da pastoral cristã fora da Inglaterra. Em ambos os casos, aspectos de puritanismo encontraram o caminho de volta para a vida formativa da Igreja da Inglaterra.

Também é importante lembrar que, em cada século, houve muitos líderes cristãos que não estavam preocupados apenas em ensinar a fé, mas também em enviar as pessoas para um ministério ativo com outras – orando com os doentes, combatendo a pobreza, libertando os oprimidos, etc. No século 16 John Baxter, e no século 18 John Wesley, tinha ministérios ativos de oração e cura. O teólogo do século 17, John Owen, escreveu bem claramente sobre a necessidade da implementação ativa dos dons do Espírito. A catequese e a "capacitação dos santos" para o ministério prático sempre andam de mãos dadas.

A novidade mais importante do final do século 17 foi a invenção e estabelecimento das sociedades religiosas na Inglaterra. Esse grande movimento deve a sua origem a um luterano alemão, Anthony Horneck. A ideia era de ter grupos locais da paróquia reunindo regularmente sob a supervisão de um presbítero para oração, estudo bíblico, instrução e obras de caridade. A ideia pegou e as sociedades proliferam em Londres e depois ao redor do país todo, influenciando também grupos pietistas na Alemanha. Mais especificamente, sociedades missionárias emergiram desse movimento, mas geralmente com o aspecto formativo ou oração e estudo das escrituras intactos.

Entre os líderes dessa visão missionária estava o Thomas Bray, um pároco com enorme energia e visão para levar a catequese pelas paróquias de Grã-Bretanha e América do Norte. Ele capacitou professores locais, usando a capacitação da Igreja: Bíblia, Catecismo, hinário, e outros livros (incluindo o seu próprio catecismo de vários volumes). Bray fundou a "Society for Promoting Christian Knowledge" (SPCK) *Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão* em 1698, que procurou oferecer às paróquias e ao clero material de ensino impresso; e em 1701 ele ajudou a fundar a Society for the Propagation of the Gospel in Foreign Parts (SPG), *Sociedade pela Propagação do Evangelho no Exterior*, o primeiro grupo explícito missionário da Igreja de Inglaterra. Bray foi um instrumento no apoio ao clero na colônia de Maryland, o qual ele visitou, e promoveu o que seria um elemento chave na missão anglicana, ou seja, o catequista leigo. Por causa da morte de alguns clérigos nas colônias, a liderança leiga se tornou inevitavelmente importante. Bray incentivou o uso de

[31] Robert Shelford, Five Discourses, p. 75

‘conferências’ catequéticas nas colônias, como as sociedades religiosas inglesas: e essas finalmente abriram lugar para um movimento mais aberto de catequistas leigos nas igrejas no exterior.

Bray compartilhou o mesmo foco teológico de outros anglicanos renovados da sua época: ele foi um primitivista, no sentido de que ele tinha a igreja primitiva apostólica como modelo para uma vida cristã realizada, e acreditava firmemente que a base da vida cristã era a aliança da graça que cada pessoa recebia no batismo. As duas áreas de visível testemunho fervoroso, bem como o engajamento ativista, vierem desse foco: os cristãos foram chamados para oferecer um testemunho vital incorporado na sociedade, e engajar nos mandamentos morais da aliança com Deus com muita energia. Ensinar, formar e discipular seguiram esse foco. Dois elementos específicos desenvolveram e se juntaram a essa *missão da sociedade religiosa* no século 18, aguçando o foco teológico: primeiro, as sociedades metodistas de John Wesley, derivadas das mesmas fontes que as de Bray, adicionaram um aprofundamento revivalista e organizacional; segundo foi o florescimento da catequese para crianças (por exemplo, por Isaac Watts).

Na medida em que a missão anglicana evoluía, surgiu o instrumento de formação essencial para a sua extensão: o catequista individual leigo, que se tornou o meio motivador de ensino e de renovação. De fato, o trabalho de missão e de discipulado dos catequistas se tornou o elemento mais duradouro e influente do anglicanismo mundial. A SPG e mais tarde a Church Missionary Society (CMS, 1799) (Sociedade Missionária da Igreja) implementaram o catequista como o seu principal meio de missão. Vale a pena citar o Henry Venn, líder da CMS no meio do século 19, sobre essa questão, uma vez que a compreensão dele sobre o papel do catequista foi algo que ele herdou: o catequista local, criado dentro da comunidade eclesial indígena, muitas vezes através da escola da igreja estabelecida por missionários, seria o meio pelo qual os ensinamentos tradicionais anglicanos seriam disseminados em todas as culturas e até as áreas ainda não evangelizadas. Venn descreve isso em geral:

> Mas por respeito à comunidade nativa organizada, o missionário não deve mais tomar a frente, mas deve exercer a sua influência *ab extra*, encorajando e orientando os pastores nativos a guiar os seus rebanhos, e providenciando para a igreja nativa pessoas aptas para o ministério, sejam elas catequistas, pastoras ou evangelistas, no papel, que seria prontamente cedido a elas, de conselheira da igreja nativa, procurando elevar a sua vida cristã e a sua energia ativa contra o paganismo ao redor dela.[32]

Venn enfatiza o caráter apostólico do trabalho do catequista, como uma imagem do testemunho de São Paulo fazendo tendas, no seu discurso sobre uma missão da CMS em Ceilão:

> Mais de 100,000 *coolies*[33], principalmente do Sul da Índia, se congregam nessas plantações: de dez a doze catequistas nativas trabalham junto com eles. Todos os custos desses catequistas são cobertos por recursos locais. Esses catequistas nativos devem ficar sob seu treinamento e monitoramento, e através deles você deve procurar melhorar a vida espiritual dos *coolies* cristãos, e induzir os *coolies* pagãos a entrarem no rebanho de Cristo. A sua posição será muito semelhante àquela que o nosso abençoado Senhor tomou com os seus doze apóstolos, e que o Seu Espírito seja abundantemente derramado sobre vocês.[34]

[32] Henry Venn, Memoirs, pp. 169-70
[33] Nota da tradutora: trabalhadores braçais asiáticos.
[34] Henry Venn, pp. 174-75 – Memoirs

Finalmente, Venn encaixa a própria formação do catequista dentro da educação teológica da Igreja:

> O professor nativo, que se considera 'apto para ensinar' é contratado para o ofício de catequista. O ofício de catequista sempre foi reconhecido pela Igreja de Cristo para o trabalho evangelístico, a sua função sendo de pregar aos pagãos, e ministrar nas congregações dos convertidos até que tenham um pastor nativo.[35]

Devemos gravar bem essa ordem de formação: o missionário cria o catequista (geralmente através da escola anglicana local), que então se torna o pastor local, deixando o missionário sem função naquele lugar. Na verdade, desde o início do século 19, na Índia, na África e depois no Oriente e nas Américas, a educação teológica formal era focada no catequista, que era treinado localmente, ou depois nos crescentes centros de treinamento bíblico. A preparação para a ordenação era reservada por apenas alguns, e, na verdade, existiam poucas escolas para isso. Embora mais tarde nos séculos 19 e 20 as escolas para os catequistas missionários foram fundadas na Inglaterra, a maior parte do treinamento dos catequistas era local, e apoiado por recursos diocesanos locais ou das sociedades missionárias.

O que os catequistas nativos aprendiam e o que e como eles ensinavam? Na maior parte, eles aprendiam primeiro a ler, e depois estudavam os elementos tradicionais do programa catequético anglicano: a Bíblia, os Credos, os Mandamentos, a Oração do Pai Nosso e os Sacramentos. Esses elementos eram ensinados de forma básica, usando, quase exclusivamente, textos chaves traduzidos (pois os livros mais elaborados só existiam em inglês). Esse material das escrituras e do LOC era digerido, muitas vezes, de maneira subconscientemente adaptada à cultura local, e levado pelo catequista às áreas rurais e aldeias onde moravam e trabalhavam. Cada catequista compartilhava esses elementos com os seus compatriotas de forma diferente. Agindo primeiramente como evangelistas, também se tornaram lideranças congregacionais e professores mais formais para os novos cristãos e seus filhos se preparando para o batismo. Quando a conversão baseada no reavivamento surgiu, por exemplo, na África Oriental nos anos 20, os catequistas muitas vezes assumiam papel de líderes para as sociedades religiosas de estilo metodista que estruturaram o reavivamento: liderando as orações e hinos, testemunho confessional e estudos bíblicos.

O movimento catequista foi a espinha dorsal de quase toda a missão anglicana a partir do século 19, na África, na Índia, na América do Norte incluindo o Ártico, Austrália e mais (exceção foram os Estados Unidos, onde a formação oficial permaneceu, na maior parte, centrado no clero, exceto no caso das escolas anglicanas). Envolveu até missão anglicana aos judeus. A Bíblia, o Livro de Oração Comum, os hinários e, às vezes, alguns livros incomuns como os catecismos de Watts, foram todos traduzidos para a língua local e se tornaram um meio para a formação no discipulado, adaptado para usar nas mãos do catequista individual local. Como John Pobee escreve:

> O catequista… é o herói anônimo da história da igreja na África. Muitas vezes ele era um professor ou um simples mortal que preparava o caminho para o missionário ou presbítero, nutria a congregação, ganhava almas para a igreja, e ficava com os pobres na base. Ele era o santo em qual focava-se a comunidade cristã… Talvez a história de Joseph Quashie (1900–1983), pai do Reverendíssimo Kobina Quashie, bispo aposentado de Cape Coast, é o exemplo mais profundo. Mesmo tendo apenas educação fundamental, e depois de trabalhar como escrivão nas Minas de Ouro de

[35] Henry Venn, p. 412

> Aboso, em 1936, ele participou de um treinamento de catequista durante um ano no St Augustine's Theological College, Kumasi. Depois disso, Quashie cuidou de uma congregação em Bogoso na Região Oeste. Em 1952 ele estava no treinamento de catequistas em Mampong, Ashanti. E então continuou cuidando de congregações nas regiões central, oeste e leste de Ghana. Depois de se aposentar em 1972, ele se mudou para Madina, perto de Legon e a Igreja Anglicana de Madina foi o primeiro fruto do seu zelo evangelístico.[36]

As realidades contemporâneas dentro da Comunhão Anglicana têm mudado decisivamente no Ocidente, e estão num processo de mudança em outros lugares. As escolas não são mais os lugares onde a alfabetização está ligada à aprendizagem das Escrituras, e nem à formação da igreja em geral; o Livro de Oração (LOC) não está sendo mais usado tanto; a catequese, como uma organização fundamental da vida cristã tem poucas ferramentas comuns para usar. Então,

a) Há uma maior dependência na celebração para formação, mas com a dissolução do uso unificado do LOC, teve uma redução na celebração e na regularidade em comum.
b) Houve um acréscimo de interesse nas técnicas de reavivamento, através da influência do evangelismo norte americano, movido pela mídia, e essas entraram nos centros de adoração; não havia uma preparação comparável de catequese;
c) De fato, a catequese está quase desaparecida no Ocidente como elemento formal e central da vida;
d) O estudo bíblico permanece, junto com alguns elementos dos pequenos grupos, mas com pouca ligação comum ou formal com a vida cotidiana da igreja.

Em contraste, temos percebido um novo *interesse* pela catequese anglicana, com o Projeto de Catequese do Hemisfério Sul e outras iniciativas semelhantes na Comunhão Anglicana. Essas iniciativas marcam um novo reconhecimento da perda do foco da catequese anglicana, mas ainda aguardam uma integração institucional significante dentro das igrejas da comunhão.

[36] John S Pobee, *The Anglican Story in Ghana: From Mission Beginnings to Province of Ghana*, African Books Collective, Amanza Ltd., Kaneshie-Accra: 2009, pg. 224-230

Capítulo 6 As Cinco Marcas de Missão

Como Anglicanas/os, valorizamos as "cinco marcas de missão", que começam com a pregação do Evangelho e o chamado para uma conversão pessoal, mas que envolvem toda nossa vida.[37]

As Cinco Marcas de Missão começaram apenas com quatro na sexta reunião do Conselho Consultivo Anglicano (CCA-6) em Badagry, Nigéria em 1984.

Uma quinta marca foi adicionada em 1990 pela CCA-8, contemplando as implicações missiológicas e bíblicas da criação e da evidente crise que a humanidade e toda a natureza estavam enfrentando, e que precisavam de uma resposta cristã. Adotando a nova quinta marca de missão, a ACC-8 declarou, na sua reunião no país de Gales, que "Agora sentimos que a nossa compreensão da crise ecológica, e das ameaças à unidade de toda a criação, nos levam a adicionar essa quinta afirmação."[38]

As Cinco Marcas de Missão não são apenas uma expressão significante de uma declaração comum da Comunhão Anglicana sobre missão, mas também uma expressão importante da compreensão holística da Comunhão sobre a Missão de Deus.

Por definição a missão do Deus Triúno é holística, porque tem como foco central, toda a criação, a criação humana e não humana, e compreende a totalidade do humano com seus aspectos físicos, emocionais, psicológicos, sociais e espirituais.

A Missão, então, é "a maneira em que Deus ama e salva o mundo"[39] e no cerne dessa missão está o "movimento do amor de Deus pelo povo (e pelo restante da criação)"[40] no qual "a Igreja [todo o Corpo de Cristo] como instrumento para a missão" foi chamada a participar. Portanto, a Missão de Deus está bem no centro da vida e existência da Igreja e do serviço e ministério cristãos.

A narrativa bíblica na qual são fundamentadas as Cinco Marcas de Missão começa com a criação, onde a humanidade é o clímax, mas em seguida disso vêm as relações desmanchadas: entre o humano e Deus, entre os próprios humanos, e o resto da criação. Porém a narrativa termina com as relações restauradas em Jesus Cristo pela sua vida, ministério e morte.

Como a vida e ministério de Cristo foi para trazer a cura, integridade e reconciliação da criação de Deus (humana e não humana), as Cinco Marcas de Missão expressam a natureza reconciliadora e curativa da Missão de Deus.

---

[37] Lambeth Indaba*: Capturing Conversations and Reflections from the Lambeth Conference 2008. Equipping Bishops for Mission and Strengthening Anglican Identity*, Conferência de Lambeth 2008, pg. 8–9.

[38] *Mission in the Broken World: Report of the ACC-8 Wales 1990* (London: Church House Publishing, 1990) (Secretário Geral do Conselho Consultivo Anglicano). As Cinco Marcas de Missão são: Proclamar as Boas Novas do Reino; ensinar, batizar e nutrir novos fiéis; responder às necessidades humanos com serviço de amor; buscar transformar as estruturas injustas da sociedade, combatendo qualquer tipo de violência, e buscar a paz e a reconciliação; procurar salvaguardar a integridade da criação e sustentar e renovar a vida na terra. Veja mais detalhes sobre as Cinco Marcas de Missão e outros recursos associados em: http://www.aco.org/identity/marks-of-mission.aspx.

[39] *The Official Report of the Lambeth Conference 1998: Transformation and Renewal, July 18–August 9, 1998* (Harrisburg, PA: Morehouse, 1999), pg. 121.

[40] *Lambeth Indaba (pg. 8).*

A compreensão da Comunhão Anglicana em relação à missão é orientada pela ideia de que o amor incondicional de Deus é para todas as pessoas, e, portanto, a Igreja trabalha com vários grupos numa maneira que respeita e protege a sua dignidade humana e o seu valor como filhas/os de Deus, independente da sua etnia, fé, status social ou político etc.

As Cinco Marcas, portanto, são firmadas e moldadas por esse entendimento da missão holística e integral de Deus. As pessoas anglicanas procuram "proclamar as Boas Novas do Reino" em palavras e ações, fomentando "responder às necessidades humanas através de um serviço de amor, buscar transformar as estruturas injustas da sociedade e procurar salvaguardar a integridade da criação e sustentar e renovar a vida na terra".

As Cinco Marcas de Missão demostram que a Missão de Deus é muito mais profunda e mais abrangente que as vezes percebemos e mostra que a missão de Deus muitas vezes (ou talvez sempre) é integral, contextual, pessoal, local, nacional e global – uma realidade essencial no nosso mundo hoje!

Nesse sentido as "Cinco Marcas de Missão podem ser consideradas como o DNA da missão holística e integral de Deus, pois, ainda que cada marca seja completa em si, ela ainda é uma parte importante do todo e contribui para o todo."[41]

Mesmo que nem todas/os as/os anglicanas/os ou episcopais ouviram falar das Cinco Marcas de Missão, provavelmente é a única declaração bastante conhecida sobre missão publicada por e para a Comunhão Anglicana e é muito usada em toda a Comunhão e por outras denominações.

As Cinco Marcas de Missão são um modelo para o ministério inclusivo, bem como uma ferramenta útil. Não são uma definição perfeita nem completa de missão, mas uma base importante para uma abordagem holística de missão. Várias províncias e dioceses anglicanas têm desenvolvido recursos baseados nas Marcas de Missão que são usadas para capacitar os membros para viverem essas marcas no seu contexto como expressão da sua fé. Os recursos incluem estudos bíblicos, reflexões para quaresma, orações, material de liturgia e louvor, materiais para engajamento na comunidade e direitos humanos.

Revelador nas Cinco Marcas da Missão é a realidade de que a Missão é vivida no cotidiano do seguidor de Cristo batizado, em obediência e resposta ao chamado de Cristo para ser testemunho do Reino de Deus.

[41]Ross, Cathy (ed); *Life-widening Mission – Global Anglican Perspectives,* Oxford: Regnum Books, 2012 (p.147)

Capítulo 7 A Cura e o Discipulado

Para cada discípulo de Cristo, há uma indagação pessoal e transformadora do significado do ser humano, trazido por Deus e crescendo na semelhança do seu Filho, Jesus Cristo. A compreensão cristã da cura e da integridade é um aspecto único da nossa fé: ela nos dá uma ideia da missão e ministério de Deus nesse mundo para toda a eternidade. Os objetivos desse ministério alcançam até os últimos limites da experiência humana, como foi expresso em 1990, pelo Conselho Mundial de Igrejas, que descreveu a saúde como:

> um estado dinâmico de bem-estar do indivíduo e da sociedade, de um bem-estar físico, mental, espiritual, econômico, político e social – de estar em harmonia uns como os outros, com o meio-ambiente e com Deus.[42]

No ano de 2000, em Pentecostes, o relatório "A Time to Heal" (Um Tempo de Cura) foi publicado em nome da Câmara dos Bispos da Igreja de Inglaterra, e circulou entre todos os Primazes da Comunhão Anglicana. O relatório fala sobre o estado do ministério da cura no início do terceiro milênio e oferece recomendações extensivas para o desenvolvimento desse ministério e a sua integração plena na vida das comunidades cristãs. No relatório, o ministério da cura é definido como:

> ***VISIONÁRIO*** *– porque nos guia em direção ao futuro e a uma visão do Reino, a esperança da criação renovada num estado perfeito de saúde e integridade*
>
> ***PROFÉTICO*** *– porque nos chama para reconsiderar a nossa relação com Deus, com os outros e com o mundo e para buscar o perdão e um novo começo nas nossas vidas*
>
> ***DINÂMICO*** *– porque Jesus Cristo está conosco até os finais dos tempos: quando oramos pela sua ajuda, ele nos conforta, nos fortaleça e nos cura, respondendo às nossas mais profundas necessidades.*[43]

Este entendimento mais profundo da cura de Cristo expressa o principal objetivo de Deus para toda a criação e o seu desejo pelo nosso crescimento na santidade e na integridade além da nossa vida humana, através de bênçãos de fé, esperança e amor, para uma vida eterna no Seu Reino. A cura dessa maneira transcende o pecado e a morte, assim como Jesus nos mostra o Caminho através da sua própria morte, ressureição e ascensão.

Em relação ao sofrimento, a doença e as relações rompidas são características da existência humana compartilhadas universalmente, a oferta da reconciliação e cura através do amor, compaixão e misericórdia de Deus também está fixado num tempo cronológico. Assim, um aprofundamento em relação à cura e bem-estar holísticos de toda a criação de Deus é central para as formas contemporâneas e emergentes do discipulado: é a terra fértil na qual a fé cristã e o discipulado possam ser construídos, de maneira em que engajam toda a condição humana: passado, presente e futuro.

Aprender a entender isso e viver o Evangelho no mundo de hoje envolve integrar e expressar a cura e reconciliação de Deus nas nossas próprias vidas e possibilitando que isso aconteça também na vida daqueles que estão ao nosso redor. Essa maneira de viver a fé transcende todas as barreiras: cada aspecto do discipulado e do serviço em nome do Senhor

---

[42] file:///C:/Users/Johnk/Downloads/2.CTH_definitions_and_glossary_13.6.2007.pdf, e também veja *A Time to Heal: The Development of Good Practice in the Healing Ministry. A Hand Book* (London: Church House Publishing, 2000) p. 377.

[43] *A Time to Heal*; veja a última página do livro.

deve incluir a cura e a reconciliação, para nós, para os outros e para a criação de Deus. Um dos desafios e oportunidades mais profundos hoje para a Igreja é de adotar essa compreensão e possibilitar o povo de Deus a viver essa realidade diariamente.

A resolução da Conferência de Lambeth de 1978, "Resolução 8 – (O Ministério de Cura da Igreja) afirmou e destacou o ministério de cura na Comunhão Anglicana, e declarou o seguinte,

> A Conferência louva a Deus pela renovação do ministério da cura nas Igrejas nos últimos tempos e reafirma:
> 1. que a cura dos enfermos em seu nome é parte tão importante da proclamação do Reino quanto a pregação da Boa Nova de Jesus Cristo;
> 2. Que negar esse aspecto do ministério é diminuir a nossa parte na atividade redentora total de Cristo;
> 3. que o ministério aos enfermos deve ser um elemento essencial em qualquer revisão da liturgia (veja o Relatório da Conferência de Conferência de Lambeth de 1958, p.2.92).

A resolução nº 73 da Conferência de Lambeth de 1930 foi enfático não apenas em relação à necessidade da preparação espiritual antes de participar nas sessões de cura, mas também na colaboração com aqueles envolvidos nas profissões médicas, pois a cura tem a ver com a pessoa inteira ou a integridade:

> **Resolução 73 – O Ministério da Igreja – o Ministério da Cura**
> a. A Conferência confia à Igreja "O Ministério da Cura" (SPCK, 1924), no Relatório de uma Comissão montada de acordo com a Resolução 63 da Conferência de Lambeth de 1920.
> b. Os métodos da cura espiritual, como a unção ou a imposição das mãos, devem ser usados apenas conjuntamente com oração e preparação espiritual.
> c. Há uma necessidade urgente para a cooperação entre clérigos e médicos, pois o tratamento espiritual físico são complementares e igualmente necessários para um verdadeiro bem-estar.
> d. Considerando que o ministério da Igreja é um ministério para o homem na sua íntegra, é muito importante que o clero se capacite para um maior entendimento da conexão íntima entre os problemas morais e espirituais e as doenças mentais e físicas.

Os Instrumentos da Comunhão têm feito declarações e resoluções semelhantes chamando a atenção das igrejas da Comunhão para a importância de exercer o ministério.[44]

O ministério da libertação como missão e ministério

Oito das vinte e sete curas relatadas nos Evangelhos estão associadas ao exorcismo e libertação, e inclui quando Jesus mandou os espíritos impuros e malignos deixarem as pessoas que foram afetadas.[45]

O ministério da libertação é uma dimensão chave de missão e ministério. De toda a grande variedade de ministérios para quais os discípulos de Cristo são chamados, a libertação se destaca, pois foi dado por Jesus Cristo (Mt 10:1-16; Mc 3:13-19, 7:7-11; Lc 9:1-2). É parte integral da missão dada por Jesus Cristo aos discípulos que se tornariam os Doze Apóstolos;

---

[44] Veja ACC-6, **Resolução 16: Ministério da Cura**. Em Preparação para Lambeth 1988 o Conselho recomenda que considera com seriedade o papel do ministério da cura nas Escrituras, junto com o seu funcionamento, relevância e importância potencial na Igreja de hoje e na sua missão

[45] A Time to Heal (Tempo de Cura): p.167, 170, 171

para pregar e ensinar sobre o Reino de Deus como a Boa Nova ou o Evangelho, para curar as pessoas doentes e expulsar demônios.

Porém, o ministério da libertação e exorcismo não é um ministério para todos os membros: é um aspecto distinto do ministério apostólico confiado àqueles com quem o bispo escolhe compartilhar esse aspecto do ministério. Embora todos as pessoas cristãs podem e devem orar pela libertação do mal, o Pai Nosso sendo a oração mais conhecida, nem todas essas pessoas são chamadas por Deus ou pelo bispo para ser exorcista.[46]

A Libertação foi definida como:

> um livramento das influências dos espíritos maus que oprimem ou impedem a resposta do indivíduo à graça salvífica de Deus. É uma oração de um indivíduo ou grupo de cristãos por alguém que está sendo perseguido por um espirito ruim[47]

O principal objetivo desse ministério é libertar a pessoa que está procurando ajuda através de um relacionamento pessoal com nosso senhor Jesus Cristo. É um ministério de cuidado pastoral, da Palavra, da oração e do sacramento, que está intrinsecamente ligado ao discipulado, formação espiritual e crescimento íntegro.

O ministério da libertação e do exorcismo não deixou de ser parte do mandamento do Senhor: é um aspecto do ministério episcopal na vida da Igreja hoje.

A libertação do mal e as preocupações sobre questões paranormais afeta as pessoas de todo tipo, idade, gênero, raça, situação econômica e etnia. Algumas pessoas que procuram ajuda na Igreja têm pouca ou nenhuma experiência como membro de uma igreja ou a deixaram por vários motivos. Muitas vezes têm procurado respostas pelas suas preocupações ou dúvidas em outras fontes antes de procurar a Igreja. Consequentemente é de importância fundamental reconhecer que cada caso é único, porque cada pessoa é única, para entender o contexto e histórico e respeitar os indivíduos envolvidos.

Então, um desafio importante no ministério da libertação, que também é uma oportunidade preciosa para ensinar sobre a Boa Nova do Evangelho, é ajudar a pessoa a peneirar as ideias e crenças que acumulou na sua busca, para discernir espiritualmente o que é cristão e combatível com os ensinamentos do cristianismo e o que não é, o que é de Deus e o que não é.

Cada caso tem um contexto do passado e um do presente e envolve esperanças e medos para o futuro, individualmente e como grupo. Muitos dos problemas estão ligados às 'questões da vida' incluindo a nossa percepção da mortalidade e a morte, a sua experiência de fé e sua visão de mundo, e a sua busca por respostas confortantes às grandes perguntas sobre o que vem depois. Essencialmente, o ministério da libertação é um portal significante através do qual a Igreja pode alcançar a sociedade contemporânea, pregando o Evangelho e fazendo discípulos.

Quando a pessoa se aproxima da igreja ou do pároco, os primeiros minutos de contato com a Igreja tendem a moldar a sua percepção do cuidado da Igreja para com ela e se a Igreja tem algo para lhe oferecer, que seja relevante à sua situação atual.

---

[46] The Principles of Canon Law to the Churches of the Anglican Communion, London: 2008 (veja Princípio 78) http://www.anglicancommunion.org/media/124862/AC-Principles-of-Canon-Law.pdf

[47] A Time to Heal – *The Development of Good Practice in the Healing Ministry: A Hand Book*, Church House Publishing, London: 2000 (p.337)

Uma grande proporção das pessoas que procuram ajuda, tem outros problemas também, incluindo questões físicas e de saúde mental, problemas de relacionamento, que podem influenciar em sua crise espiritual: então uma abordagem multidisciplinar é recomendada, usando os recursos da área de saúde. Porque casos verídicos de possessão demoníaca são tão raros que devem ser cuidadosamente determinados através de um diagnóstico e discernimento de sintomas específicos para evitar um ministério inapropriado.

Consequentemente é melhor ministrar a libertação num nível local com, na medida do possível, a boa vontade e envolvimento prático do pároco. Portanto, uma estratégia segura e efetiva para o ministério da libertação na Igreja que realize o seu potencial para a missão e o ministério deve ser multifacetada e multidisciplinar e ligada a outros aspectos da vida da Igreja em todos os níveis. O ministério da libertação deve ser feito dentro de um contexto de cuidado pastoral contínuo dentro da comunidade cristã local.

A experiência mostra que aqueles que recebem ajuda através do ministério da libertação tendem a se lembrar da qualidade da resposta pastoral que receberam. Essa abordagem destaca a necessidade de treinar e capacitar párocos para oferecer um conselho espiritual e nutrir as pessoas dentro do conceito do cuidado integral.

Um dos grandes desafios para a Igreja hoje é de expressar e ensinar o amor de Deus num contexto onde o sofrimento, a doença e a mortalidade são características universais da existência humana e podem levar indivíduos e comunidades a procurarem respostas, conselho, ajuda e libertação com médicos, crenças, organizações e empresas comercias além da Igreja. Nesse contexto, os ministérios como libertação e cura, exercidos como parte do ministério pastoral holístico da Igreja, atendem aos propósitos de Deus e nos mostram sinais de que o Seu Reino vem agora.

O discipulado da cura é tanto uma resposta pastoral às necessidades expressas das comunidades onde moramos e ministramos, quanto uma proclamação ousada da boa nova da salvação em Cristo que anuncia uma nova criação onde todos conhecerão a integridade, a saúde e o bem-estar.

Capítulo 8 O Discipulado e os Instrumentos da Comunhão Anglicana

A Comunhão Anglicana, através dos Instrumentos da Comunhão[48], sempre reconheceu que no coração da fé e vida cristã está o chamado a todo o povo de Deus para testemunhar Cristo enquanto o seguimos na nossa vida cotidiana como cristãos individualmente, mas também como comunidade de fé; e no poder do Espírito Santo para sermos luz e sal nas margens da sociedade.

As declarações e resoluções da Conferência de Lambeth e o Conselho Consultivo Anglicano (CCA) em particular têm falado vigorosamente, desde o seu estabelecimento, sobre o imperativo do Evangelho e a realidade do chamado cristão de ser discípulos e formadores de discípulos.

Este documento explora alguns dos temas que surgiram depois de ler as declarações e resoluções dos instrumentos da Comunhão.

O Batismo e o Ministério

O batismo é visto como a primeira marca e sinal da nossa identidade cristã e a nossa promessa, nosso compromisso de moldar as nossas vidas na vida, ministério e ensinamentos de Jesus Cristo. O Relatório da Conferência de Lambeth de 1998 afirma que "O batismo é o fundamento de todo o ministério cristão", e que "através do batismo, cada seguidor de Cristo é chamado para esse ministério e o Espírito Santo dá os dons necessários para cumpri-lo".[49]

O relatório também aponta que,

> Através do batismo, todas as pessoas leigas, como parte do Corpo de Cristo, se comprometem com o ministério no mundo. Esse ministério pode acontecer dentro do seu contexto familiar ou da casa, na vila, bairro ou comunidade, na escola, no trabalho o no ambiente de uma autoridade civil, e através do serviço voluntário. Não é limitado por idade, educação, status social ou qualquer outro critério...[50]

Esse relatório deixa bem claro que, enquanto o batismo abre o caminho para um determinado jeito de viver, e vai trazer vários dons para o Corpo de Cristo, não significa que a pessoa batizada está equipada automaticamente, assim

> Todas as pessoas batizadas devem ser equipadas/formadas para desempenhar os seus ministérios de acordo com os seus dons e '*para dar razão à esperança que eles têm'* (1Ped 3:15)[51]. Todos os cristãos que respondem fielmente a seu batismo merecem e precisam de uma formação contínua na história bíblica, a fé da Igreja, as maneiras em

[48] Os Instrumentos da Comunhão são estruturas formais que são um símbolo de unidade, sendo: a Conferência de Lambeth (reunião dos bispos a cada 10 anos), o Conselho Consultivo Anglicano (que é parecido, mas não exatamante igual a um corpo sinodal, que se reúne a cada três anos), a Reunião dos Primazes (das cabeças das igrejas convocada e presidida pelo Arcebispo de Cantuária), e o Arcebispo de Cantuária (como Presidente do Conselho Consultivo Anglicano e da Conferência de Lambeth e o foco da unidade da Comunhão).

[49] O Relatório Oficial da Conferência de Lambeth 1998 – Transformação e Renovação Julho 18-Agusto 9, 1998, Lambeth Palace; Canterbury, England. MoreHouse Publishing, Harrisburg PA, 1999 (p.192).

[50] Idem (p.193).

[51] Idem (p.193).

> que os valores do reino de Deus moldam as nossas vidas, a prática da oração, como *koinonia* com Deus, a adoração da igreja e o seu chamado para servir ao mundo.

O Espírito Santo e Todo o Povo de Deus

A centralidade do ministério de formação da Igreja aparece como tema recorrente nos textos de muitos relatórios das Conferências de Lambeth, com ênfase em capacitar todo o povo de Deus (o Corpo de Cristo) – todos as pessoas batizadas, leigas/os, clérigas/os e bispas/os precisam de uma formação e treinamento durante toda a vida.

O Relatório da Conferência de Lambeth de 1998 afirmou que:

> o aprofundamento da compreensão da relação entre o batismo e o ministério de todo o povo de Deus; bem como a relação complementar entre o ministério ordenado e ministério leigo. [52]

Deve ser enfatizado aqui que as declarações da Comunhão Anglicana deixam bem claro que o discipulado não é apenas uma questão de "ensino", pois "capacitar" envolve "fazer" ou "servir" enquanto vivemos as implicações da nossa fé em Cristo. Assim, os bispos na Conferência de Lambeth de 1948 declararam, "acreditamos que os cristãos em geral são chamados por Deus para fazer a sua parte na vida do mundo, e para transformá-la através do poder da graça de Deus."[53]

Aqui, como nas outras declarações e resoluções, a importância do "empoderamento" dos discípulos pelo Espírito Santo é crucial, assim como foi com Jesus Cristo e com os apóstolos e a Igreja Primitiva. Assim, a Conferência de Lambeth de 1988 reconhece:

> que Deus, através do Espírito Santo, está provocando uma revolução em termos do ministério total de todos os batizados… enriquecendo a Igreja e tornando Cristo conhecido aos homens e mulheres como a esperança para o mundo.[54]

A Resolução 7 da Conferência de 1978 (O Espírito Santo e a Igreja) é franca em reconhecer o papel central do poder do Espírito Santo no testemunho cristão, e em chamar todas as pessoas anglicanas para uma nova abertura para o derramamento do seu poder, quando declara,

> 1. A Conferência regozija com a evidência abundante de muitas partes do mundo que existe uma consciência renovada do poder e dons do Espírito Santo de Deus para purificar, sustentar, empoderar e expandir o Corpo de Cristo.
>
> 2. Vimos cada vez mais exemplos de vida renovada nas paróquias, de ministérios individuais se tornando agências efetivas do poder de Deus de curar e reconciliar, de testemunhar a fé e a proclamação do Evangelho com poder de converter, e de um envolvimento mais profundo na vida sacramental da Igreja.
>
> 3. Regozijamos com o estímulo do Espírito de Deus nas muitas expressões de ecumenismo entre os cristãos, para as novas formas de vida cristã em comum surgindo

---

[52] O Relatório Oficial da Conferência de Lambeth 1998 – Transformação e Renovação Julho 18-Agosto 9, 1998, Lambeth Palace; Canterbury, England. MoreHouse Publishing, Harrisburg PA, 1999 (P.202).
[53] Resolução 40 (A Igreja e o mundo moderno – Maneira Cristã de viver) da Conferência de Lambeth de 1948
[54] Resolução 45 (Missão e Ministério para Toda a Igreja) da Conferência de Lambeth de 1948.

e para o testemunho cristão pela paz mundial e a afirmação de liberdade e dignidade humana.

4. A Conferência, então, chama a Comunhão Anglicana inteira para uma nova abertura ao poder do Espírito Santo; e oferece a seguinte orientação à Igreja, à luz das muitas maneiras em que essa atividade cheia do Espírito pode ser compreendida e representada na vida da paróquia:

(a) Devemos participar plena e fielmente na vida corporal equilibrada e sacramental da igreja local. As celebrações informais de oração e louvor precisam desse enriquecimento assim como a vida sacramental precisa do enriquecimento da oração e louvor informais.

(b) Devemos garantir que a leitura e meditação da Bíblia faça parte da vida normal da paróquia e que esteja acompanhada pelo estudo adequado de material acadêmico, para que as Escrituras sejam compreendidas dentro seu próprio contexto. Aquelas/es que procuram entender o material de estudo quando leem a Bíblia devem garantir que o fazem sob a orientação do Espírito Santo, para que as Escrituras sejam compreendidas no contexto correto.

(c) Devemos buscar maneiras em que possamos nos identificar com aqueles que sofrem e com os pobres, e estar envolvidos pessoalmente em esforços para trazer a essas pessoas a justiça, a libertação, a cura, e uma nova vida em Cristo.

(d) Devemos lembrar sempre que o poder do Espírito não deve ser apresentado nem como uma isenção do sofrimento nem como garantia para o sucesso nessa vida. O caminho do Domingo de Ramos até o Pentecostes tem que passar pela Sexta-Feira da Paixão e pela Páscoa. É na cruz que encontramos nova vida através do Espírito Santo, e é na sombra da cruz que os cristãos devem orar. "Vem, Espírito Santo."

As referências acima mostram a determinação das lideranças anglicanas em garantir que a Comunhão Anglicana esteja comprometida com a visão bíblica e o chamado para um discipulado integral e de todo o povo de Deus servindo todo o mundo (juntas/os) sob o empoderamento do Espírito Santo.

Para esse fim a Comunhão Anglicana reconhece a necessidade de ser específica sobre o tipo de preparação necessária para todo o povo de Deus – leigas/os e clero.

Em relação aos **bispos,** a Resolução 39 da Conferência de Lambeth de 1968 afirmou que eles "devem ter oportunidades de treinamento para o seu ofício."[55]

A Resolução 9.2 da Conferência de Lambeth de 1978 (Mordomia) fala especificamente sobre questões de estilo de vida, dizendo:

> Na opinião da Conferência, o apelo escriturístico "aquele que quer ser o maior entre todos, deixem que ele seja o servo de todos" exige que os bispos rejeitem um estilo de vida pretencioso e liderem o seu clero e o seu povo por exemplo no sábio uso dos recursos pessoais e também dos da Igreja.

Essas resoluções destacaram a necessidade das lideranças, como discípulos de Jesus, serem modelos para a vida cristã em todas as esferas da vida.

[55] Resolução 39 (O Episcopado), da Conferência de Lambeth 1968 & ACC-1 Limuru Kenya 1971

Com relação à formação do clero, além do pré-requisito da formação teológica para ordenação, a Resolução 42 da Conferência de Lambeth de 1968 insistiu:

> que as dioceses promovessem um treinamento contínuo para o clero depois da ordenação, e que ligassem o programa de estudos às novas situações e desenvolvimentos apresentados por um mundo que está mudando rapidamente.

A outra categoria significante com qual ambos os Instrumentos da Comunhão têm trabalhado muito é o laicato. Resgatando o Batismo como a base primária para uma vida cristã, a Resolução 25 (Ministério – O Laicato) da Conferência de Lambeth de 1968 recomendou que:

> cada província e Igreja regional seja convocada a explorar a teologia do batismo e confirmação em relação à necessidade de enviar os leigos para a sua tarefa no mundo.

E o texto do relatório da Conferência de Lambeth de 1968 é enfático dizendo que,

> O ministério, o serviço da Igreja ao mundo é e deve ser desempenhado principalmente pelos leigos... O ministério dos leigos não consiste apenas do serviço à igreja ou na celebração da Igreja. Também exige o testemunho do evangelho cristão através de palavras e ações no mundo... Em casa, no trabalho, nas disputas industriais, no exercício de poder econômico sendo como empregadores ou empregados... são os leigos que devem trazer a influência cristã para a justiça social e paz.[56]

Porém, não basta esperar que os leigos vivam a sua fé em cada esfera da vida em qual tenham influência sem a devida preparação para tal tarefa. Portanto a Resolução 27 da mesma Conferência observou que "há uma necessidade urgente de aumentar a quantidade e qualidade de treinamento de pessoas leigas para o seu papel no mundo. "

Ainda mais abrangente é a resolução da Conferência de Lambeth, de 1958, Resolução 125 – A Família na Sociedade Contemporânea – Os Deveres do Laicato, que declara:

> a Conferência regozija no fato que, cada vez mais, homens e mulheres leigas estão encontrando o seu verdadeiro ministério cristão no seu trabalho diário no mundo, assim como na vida organizada da Igreja……O clero precisa entender isso, e ajudar, através do ensino e a partilha nas ideias e problemas dos leigos no seu trabalho cotidiano, aprofundando esse ministério. Igualmente as pessoas leigas precisam entender isso, para ajudar umas as outras através do diálogo cristão e companheirismo leal para fazer um testemunho melhor, e oferecer no seu trabalho os seus dons responsáveis e dotados e uma compreensão maior da fé cristã em relação a Deus e a humanidade.

Vários ramos importantes se encontram nessa resolução e merecem mais aprofundamento. Essa e outras resoluções consideram o trabalho e outras atividades humanas como uma forma de vocação.[57] A Conferência de Lambeth de 1948, Resolução 22 (A Igreja e o Mundo Moderno – A Igreja e o Estado Moderno) é enfático quando chama

---

[56] A Conferência de Lambeth 1968, Resoluções e Relatórios, SPCK and Seabury, London/New York, 1968 (p.24)

[57] Veja Resolução 72 (Progresso na Campanha Missionária da Comunhão Anglicana) da Conferência de Lambeth de 1958 que declara, "A Conferência incentiva homens e mulheres dispostos a se dedicar ao

> todas as pessoas que são membros da Igreja a encontrar o seu incentivo para trabalhar, não só por segurança e dinheiro, mas principalmente para o serviço e um bom espirito de trabalho, como oferta para a glória de Deus.

O relatório da Conferência de Lambeth de 1998 faz a seguinte observação:

> A Igreja é mais fiel a sua vocação quando todos os seus membros reconhecem a sua vocação como discípulos de Cristo e que eles recebem a sua vocação no batismo, independente da forma de ministério que executam. É importante que isso seja enfatizado nas liturgias e preparações para o batismo.[58]

A Conferência de Lambeth de 1998 chamou atenção para

> a necessidade de desenvolver e fortalecer modelos de prática catequética para adultos... que enfatizem a graça de Deus e as exigências do Evangelho quando os (novos fiéis) aceitam e praticam a nova maneira de viver.[59]

A formação holística de crianças e jovens aparece proeminentemente nos textos da Comunhão Anglicana. Existe uma apreciação do valor das crianças e jovens como membros plenos da Igreja e da família humana. A Conferência de Lambeth de 1998, Resolução 11.8 – Jovens, reconhece

> o seu verdadeiro valor na família humana. São para nós na Igreja, assim como foram para Jesus, sinais do Reino de Deus entre nós. A sua presença e ministério na igreja é essencial para que toda a família de Deus seja completa.

Na mesma Resolução, os bispos se comprometem a "oferecer liderança na sua diocese, garantir que a igreja seja uma comunidade segura, saudável e espiritualmente enriquecedora para crianças e jovens" e que "A juventude cristã seja preparada.... para o serviço da Igreja e na comunidade.... com habilidades de liderança para exercer essa liderança na vida e missão da igreja."[60]

Várias avenidas foram identificadas através dos quais o ministério do ensino da Igreja possa realçar o desenvolvimento holístico e o papel das crianças e jovens no mundo enquanto crescem na fé como seguidoras de Jesus. Essas áreas incluem, entre outras, as quatro seguintes:

Escolas – As escolas, colégios e universidades, especialmente aquelas que tem um *ethos* cristão, têm sido louvadas por sua "singular valorização da comunidade" em adotar um desenvolvimento holístico de crianças e jovens. Para esse fim a Resolução 29 (A Igreja e o Mundo Moderno – Educação) da Conferência de Lambeth de 1948 afirma que as oportunidades que a "Educação da Igreja" oferece para o "treinamento religioso, moral e social" das crianças deve ser aberto "a todos que desejam".

---

trabalho literário cristão, incluindo jornalismo, devem se alistar e ser treinados para considerar esse trabalho como uma verdadeira vocação em serviço à Igreja"

[58] O Relatório Oficial da Conferência de Lambeth 1998 – Transformação e Renovação July18-August 9, 1998, Lambeth Palace; Canterbury, England. MoreHouse Publishing, Harrisburg PA, 1999 (p.192)

[59] O Relatório Oficial da Lambeth 1998 – Transformação e Renovaçao July18-August 9, 1998, Lambeth Palace; Canterbury, England. MoreHouse Publishing, Harrisburg PA, 1999 (p.193)

[60]Relatório da Conferência de Lambeth 1998, Resolução II.8, partes i, iii, & v

Entretanto, a Resolução 32 da mesma Conferência declara,

> A Conferência elogia os passos tomados por algumas universidades para promover cursos designados para oferecer uma instrução geral na fé e prática cristã para aqueles que não são estudantes de teologia. Também insiste que cada universidade tenha uma capela para oração.

Resolução 18 Conferência de Lambeth de 1908 chamou as Igrejas Anglicanas para "promover e cultivar a vida espiritual dos estudantes nas escolas de ensino médio e universidades", enquanto a Resolução 11 da mesma Conferência observou com preocupação que

> os sistemas de educação puramente seculares eram frágeis educacional e moralmente pois não coordenavam a formação de toda a natureza da criança, e necessariamente deixavam muitas crianças deficientes em fatores importantes para a formação do caráter que é o objetivo principal da educação.

Escola Dominical – Resolução 30 (A Igreja e o Mundo Moderno - Educação) da Conferência de Lambeth de 1948 "enfatizou a responsabilidade do clero e das paróquias no trabalho da educação cristã" e reconheceu "uma profunda dívida de gratidão com os professores das escolas dominicais e escolas diárias e as lideranças da juventude" por ter avançado "no ministério do ensino da Igreja para as crianças e jovens com um serviço de dedicação."

Resolução 14 da Conferência de Lambeth de 1908 chamou atenção para

> a necessidade de fortalecer o Sistema da Escola Dominical... (e identificar) os melhores métodos para aperfeiçoar o ensino da Escola Dominical, e... melhorar as relações entre a Escola Dominical e outros sistemas de catequese na igreja.

O Lar e a Família – A Comunhão Anglicana leva a sério o papel dos pais no desenvolvimento holística dos filhos, e assim a Resolução 19 da Conferência de Lambeth de 1908 expressa o desejo

> de enfatizar o papel dos pais e mães em todas as condições da vida social e de fazer parte do ensino religioso dos seus próprios filhos, e mostrar um interesse ativo no ensino religioso que recebem na escola.

Resolução 122 (A Família na Sociedade Contemporânea – a Família Cristã) da Conferência de Lambeth de 1958, vai mais longe, descrevendo as maneiras práticas em que a família cristã pode ser a solução para os desafios que a sociedade e a família enfrentam; declara:

> A Conferência acredita que a resposta mais importante para o impacto esmagador do secularismo na vida da família está na volta à disciplina de oração e uma vida cotidiana fiel em casa. Ela incentiva o clero a trabalhar nesse sentido, ensinando o privilégio e os meios dessa adoração, e do estudo da Bíblia, onde os pais devem ficar juntos com as mães e os filhos como membros e ministros de uma comunidade de adoração.

Vale a pena destacar que a Comunhão não considera a juventude apenas como "recipiente" do serviço da Igreja dos adultos, mas que as crianças e jovens são uma marca importante da Igreja.

A realidade de hoje é que as crianças e jovens com menos de 35 anos compõem a maioria da Comunhão Anglicana, e nos países como os da África subsaariana, mais de 60% da população

tem menos de 35 anos. Então, a importância de preparar e desenvolver habilidades dos jovens na sociedade, especialmente na Igreja, não precisa ser nem discutido.

A Tecnologia Moderna – à luz do avanço hoje na tecnologia e nas mídias sociais, é importante notar o que os instrumentos anglicanos disseram antes. Em relação à mídia, a Conferência de Lambeth de 1948 reconheceu a influência de filmes e expressou certa ansiedade,[61] enquanto na próxima Conferência de Lambeth, Resolução 62 (Progresso na Campanha Missionária da Comunhão Anglicana) pediu que

> se aproveite de todas as oportunidades, no nível local e provincial, para fazer uso efetivo desses canais de comunicação como a televisão, a rádio, filmes, teatro religioso e a mídia secular e religiosa;

uma questão que hoje se aplica também à internet e às redes sociais.

A Conferência de Lambeth anterior tinha, na verdade, pedido 'uma investigação mais elaborada e alguns experimentos da Igreja em produções de filmes e programas de rádio como meio de fazer educação religiosa e missionária, com a cooperação plena de especialistas no campo. '[62]

As Escrituras

A centralidade das Escrituras na Comunhão Anglicana é uma parte chave da identidade anglicana e tem sido promovida pelos Instrumentos da Comunhão como sendo central para o discipulado anglicano. Na Conferência de Lambeth de 1958 a Resolução 6 (A Bíblia) reconheceu "com gratidão o lugar dominante que a Comunhão Anglicana sempre deu às Escrituras Sagradas nos seus locais de adoração. Ela se alegra com… a estreita relação entre a palavra e o sacramento."

Havia um chamado para encontrar maneiras criativas e sensíveis para apresentar a Bíblia, como o uso de "todos os recursos da literatura, da arte, da música e do teatro e de novas técnicas que agradam não só o ouvido, mas aos olhos também."[63]

A Conferência convidou "as Igrejas da Comunhão Anglicana para se engajarem num esforço especial durante os próximos dez anos para estender a abrangência e aprofundar a qualidade do estudo pessoal e corporativo da Bíblia; "[64] e também "chamou o povo da Igreja para reestabelecer o hábito de ler a Bíblia em casa, e recomendou a prática crescente dos estudos bíblicos em grupo."[65]

---

[61] Resolução 34: A Igreja e o Mundo Moderno – Educação, Conferência de Lambeth 1948, declarou que "Reconhecendo a grande influência de filmes e propaganda, tanto para o bem quanto para o mal, os esforços realizados hoje para melhorar a sua qualidade; compartilhando a ansiedade de muitos professores e autoridades de ensino de que esses filmes, quando mostrado para as crianças, possam minar influências positivas de educação, saudamos particularmente a promoção de filmes e transmissões benéficos para as crianças".

[62] Resolução 35: A Igreja e a Vida Moderna – Educação, Conferência de Lambeth 1948

[63] Resolução 10: A Bíblia, Conferência de Lambeth 1958

[64] Resolução 12: A Bíblia, Conferência de Lambeth 1958

[65] Resolução 12 & 5: A Bíblia, Conferência de Lambeth 1958. Também veja Resolução III.1 (A Bíblia), da Conferência de Lambeth de 1998 que convida todas as províncias a "promover em todos os níveis programas de estudo bíblico que podem informar e alimentar a vida das dioceses, congregações, seminários, comunidades e membros de todas as idades" Conferência de Lambeth 1998 (p.394).

Mordomia - Cuidado

Outro tema recorrente nas Resoluções da Conferência de Lambeth é a ênfase na mordomia/cuidado – ensino e prática – como parte da vida e convivência cristã. A mordomia/cuidado é vista principalmente como uma resposta à obediência ao chamado de Deus para cuidar do meio-ambiente, que está em primeiro lugar na narrativa da criação. Para isso, a Conferência de Lambeth de 1968 convoca "todos os cristãos... para fazer todo possível para garantir uma mordomia responsável da humanidade com a natureza; em particular em seu relacionamento com os animais, e em relação à conservação do solo, e a prevenção da poluição do ar, do solo e do oceano."[66]

A responsabilidade de cuidar também está relacionada à maneira em que os recursos pessoais (e corporativos) são usados e para que propósito e a importância de sustentar a Boa Nova do Reino para a glória de Deus usando os dons e habilidades que Deus, o criador, oferece. A Resolução 64 (Progresso na Campanha Missionária na Comunhão Anglicana) da Conferência de Lambeth de 1958, portanto, incentivou todo

> o povo de Deus a cumprir o dever e o privilégio da mordomia, da qual faz parte a doação sacrificial, planejada e sistemática, para que as almas das pessoas possam ser enriquecidas, e as necessidades da Igreja possam ser saciadas, inclusive com um apoio adequado para o ministério e para a extensão do seu trabalho.

Espera-se que alguém que quer seguir a Jesus vai se doar como indivíduo e vai doar também os seus recursos.

Oração e Adoração

A adoração é central na vida das/os anglicanas/os/episcopais, e a celebração pública ou partilhada é especialmente importante para uma comunidade de fé como o povo de fé reunido. A comunidade reunida traz consigo "as alegrias e tristezas das nossas variadas vidas cotidianas. Quando nós nos abrimos para Deus em adoração, os nossos olhos se abrem para as obras de Deus no mundo e somos empoderados para o serviço e a missão."[67]

A adoração é um momento no qual o cristão aprofunda o seu relacionamento pessoal e corporativo com Deus e é energizado para a missão de Deus na sua vida cotidiana. Na verdade, a palavra 'Missa', (Mass em inglês) que muitos anglicanos usam para a eucaristia ou Santa Comunhão é uma palavra Latina que quer dizer dispensar ou enviar.

Portanto é uma apta prática comum em muitas liturgias anglicanas ao redor da Comunhão dizer para a congregação, no final da celebração, "Ide na paz de Cristo para amar e servir ao Senhor" – para viver o amor e a missão de Deus de Segunda a Domingo. Esse é uma ótima maneira de terminar e enviar os cristãos para incorporar e participar na missão holística de Deus enquanto vivem o seu discipulado em cada situação da sua vida até o próximo domingo.

A vida de 'oração e estudo', tanto individual quanto coletiva, é afirmada e incentivada, além de reconhecer a importância de criar oportunidades para o aprofundamento da vida espiritual – mente e coração – para leigas/os e clero. A Resolução 71 (Chamado para Oração) da Conferência de Lambeth de 1988, por exemplo, convidou

---

[66] Resolução 6: O Mordomia do Homem sobre a natureza, Conferência de Lambeth 1968

[67] Pickard, Stephen & De Chickera, Duleep, *The Anglican Way: Signposts on a Common Journey*, Signposts Series No. 1, The Anglican Communion Office: London, July 2008 (p.9)

os indivíduos, grupos de oração, congregações, organizações devocionais, e comunidades religiosas para dar uma ênfase renovada ao trabalho de oração… chamando os bispos da Comunhão Anglicana para tomar uma liderança forte no ministério da oração em todas as suas formas, para que possamos saber a vontade de Deus para o nosso tempo e sermos empoderados para a missão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Segundo relatório do CCA (Companheiros em Missão) da reunião de 1973 em Dublin observou que "sem a renovação da Igreja espiritual e estruturalmente, a sua evangelização (e testemunho) não pode ser eficaz"[68]

A Resolução maior e mais recente sobre o discipulado vem da Conferência de Lambeth de 1998, e resume tudo isso:[69]

Esta Conferência:

a) afirma a nossa confiança no poder do Espírito de Deus para garantir que todas as pessoas sejam discípulas plenas e membros iguais do Corpo de Cristo e o povo ou laicato de Deus, através do seu batismo;
b) apesar de reconhecer a necessidade do ministério ordenado e as responsabilidades especiais dadas aos vários membros do corpo, ela também reconhece que todos os batizados compartilham o sacerdócio comum da Igreja;
c) nota que a vida, prática, política e liturgia das igrejas em todo lugar devem exemplificar essa compreensão da nossa comunidade e nossa vida em comum; e
d) afirma que no batismo todos somos chamadas a um compromisso pessoal com Jesus Cristo e devemos receber uma educação e uma oportunidade para ministérios que incluem louvor, testemunho, serviço e atos de perdão e reconciliação no contexto da sua vida e trabalho diário.

Conclusão

O relatório acima das declarações da Comunhão Anglicana mostra uma ênfase inequívoca no planejamento e na provisão para preparar todo o povo de Deus para o ministério no mundo – o objeto do amor de Deus - e uma necessidade de ser intencional nesse planejamento.[70]

O relatório de Lambeth 1998 afirma que 'se os cristãos não forem incentivados corporativamente a "ir para a escola" com Cristo, para "ser nutridos através do ensino e os sacramentos, e crescer em sua semelhança (Efe. 4:11-16)" eles não podem produzir frutos do discipulado.[71] Assim "a Igreja é uma escola em qual o dom de ensinar é reconhecido, mas em qual todos os professores também são alunos"; e também "a Igreja deve ser uma comunidade de ensino, não por si só, mas pela sua missão no mundo."[72]

O Relatório também afirma que

[68] Companheiros em Missão, CCA-2 Dublin 1973 (p.47)
[69] Conferência de Lambeth 1998, Resolução III. 22 – Discipulado
[70] João 3:16-17
[71] O Relatório Oficial da Conferência de Lambeth de 1998 – Transformação e Renovação Julho 18-Agosto 9, 1998, Lambeth Palace; Canterbury, England. MoreHouse Publishing, Harrisburg PA, 1999 (p.43)
[72] Ibid, p.43

> a Igreja é enviada a todas as nações para fazer delas discípulas do Senhor (Mat. 28:19s). Os seus seguidores são mandados por Cristo para o mundo, como ele foi mandado pelo Pai ao mundo (João 17). Deus confiou aos ministros da Igreja a tarefa de serem embaixadores, e faz um apelo pela reconciliação através deles (2 Cor. 5:18s.).[73]

Significa que

> A vida da Igreja nunca é totalmente privada. Porque a missão e o ministério cristãos se realizam dentro do contexto de uma determinada sociedade, portanto a maneira em que a Igreja se relaciona com a sociedade é muito importante para a missão e o ministério.[74]

Nesse sentido a vida e convivência cristã (ou o discipulado holístico), para os cristãos, é o DNA do seu motivo de serem seguidores de Jesus e mandados por ele para serem os seus embaixadores no mundo de Deus.

Faz sentido terminar essa seção com a Resolução que provavelmente seja a mais compreensiva e clara em chamar as pessoas anglicanas para relacionar a sua fé com a sua vida cotidiana, citado aqui na totalidade, a Resolução 37 (A Igreja e o Mundo Moderno – A Igreja Militante) de 1948;

> A Conferência convoca todo o povo da Igreja para olhar para o fato que fazem parte do corpo de Cristo na Igreja e isso é o fato central nas suas vidas. Devem sentir que cada um está compartilhando a responsabilidade pela vida corporativa e testemunho da Igreja nos lugares onde moram. Devem partilhar essa responsabilidade e dar um testemunho distinto
> a) através do atendimento regular nas celebrações, especialmente na Santa Comunhão;
> b) através da prática da oração particular, estudo da Bíblia e autodisciplina;
> c) trazendo os ensinamentos e exemplo de Jesus Cristo para as suas vidas diárias;
> d) através da ousadia do seu testemunho oral da sua fé em Cristo;
> e) através do serviço pessoal à Igreja e à comunidade;
> f) oferecendo dinheiro, de acordo com suas possibilidades, para apoiar o trabalho da Igreja, em seu país e no exterior.
>
> Assim teria em cada localidade um centro vivo da fé, testemunho e companheirismo cristãos.

[73] Ibid, p.43
[74] Ibid, p.201

PARTE B

ATUAL PRÁXIS ANGLICANA DO DISCIPULADO

Introdução

Esta segunda parte do documento junta uma seleção de estudos de caso e descrições de formas contemporâneas de formação de discípulas/os e discipulado do mundo todo e procura incentivar a necessidade de aprender dos outros e compartilhar experiências e ideias. Os exemplos aqui de Discipulado e de Formação de Discípulas/os, na medida do possível, abrangem uma área geográfica extensa e várias tradições teológicas, mas, evidentemente, nem todas as partes estão incluídas. Se espera que aqueles que leem este documento possam preencher essas lacunas.

Capítulo 9 A África

Um exemplo africano de Discipulado e Formação de Discípulas/os

A melhor decisão que alguém pode tomar, a qualquer momento da sua vida, em qualquer circunstância, onde ele estiver, é de se tornar um discípulo de Jesus Cristo – Arcebispo Justin Welby.[75]

Existe um consenso crescente dentro da Igreja mundial que o discipulado é uma das questões chaves dos nossos tempos; é muito fácil perceber o que acontece quando perdemos de vista a Grande Missão de fazer discípulos de todos os povos, de batizar e ensiná-los, de passar para elas/es tudo que Jesus passou para nós. Na África, uma única palavra "Ruanda" é uma lembrança assustadora do que acontece quando as pessoas são acolhidas, mas não discipuladas; no contexto do Oeste Europeu, o constante declino da Igreja testemunha um entendimento corroído e super-intelectualizado do discipulado. Está na hora de uma abordagem diferente.

Jesus chamou as pessoas para segui-lo, para crescer na sua semelhança e fazer as obras que ele fez; e ele as chamou para fazer isso não como indivíduos, mas como uma nova e viva comunidade, ligados por amor e unidos por um foco exterior e missionário. O discipulado cristão é melhor entendido como uma forma de aprendizagem realizada em uma comunidade intencional: é prático, corporativa e envolve toda a vida. Não deve ser confundido com a educação teológica; o discipulado não se trata do que nós sabemos, mas de quem nos tornamos.

Em grande parte da África essa é uma questão urgente. A África não sofre do individualismo ou ceticismo pseudocientífico que é tão forte no Oeste; as pressões vêm da pobreza, instabilidade política, ligações tribais, conflito religioso e a falta de líderes treinados e recursos. Com as devidas estratégias e apoio, a África, porém, está se mostrando uma terra fértil para o discipulado, e de muitas maneiras é um exemplo para o resto do mundo do que pode acontecer quando Deus age no meio do seu povo.

A Diocese de Niassa no norte de Moçambique tem experimentado um crescimento impressionante nos últimos anos. A sua visão é de "se tornar uma comunhão de comunidades em Jesus, através do estabelecimento de pequenos grupos estudando, discipulando uns aos outros, construindo e fortalecendo igrejas, crescendo na fé e nas suas vidas transformadas juntos". Eles têm procurado ensinar e empoderar cada vez mais pessoas, treinando líderes para treinar outros, oferecendo uma nova vida através da cura e do desenvolvimento, para facilitar um novo alicerce para os fiéis e um novo pertencimento para as comunidades. Eles têm adotado várias estratégias e recursos, entre eles Rooted in Jesus – RinJ (enraizado em Jesus)[76] que forma a base para o seu treinamento para o ministério e missão; até 2013 estimava-se que havia até 12.000 membros dos grupos de RinJ através da Diocese, com cada grupo exercendo um ministério holístico na comunidade, incluindo cuidar dos órfãos, apoiar os doentes e oferecer acesso a água, educação e saúde. "A nossa igreja," comentou Helen Van Koevering , "está lendo a Bíblia diferente".

Enraizado em Jesus (RinJ) foi implantado pela primeira vez em 2002 numa parceria entre a Diocese de Leicester (UK) e a Diocese de Mount Kilimanjaro (Tanzania), para o uso no contexto de Tanzânia onde muitas pessoas vêm para a Igreja, mas onde os níveis de educação são baixos e tem poucos líderes treinados. Baseado em Mateus 28:18-20 e

[75] Palestra do Arcebispo de Cantuária em Lambeth 4 de março de 2015.
[76] Veja seção 8.1.2 abaixo

2Timóteo 2:2, é um programa de discipulado de pequenos grupos, interativo, que é direcionado para ajudar as pessoas, independente do seu nível educacional, a seguirem a Jesus em todos os aspectos das suas vidas – a serem tudo aquilo, em palavra e ação, que Jesus pediu aos seus discípulos. Completado em dois anos, o programa facilita a participação ativa de cada membro do grupo através da presença empoderadora do Espírito Santo, para que, juntos, possam ser fortalecidos na fé, participantes do Corpo de Cristo e capacitados para o ministério ao próximo. O material é absorvido e praticado oralmente, e apenas o líder do grupo precisa saber ler e escrever. Cada sessão é resumida em um versículo bíblico memorizado, e os membros recebem certificados quando o grupo complete cada um dos quatro livros do curso.

A Diocese do Monte Kilimanjaro em Tanzânia tem uma forte estratégia de implantação de igrejas. As pessoas estão dispostas a entregar as suas vidas a Cristo; o desafio é como discipular essas pessoas e transformá-las em comunidades cristãs vivas. Durante muitos anos equipes têm viajado para as aldeias mais remotas, mostrando o filme de Jesus, convidando as pessoas a se entregar a Cristo e implantando novas igrejas; atualmente são 50 igrejas por ano. O Bispo Stanley Hotay deixa claro que Deus falou para ele em Mateus 28:18-20 da necessidade de fazer "não convertidos, mas discípulos", e comissionou o programa RinJ: os novos fiéis são preparados para a confirmação usando RinJ, e os novos evangelistas são treinados e contratados, e pastores incentivados a usar o RinJ nas suas igrejas.

Em muitas regiões da África as igrejas estão se tornando cada vez mais conscientes da necessidade de discipular as crianças, uma proporção crescente da população, convencionalmente cuidado em grandes salas de aula por professores de Escola Dominical sem treinamento; essa necessidade é bastante urgente nas regiões onde as crianças muçulmanas recebem uma educação religiosa rigorosa através das madraças. Na Diocese de Masasi, Tanzânia, e na Rede de Discipulado de Qualidade da Igreja, Uganda, as crianças estão sendo ensinadas usando o RinJ Junior não apenas para conhecer as histórias bíblicas, mas para orar uns pelos outros, dependendo diariamente em Deus, partilhar a sua fé com os seus amigos. Os números de crianças indo para a igreja já cresceram muito, e as crianças agora têm um papel ativo no ministério nas comunidades.

Os autores dos Evangelhos mostram que seguir Jesus não pode ser reduzido a uma única dimensão; como discípulas/os, somos chamadas/os a ir além das nossas identidades individuais e se tornar "uma comunidade moldando e ministrando uma amostra imperfeita do novo céu e da nova terra" [77]. Isto está acontecendo de muitas formas e em muitos lugares em toda a África, onde as pessoas estão percebendo cada vez mais que somos chamados não apenas para seguir Jesus, mas para segui-lo juntos, e para fazê-lo em maneiras sensíveis ao contexto. Em cada um dos exemplos acima, o ponto de partida tem sido diferente; em cada lugar, o discipulado foi entrelaçado em cores únicas doadas por Deus com o tecido já existente de cada comunidade. Nesses modelos da África, o discipulado não é uma questão de estudo ou devoção individual, mas um chamado à toda a comunidade cristã para fazer algo junto. A igreja é uma comunidade de discípulos respondendo a Deus. [78]

O papel das escolas no discipulado de crianças e jovens no Quênia

A história do Evangelho é um grande tesouro que foi entregue para nós e todas/os precisam ouvir. A partilha eficaz da história do Evangelho entre os jovens nas escolas e além, não pode ser enfatizado demais pela população Africana, que é, na maioria, jovem. Na Quênia, oitenta

[77] Graham Cray, *'Remembering the main thing'*, Fresh Expressions Bulletin September 2013
[78] Veja Alison Morgan, *Following Jesus – The Plural of Disciple is Church*, ReSource 2015

por cento da população tem menos de trinta e cinco anos, com pouco menos que sessenta por cento atendendo escolas de ensino fundamental e médio, e universidades.

A Igreja (tanto anglicana quanto outras) tem uma participação na formação de crianças e jovens cristãos através de programas em escolas denominacionais e em parceria com organizações interdenominacionais cristãs. Estas, no ministério com os estudantes, no material de discipulado e nos programas, focam na preparação dos estudantes para a vida cristã, para o ministério e para a liderança nas suas instituições e além. A intenção é de criar fiéis maduros que são guiados pelo Espírito e centrados em Cristo na sua vida, missão e propósito.

Essa população também está numa época muito favorável no ambiente de aprendizagem, onde o treinamento e preparação sistemática são apreciados. As crianças e jovens são receptivas ás exposições bíblicas, estudos bíblicos e exercícios práticos de compartilhar a fé verbalmente e nas ações sociais na comunidade como visitação aos hospitais e lares para crianças, idosos e pobres.

A prática acima não substitui a importância do lar cristão e o papel do Ministério de Crianças e Jovens dentro da estrutura da Igreja Anglicana para a formação espiritual. Se estiver tudo bem integrado e coordenado com o que acontece nas instituições de aprendizagem, os resultados e ganhos são ótimos.

Redes e Parcerias

O Corpo de Cristo tem muitas partes e um só Espírito e vai além da igreja individual como entidade denominacional. Existem instituições interdenominacionais ou cristãs que se especializam em desenvolver materiais para o discipulado para diferentes faixas etárias como a Fraternidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES) ou a Fraternidade de Uniões Cristãs (FOCUS), A União das Escrituras, a Sociedade Bíblica, o Ministério da Vida ou A Campus Cruzada para Cristo, Os Navegadores, Evangelismo Infantil Internacional, e a Fraternidade Cristã de Estudantes Quenianos (KSCF), entre outros.

Os grupos acima, no seu ministério e material de estudos bíblicos, em colaboração com a Igreja, buscam ministrar, capacitar e empoderar as pessoas cristãs de faixas etárias específicas, para conhecer Cristo e imitá-lo entre os seus colegas e além delas/es. Usando o seu material e se juntando a elas/es para desenvolver e aperfeiçoar o uso do mesmo evitaria a duplicação desnecessária e ao mesmo tempo é saudável para o Corpo de Cristo.

A Igreja Anglicana do Quênia está em parceria com essas entidades, que providenciam os recursos e trazem o seu pessoal para treinar crianças, jovens e professores. Por exemplo, durante as conferências de crianças, jovens e professores, pessoas chaves dessas entidades são convidadas para coordenar estudos bíblicos, enquanto delegados são colocados em grupos sob os cuidados da organização que tem a especialização para aquele grupo. Os estudantes de ensino fundamental são cuidados pela União das Escrituras, os de Ensino Médio pelo KSCF, estudantes universitários pelo FOCUS, enquanto jovens pais e trabalhadores ficam com a Sociedade Bíblica junto com os facilitadores da Conferência e associados. Em matéria de evangelismo e testemunho, o Ministério da Vida faz um excelente trabalho.

Capítulo 10 Ásia

Treinamento de Discipulado na Malásia

Em 2009, a Diocese da Malásia Ocidental, tendo muito crescimento em termos de número de membros nas últimas duas décadas, resolveu voltar para o Discipulado Intencional para incentivar uma vivência cristã saudável e a consolidação do testemunho cristão e formação espiritual. O bispo diocesano Revdíssimo Moon Hing Ng, relata,

> Decidimos não inventar a roda. Então fomos atrás de modelos bons, possíveis e práticos. Encontramos a Igreja Presbiteriana de SaRang em Seoul, Coréia. Eles têm feito o treinamento para o discipulado nos últimos 30 anos e a sua igreja cresceu de nove pessoas para dezenas de milhares nesse período (60.000 em 2009 e agora mais de 100.000). Quando nos aproximamos ao seu tipo de Treinamento de Discipulado (TD), começamos a perceber e nos convencer de que era bíblico, possível e fácil de aprender. Decidimos adotar o modelo SaRang com uma pequena adaptação para as nossas necessidades locais. Imediatamente as igrejas foram incentivadas a começar o TD. Como sempre alguns ficaram receosos e outros assumiram rapidamente. Hoje, depois de seis anos de TD, muitas igrejas já adotaram. As Igrejas metodistas, luteranas e presbiterianas da Malásia também entraram na onda desse modelo de TD de SaRang.

Até hoje, uma das igrejas bem-sucedidas que está fazendo TD é a Igreja do Nosso Salvador que se encontra na vila de Kuala Lumpur. Quando o TD começou, a Igreja tinha mais ou menos 70 membros com apenas o pastor e alguns leigos fazendo todos os ministérios. Hoje essa Igreja levantou o maior número de pessoas para servir como ministros leigos e presbíteros. Alguns estão no seminário enquanto outros já estão servindo. A atual congregação de em torno de 120 está quase toda nas aulas de TD e outras aulas de treinamento de lideranças, desde os mais idosos até as crianças na Escola Dominical. O currículo da Escola Dominical foi ajustado e adaptado ao TD. O Revd Jacob Bau, o vigário, está indo ajudar outras igrejas a começar o TD, enquanto todas as aulas de TD na sua Igreja estão sendo realizadas por lideranças leigas. Podemos ver uma transformação na vida dos membros que participaram das aulas de TD. As aulas são apenas para despertar entendimento e compromisso, o discipulado de verdade começa depois das aulas, especialmente na sua vida cotidiana nas escolas, escritórios, fábricas e carreiras.

As aulas de TD enfatizam um discipulado quíntupla de compromisso com a vida, sendo:

a) Discípulo do Evangelho de Cristo – cada um deve aprender a dominar e articular todo o Evangelho.
b) Discípulo da Palavra de Deus – cada um deve aprender a ler a Bíblia e se alimentar espiritualmente.
c) Discípulo da Vida de Oração – cada um deve aprender a orar e escutar a Deus através da contemplação e disciplinas espirituais.
d) Discípulo do Serviço – cada um deve oferecer alguns meses ou anos para servir a Deus em alguma atividade na Igreja ou na sociedade.
e) Discípulo de Missão – cada um deve fazer pelo menos uma viagem missionária por ano fora da sua zona de conforto.

Não há nenhuma obrigação nas aulas de TD. Cada pessoa está livre para desenvolver de acordo com seu próprio ritmo. Até agora, vimos bastante melhora na doação, serviço, compromisso, pontualidade, indo além do esperado, consciência de missão, ousadia na

evangelização e testemunho, mudança de vida, mudança de atitude, mais vontade de servir, mais amor à Palavra de Deus, ainda mais amor a Deus, etc.

Cada setembro, desde 2012, a diocese organiza o 'Seminário para Formadores de Discípulos'. Este seminário é para atender aqueles que estão conhecendo a ideia do TD e aqueles que têm interesse em se tornarem formador de discípulos. Acreditamos que apenas Discípulos podem formar Discípulos. "Discípulos são feitos, não nascem assim"– o título de um livro de Walter Henrichsen. O processo de se tornar parecido com Cristo deve levar até o produto final – quer dizer, ***discípulos*** e nada mais. As Igrejas deviam ser assembleias dos discípulos de Cristo e não fieis 'aquecedores de bancos'. Um discípulo, e mais nada. Todos os sermões deviam ser movidos pelo discipulado, e não para agradar espectadores com uma sensação de bem-estar. A morte de Cristo custou caro, e valeria a pena se ele soubesse que a sua vida foi entregue para as pessoas que se tornariam os seus discípulos. Seria muito triste para Ele se soubesse que fosse para fieis "aquecedores de bancos". O Discípulo de Cristo pergunta – com o quê e como vou servir e viver para Cristo? Um "aquecedor de banco" vai perguntar – o que Cristo vai fazer por mim?

A diocese acredita que o caminho certo para os cristãos em Malásia, especialmente com os crescentes desafios de extremismo, é o Treinamento do Discipulado e a fiel Formação de Discípulos.

A Vitalidade Anglicana em Hong Kong

Em Hong Kong a Igreja Anglicana tem uma campanha para a Vitalidade Anglicana que eles chamam de "**Be a 3 Stars Anglican**" (*"Seja um anglicano 3 estrelas)*. Eles descrevem o seu foco no discipulado assim:

Objetivo: A ideia dos anglicanos de 3 estrelas veio das três estrelas do Cartão de Identidade de Hong Kong que representa o status de cidadão pleno. Essa campanha visa levar os anglicanos a serem discípulos vitais e devotos e a viverem uma fé firme todos os dias. Através do programa de treinamento, os anglicanos são treinados em nove áreas. Os participantes precisam cumprir as exigências em cada categoria durante seis meses.

Os módulos desse programa incluem:

a) Estudo bíblico: ler a Bíblia pelo menos 5 vezes por semana e escrever uma reflexão sobre a mensagem de Deus;
b) Oração: orar todos os dias e criar uma oração;
c) Adoração: atender Celebrações Dominicais toda semana;
d) Estudar: fazer parte de um grupo de estudo por pelo menos 10 horas;
e) Cuidado e preocupação: cuidar de um amigo intensamente;
f) Evangelismo: partilhar o Evangelho com pelo menos uma pessoa;
g) Oferta: aumentar a sua oferta de dinheiro em 8%;
h) Serviço: fazer parte em pelo menos um serviço voluntário;
i) Companheirismo: se juntar a um grupo de igreja/fraternidade regularmente

O Oriente Médio – uma reflexão de um bispo da África do Norte

Estou pensando que as muitas das ilustrações de "golpes baixos" ou implicações de Jesus quando interagia com as pessoas foram nas margens ou na "linha de frente" nas culturas da sua época. Ele, um homem judeu, que inicia uma conversa, de propósito, com uma mulher samaritana, querendo beber água na jarra dela (Jo 4). Para os judeus conhecedores da Torah, Jesus escolheu um samaritano para ilustrar o que significa amar o próximo. (Lc 10:25-37). Mais tarde, ele escolheu um samaritano da vida real para mostrar o que significa amar a Deus de verdade (Lc 17:11-19). Para um povo preso num mundo colonial, Jesus anunciou

que o melhor exemplo de fé que ele já conheceu até o momento foi de um centurião romano (Mt 8:10). Numa cultura que funciona salvando "a cara", dando às pessoas a resposta que você acha que querem ouvir, Jesus faz a pergunta parabólica sobre dois filhos mandados pelo pai para trabalhar na sua vinha – um disse "não", mas trabalhou; o outro disse "sim" mas não trabalhou – qual foi o filho de verdade para o seu pai? (Mt 21:28-32). Das margens vêm as provocações que ilustram o quanto ou quão pouco uma pessoa ou cultura ou religião pode ser como Deus. Quando Jesus é o "formador de discípulos" em potencial, as provocações são bem-feitas e mais do que compensadas pela maneira em que Jesus seduz e conquista os seres humanos para o amor de Deus.

"A formação de discípulas/os" muitas vezes carrega uma outra conotação quando o formador é alguém como eu! É tão fácil para mim enxergar as marcas "não-escriturais" da vida, religião ou cultura dos outros. Muitas vezes, em situações onde muçulmanos de origens hierárquicas e orientadas pela vergonha, se tornam seguidores de Jesus, o "Discípulado" é logo mensurado usando os padrões da "honestidade" ou "desonestidade" ocidentais, respeito pela pontualidade, etc. Muitos formadores de discípulos entre os muçulmanos têm histórias para contar de como novos fieis que vieram de origens muçulmanos, pegaram as suas coisas ou seu dinheiro – inocentemente sem saber que compartilhar recursos (tempo e bens) é normal e indiscutível nos grupos de família e amigos em muitas culturas. A ideia de que, na família de Deus, o tempo deve ser dividido entre o "tempo privado" e "tempo de reuniões" ou dinheiro como algo particular e não compartilhado seria impensável em muitas culturas ao redor do mundo. Como resultado, a formação de discípulos se concentra em ajudar o novo fiel a viver, orar e cantar numa maneira que diz o que é um "verdadeiro Discípulo" dentro dos padrões da cultura, origens ou igreja do formador.

A formação intencional de discípulos precisa ser uma aventura tanto para o "Formador" quanto para o "Discípulo" – porque, para todos nós, tornar-se Discípulo é uma questão de formação de caráter. É uma questão de descobrir onde o Espírito de Deus elogia as normas da nossa cultura, onde ele aceita algumas normas como um ponto de partida razoável e onde ele diz que elas "não servem!". Como discernir o que ele está dizendo? Cada vez mais, as epístolas seguem Jesus questionando atitudes internas em vez de comportamentos externos. Sim, nós homens conseguimos, pela graça de Deus, não contaminar as nossas vidas cristãs com fornicação ou adultério, mas Deus quer saber o que estamos pensando quando olhamos para uma mulher de forma inapropriada! Como conseguimos "sentir raiva, mas não pecar"? Devo aprender, na minha idade que "o amor cobre uma multidão de pecados"?

Os novos crentes frequentemente conseguem perceber a hipocrisia. Não é melhor começar com a verdade – não é uma questão de eu fazer discípulos dela/dele/deles, mas de todos nós crescermos na graça? Tenho lido muitos livros com um novo fiel nos últimos anos. Nós olhamos Paul Tournier "*The Strong and the Weak*" (Os fortes e os fracos), Watchman Nee "*Abraham, Isaac, Jacob*" (Abraão, Isaque, Jacó), M. Scott Peck "*The Road Less Travelled*" (o caminho menos percorrido) além dos Evangelhos e profetas do Antigo Testamento. Na minha vida, assim como na dele, surgem diferentes questões. Ás vezes estou numa situação de mais experiência (tanto em termos de mais cabelos brancos quanto em termos de "maturidade" cristão); muitas vezes o "Discípulo" está lutando com as "normas" por trás do comportamento que observa e como Deus percebe isso (não tenho direito de julgar!). Igualmente, o que é desconfortável para mim, muitos aspectos da cultura do Discípulo refletem mais as normas que são valorizadas nas visões bíblicas: os laços de família, pureza, respeito pelos mais velhos, distribuição de renda, acolhida generosa, lealdade à sabedoria do passado. A formação de Discípulos precisa ser uma experiência de "tanto... quanto..." para ser verdadeira. É muito mais uma questão de formação de caráter do que uma educação teológica; buscar refletir biblicamente, de forma cristã, sobre a vida. Algo a ser feito, na frente de Jesus, juntos.

Capítulo 11 Europa

“ O Discipulado” na Diocese da Europa

O Discipulado cristão e a formação são contínuas para toda vida e chamam toda a Igreja para participar da peregrinação de oração, aprendizagem através do estudo das Escrituras, ouvindo, ensinando e vivendo a Boa Nova, como testemunhas e embaixadores de Cristo. Na essência somos chamados para facilitar a transformação de nós mesmos e da comunidade e esse é um chamado para todos os cristãos, leigos e ordenados. Como cristãos anglicanos somos informados pela nossa compreensão de fé, como exemplificado em Scripture, Tradition and Reason (*Escritura*, *Tradição e Razão*), e fazendo parte da Comunhão Anglicana Mundial implica que somos comprometidos em viver as Cinco Marcas de Missão dentro de culturas muitas vezes multifacetadas em termos de país, língua e tradição.

Por exemplo, nas igrejas anglicanas na Europa é comum ter membros que falam uma língua em casa, outra no trabalho e uma terceira na igreja (como é o caso, por exemplo, para muitos membros africanos).

O discipulado com anglicanos na Europa tem implicações específicas em termos de língua, cultura e etnia, exigindo uma abertura para engajamento na diversidade cultural, transcendendo as barreiras linguísticas, e refletindo sobre a sensibilidade ecumênica.

O discipulado na Europa é marcado por bênçãos especiais e desafios:

a) Que o nosso testemunho e ministério acontecem no contexto específico de sermos *hospedados* e ao mesmo tempo oferecendo *hospedagem*
b) Que somos comprometidos com o ecumenismo em todos os níveis, especialmente através dos Acordos com outras Igrejas, como Porvoo, Meissen
c) Que os anglicanos frequentemente celebram em igrejas e edifícios compartilhados conosco graciosamente por pessoas de outras denominações
d) Que na Europa fazemos parte de uma igreja de minoria presente entre comunidades e igrejas, em alguns lugares onde a maioria da população pertence a uma só denominação (Luteranos na Escandinávia, Ortodoxos na Grécia)
e) Que vivemos e oramos junto com pessoas de outras tradições cristãs e de outras religiões, como as comunidades muçulmanas na Turquia e as comunidades judaicas antigas em toda a Europa, sem esquecer de que muitos dos países em que vivemos estavam em guerra e ocupados há menos de um século
f) Que a Diocese (da Igreja de Inglaterra) a qual pertencemos abrange um vasto território e é caracterizada por diversas realidades políticas, sociais e econômicas

O crescente discipulado na Europa precisa ser contemplado nesse contexto e requer um tratamento flexível e disponibilidade para explorar maneiras diferentes de buscar, capacitar e sustentar o povo de Deus. Está enraizado na capelania (paróquia) local e apoiado por um abrangente programa diocesano de cursos de treinamento, conferências e oficinas sobre vários assuntos incluindo missão, teologia, cuidado pastoral, adoração resolução de conflitos.

Nos últimos anos, houve um chamado cada vez maior para o treinamento para os ministérios tanto leigo quanto ordenado na Diocese na Europa, e os candidatos refletem a diversidade cultural e étnica da Diocese. Leitores leigos, teólogos leigos da Igreja, estão engajados no ensino e na pregação e coordenando o louvor, muitas vezes apoiado por Lideranças

Congregacionais de Louvor que são treinadas localmente pelo seu capelão para apoiar o clero e leigos especificamente no louvor.

Além dos recursos locais e diocesanos de ensino e outras iniciativas, os anglicanos na Europa recebem oportunidades enriquecedoras dos companheiros ecumênicos, através de instituições educacionais, igrejas e comunidades religiosas continentais, além dos recursos oferecidos pela Igreja de Inglaterra, como o *Curso do Peregrino*, e os Cursos Anuais de Quaresma e Advento.

Até recentemente um curso de Discipulado Cristão online, Foundation 21, estava sendo amplamente usado nessa diocese onde as grandes distâncias levam à dependência na comunicação eletrônica. Como esse curso foi descontinuado, a Diocese está explorando outras possibilidades apropriadas.

Devido à grande diversidade das congregações anglicanas na Europa, os estilos de louvor, oração e a ênfase específica no estudo das Escrituras, variam bastante. Desenvolver e facilitar o discipulado é tão importante na congregação antiga de expatriados de fala inglesa na França como na congregação anglicana sudanesa mais recente no Norte da Finlândia, ou na recém estabelecida congregação multicultural em Marrocos. As maneiras em que o discipulado se desenvolve e se aprofunda refletem as diferenças nas origens e contextos das comunidades anglicanas locais. É um constante desafio e oportunidade para suprir as necessidades dessas comunidades anglicanas de uma maneira que tem sentido e relevância para sua expressão de fé. Na verdade, o documento do CCA *The Bible in the Life of the Church* (A Bíblia na Vida da Igreja) ressoa com as diversas circunstâncias da Europa Continental.

Embora a maioria dos cultos nas igrejas anglicanas na Europa seja em inglês, surgiu um interesse em ter um ministério na língua local. Um exemplo específico do discipulado dando frutos foi o ensino e cuidado com os anglicanos de língua turca que levou ao estabelecimento de uma congregação de língua turca em Istanbul.

O Discipulado cristão requer que respondamos às necessidades que existem entre nós, aonde o Corpo de Cristo estiver debilitado. Na Europa existe um exemplo disso em nível diocesano nas iniciativas como a Campanha contra o Tráfico Humano, onde as igrejas anglicanas e católicas romanas estão trabalhando juntas, e na iniciativa diocesana de adotar uma maior consciência das questões ambientais.

Mas o testemunho cristão e o discipulado podem ser encontrados em muitos níveis através do continente da Europa e inclui iniciativas locais como a colaboração da Capelania de Atenas com outras igrejas da área em ministrar ao vasto número de imigrantes ilegais chegando na costa da Grécia, e às vítimas da crise econômica devastadora na Grécia, oferecendo quase mil refeições diariamente. Outro exemplo do discipulado cristão sendo vivido no meio das necessidades é na capelania em Yerevan, Armênia, que oferece apoio ao grande fluxo de refugiados da Síria, muitos vindo das antigas comunidades cristãs do Oriente Médio, fugindo para Armênia das circunstâncias terríveis de guerra na Síria.

O Discipulado na Europa está inevitavelmente entrelaçado com um profundo senso da sua história complexa, desafios agudos, e necessidade de benção.

Capítulo 12 América Latina

Comunidade e Missão

O discipulado na América Latina e Caribe (ALC) é marcado pela necessidade do serviço de amor para uma grande transformação profunda, duradoura e inclusiva.

América Latina foi uma região colonizada com uma longa história de violência de todos os tipos e esperança, resiliência e resistência, tudo ao mesmo tempo. É um continente marcado pelo cristianismo com a espada e o genocídio, mas ao mesmo tempo por amor e um senso de serviço e comunidade. É um continente colorido onde as diferenças são a norma e onde a religião naturalmente faz parte da existência.

O discipulado é uma exigência profunda, assumida por Jesus. Jesus, Deus encarnado, através da sua presença, palavra e ações, chamou atenção de uma grande plateia. Como resultado do contexto em qual vivemos e movido pelo chamado de Cristo para batizar e transformar[79] o mundo, é imperativo compreender o Discipulado no sentido de um processo contínuo de mudança, adaptação e transformação. A violência (especialmente contra mulheres e crianças), o crime, a pobreza, a xenofobia, a migração forçada, as mudanças climáticas, o desmatamento e os seus resultados afetam a maioria das pessoas na região, a intolerância religiosa e a desigualdade fluem como rio. As igrejas escolheram o caminho do amor, o diálogo e a compaixão, organizando comunidades e fazendo mais Discípulos como maneira de enfrentar esses desafios.

Seguindo o exemplo de Jesus, as igrejas na ALC estão adotando Discípulos como uma parte chave da realização do chamado para não estar 'conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus' (Rm 12:2), sempre tendo em mente que a religião que agrada a Deus é o caminho para: 'Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer mal. Aprendei a fazer bem; procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas.' (Is 1:16-17).

Tudo isso para a glória de Deus:

> 'Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas, Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, que eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor.'(Jr 9:23-24).

Nesse processo do Discipulado, é muito importante prestar atenção ao método, caminho e linguagem (não apenas a idioma). As crianças de Deus (todos igualmente irmãos e irmãs) devem ter

> o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. (Fp 2:5-8).

Um conceito teológico crucial presente nas igrejas na ALC e uma experiência de vida chave para os fiéis, é que Deus sempre toma a iniciativa e vem ao nosso encontro; Ele se entregue a

[79] Veja nota 32 acima sobre as Cinco Marcas de Missão

nós, porque Deus é amor e é compassivo (1Jo 4:19; Os 1-3:11). Essa entrega de Deus é incondicional e com duplo sentido: Ele não impõe condições, nem aceita restrições.

Muitas igrejas na ALC estão desenvolvendo maneiras de fazer Discípulos para o Reino de Deus através do empoderamento de pessoas e comunidades para lutar para a transformação da desigualdade e violência. A Diocese de Honduras, por exemplo, desenvolveu um programa educacional e um projeto de jardinagem familiar, juntando pessoas de comunidades pobres e cobrindo temas como Bíblia, Liderança, gestão eclesiástica, identidade anglicana, além de ajudá-las a desenvolverem técnicas melhores e sustentáveis para a agricultura/horta familiar que cuidam do meio ambiente evitando o uso de químicas na terra. Um importante atributo chave aqui é de tomar a iniciativa e tornar a igreja presente onde há necessidade, onde os mais vulneráveis precisam de amor e serviço (diaconia).

A história do casal no caminho para Emaús (Cleófas e provavelmente a sua mulher Maria) no Evangelho de Lucas (Lc 24:13-35) na verdade está ensinando como fazer discípulos e mudar realidades. A maioria das igrejas na ALC procura, com muito sucesso e alegria, incorporar uma forma de Discipulado que é inspirado pela história de Lucas e explicado aqui:

Aproximar-se às pessoas carentes
Sair da zona do conforto e tomar a iniciativa de estar onde estão as pessoas carentes é um requerimento para ser Discípulo. Seguir Jesus é exigente mas compensa. Em Honduras a Igreja está sendo implantada em lugares onde há necessidade de comunidade e desenvolvimento.

Caminhar no mesmo passo
Prestar atenção à realidade da comunidade e do povo caminhando juntos no contexto e no ritmo da vida deles, tomando cuidado para não trespassar. A companhia é importante numa viagem. Em Guatemala, através do "Programa Salvar pela Educação", a Igreja está ajudando as pessoas a aprender a guardar dinheiro, gerenciar o seu próprio negócio e apoiar outros no processo.

Mostrar interesse e consciência do contexto local
Quando as igrejas estabelecem iniciativas de treinamento para o Discipulado a primeira pergunta é "Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós?" (Lc 24:17). Grande parte do Discipulado é compreender o contexto da igreja e como foi influenciada. Fazer parte de uma única comunhão ajuda muito na hora de trocar experiências e informações para adotar discípulos mais profundos e duradouros para o reino de Deus.

Estar pronto para ficar em silêncio e escutar
O Discipulado exige o silêncio para podermos escutar uns aos outros mais profundamente. Os métodos de treinamento sempre incluem espaços integrados para a escuta mútua e para o diálogo. É uma boa maneira de ouvir o que Deus está revelando ao seu povo. Alcançamos a transformação, a paz e a reconciliação através de verdadeiros processos de silêncio, diálogo e de escuta mútua. A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil organiza retiros para lideranças durante o ano para fortalecer a sua capacidade do diálogo uns com os outros e com a sociedade.

Lendo a Bíblia JUNTOS
Lendo a Bíblia juntos e fazendo teologia para a transformação é outro ponto chave da história de Lucas, quando Jesus oferece aos dois discípulos uma nova perspectiva sobre a natureza da missão do Messias. Emprisionados como estavam na ideo-teologia do Império (a força dominante que queria uniformidade e o silêncio do povo) e de uma religião confortável

e corrompido, Jesus lhes oferece um novo horizonte em relação ao Messias prometido. E ele faz isso começando pelas coisas que eles já sabiam, mas tinham esquecido, ou foram "impedidos de compreender" pelo ideo-teologia dominante. Eles estavam esperando que outra pessoa resolvesse o seu problema.

Muitas pessoas foram treinadas nessa expectativa passiva desde o berço. Alguém, mais poderoso, mais letrado, mais maduro e com mais experiência – irá liderar-los e resolver os seus problemas. Aqui, não é simplesmente uma questão de ler, estudar e interpretar as Escrituras, mas de perguntar: qual interpretação, para que fins, usando quais textos? Jesus é Boa Nova para todos? A ALC tem dificuldade com essas questões ao usar a Bíblia e Teologia, ambos dos quais eles estimam bastante. Todas as iniciativas de treinamento incluem a Bíblia e Teologia como assuntos importantes para se tratar. A Teologia e os Estudos Bíblicos sempre são instrumentos importantes que ajudam o Discipulado a trazer a glória de Deus e o seu Reino aqui.

Hospitalidade – estabelecer lugares seguros e acolhedores é uma parte essencial da espiritualidade cristã, e o Discipulado leva muita a sério essa questão, especialmente no mundo hostil com intolerância e violência. Na medida em que a intolerância, o racismo e o machismo cresçam no continente da ALC as igrejas estão preparando os Discípulos de Cristo para construir e organizar comunidades missionárias (excêntricas). A hospitalidade é crucial para a espiritualidade em muitas religiões. Quando falta hospitalidade, coisas ruins acontecem: olha para Sodoma e Gomorra. Um extenso número de estudos bíblicos confirma isso.

Então os Discípulos fazem o que a sua fé os compele a fazer: eles convidam o estrangeiro para a casa deles, para partilhar da sua mesa. Isso é especialmente importante em LAC onde se experimenta o multiculturalismo, mas mesmo assim os povos indígenas e afrodescendentes são discriminados e excluídos.

Jesus (ainda não reconhecido) e o casal já partilharam a viagem, a tristeza, as dúvidas e as descobertas (aprendendo e desaprendendo). Agora os Discípulos decidiram ser fieis a sua fé e compartilharam a sua mesa e a sua casa. Os gestos de acolhida – e o gesto de Jesus – finalmente lhes ajudaram a abrir os olhos. Aqui, "abrir os olhos" é uma metáfora para compreender e obedecer (escutar interiormente) a sua fé.

A clara intenção de partilhar (compreendendo profundamente e analisando) o contexto, de ler a Bíblia juntos e partilhar na mesa (construir comunidade) é de colaborar, para criar um espaço de hospitalidade, solidariedade e compromisso: à vida, ao caminho (jeito de viver) e ao povo (e a natureza). As igrejas da ALC ajudam os seus membros a se comprometerem com a comunidade, a amar e sustentar o serviço, mas também a fortalecer o cuidado, a paz e a reconciliação e uma vida de justiça, contra as estruturas injustas da sociedade e da Igreja.

Proclamar boas palavras e fazer boas ações

Paulo na sua primeira carta aos Coríntios, quando reprimiu a comunidade sobre a maneira em que eles se reuniam para celebrar a comunhão, lembrou que "há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram." (1Cor 11:30) porque alguns membros da comunidade "comem e bebem sem discernir o corpo do Senhor" (1Cor 11:29).

Todas as províncias da ALC estão muito preocupadas em se juntar ao trabalho de justiça e paz e são lembrados na celebração eucarística que precisam uns dos outros para fazer isso, e que as boas palavras devem ser acompanhadas por boas ações. Isso envolve compartilhar as nossas vidas e recursos para fortalecermos os nossos corações para a viagem.

Compartilhar o contexto – é importante perceber que compartilhar o contexto, ler a Bíblia e adorar JUNTOS são sinais do Discipulado. Somos conhecidos como Discípulos na missão e no amor uns pelos outros e pelo mundo.

A maioria das igrejas na ALC estão trabalhando duro para transformar todo tipo de violência, desigualdade, pobreza, tristeza, desconexão, depressão, individualismo, medo e a inabilidade de reconhecer o amor de Jesus (e o próprio Jesus) no início do caminho para Emaús (a nossa caminhada diária, nosso caminho) até uma peregrinação da Páscoa e chegar (todos nós) na mesa da eucaristia. Como é que podemos perceber que o caminho para a ressurreição nas nossas vidas só é possível quando aceitamos retornar para Jerusalém – para a comunidade, a alegria, o dinamismo, mas também os conflitos e a Cruz, e não fugirmos disso? O Pai da Igreja do século quatro, Evagrius Ponticus, falando da reflexão da Comunidade Joanina, disse que para encontrar e reconhecer a Deus, é preciso primeiro encontrar a si mesmo (a nossa verdade nua e crua) e não o outro – esse é o caminho para o amor de Deus e dos nossos irmãos e irmãs. (1Jo). O treinamento e os planos estratégicos das províncias da ALC têm esse objetivo claro.

Depois de Emaús, os homens e mulheres tristes (Discípulos), corajosamente se levantaram e voltaram para Jerusalém: para os conflitos, para as crises. Eles retornaram para reconstruir um outro mundo possível, cheio de novas relações. A noite escura do povo virou a aurora da ressurreição: "verei que nem as trevas são escuras para ti. A noite brilhará como o dia, pois para ti as trevas são luz". (Salmo 139.12).

Chamados a ser discípulas/os e apóstolos num mundo e numa Igreja em transformação: uma perspectiva norte-americana.

O Bispo Ian Douglas escreve a partir do contexto da América do Norte para nos lembrar que os estudiosos e os que promovem o movimento da igreja missionária (aqueles que acreditam que o Corpo de Cristo significa, em primeiro lugar, participar na missão de Deus no mundo e não manter uma instituição) apontam que a Igreja nas nações industrializadas ocidentais está vivendo o fim do cristianismo. O cristianismo é o sistema social, político, cultural e econômico que presume que a Igreja é central na vida das pessoas e da nação, mas tudo isso está mudando, pois os Estados Unidos estão se tornando cada vez mais secular e multi-religiosos. Não podemos fingir que a era que colocava a Igreja no centro das nossas vidas públicas e privadas está indo bem. As pessoas não estão mais lotando as igrejas no domingo de manhã porque é a coisa certa de fazer, não importa quão atrativas sejam as nossas celebrações e programas. Agir habitualmente não está funcionando mais.
Randy Ferebee, no seu livro: *Cultivating the Missional Church: New Soil for Growing Vestries and Leaders*, (cultivando a Igreja Missionária: Novo Solo para Sacristias e Líderes) descreve com competência as mudanças na Igreja enquanto enfrentamos as realidades do pós-cristandade. Ele fala que para a Igreja ter um future no mundo pós-cristandade, ela precisa se mudar: do centro para as margens, do status de maioria para minoria, de ser colonizadora para ser estrangeira, de privilégio para pluralidade, da ênfase no controle para o testemunho, da manutenção para a missão, e de ser uma instituição para ser um movimento.[80] Esses são objetivos aspiracionais que não são fáceis de assumir para nós que fomos criados na Igreja da América do Norte no século vinte.

A Igreja que conhecemos na América do Norte tem que se adaptar no final da cristandade, se não ela vai morrer. As histórias que contamos para nós mesmos sobre o significado de ser

[80] Randy Ferebee, *Cultivating the Missional Church: New Soil for Growing Vestries and Leaders* (New York: Morehouse Publishing, 2012).

cristão, as 'narrativas da Igreja Eurotribal' como foram descritos pelo pensador da igreja missionária, Alan Roxburgh, precisam ser trabalhadas. Não podemos mais descansar no nosso legado colonial como a Igreja Estabelecida. Precisamos de numa nova narrativa sobre quem somos como o Corpo de Cristo depois da cristandade. Porém, a nova narrativa não será repassada de cima. Não será construída por nenhuma 'Força Tarefa sobre a Reinvenção da Igreja Episcopal' ou desenvolvida por nenhuma iniciativa de planejamento. O novo perfil da Igreja surgirá quando seguimos a Jesus de forma nova e, empoderados pelo Espírito Santo, realizamos diferentes experimentos na missão de Deus de restauração e reconciliação. A nossa narrativa em desenvolvimento, pós-cristandade, será descoberta quando vivemos as antigas vocações do pré-cristandade como discípulos e apóstolos no mundo em maneiras novas.

A vocação de viver como discípulos de Jesus e de serví-lo como apóstolos do Reino de Deus, o qual ele veio para estabelecer, é dada a nós no nosso batismo. No batismo somos ligados ao nosso Deus criador na vida, morte e ressurreição de Jesus, e somos mandados para o mundo, no poder do Espírito Santo, para participar na missão de Deus. Morrendo nas águas do batismo e ressuscitando para uma nova vida em Jesus, nós ganhamos de novo o nosso chamado como seguidores de Jesus – discípulos de Jesus numa nova era. Selados com o Espírito Santo e marcados como sendo de Cristo para sempre, somos mandados ao mundo como missionários – apóstolos da missão de Deus. O batismo significa nos tornarmos discípulos e apóstolos aqui e agora.

A Aliança Batismal[81] é um convite para aceitarmos a nossa vocação como discípulos e apóstolos. Nas primeiras três perguntas da Aliança, nos perguntam: acreditamos em Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Quando respondemos usando as palavras do Credo Apostólico, afirmamos o nosso chamado para sermos discípulos, seguidores de Deus, em Jesus, através do poder do Espírito Santo. As cinco perguntas pós-credo que seguem tratam de como seremos apóstolos no mundo, mandados para a missão de Deus. Como prometemos, com a ajuda de Deus, viver uma vida dedicada à adoração, perdão, evangelismo, serviço e a fazer justiça, assumimos a nossa vocação de participar na obra salvífica do Deus Triúno: nos juntamos a Deus para restaurar todas as pessoas à unidade com Deus e com os outros em Cristo. Nas promessas da Aliança Batismal assumimos o nosso chamado de sermos discípulos e apóstolos da missão de Deus num mundo e numa Igreja em transformação.

Na Diocese Episcopal de Connecticut estamos realmente sentindo a realidade o fim da cristandade. E, em geral, estamos enfrentando as mudanças que o pós-cristandade está causando. Orientados pelo Espírito Santo, estamos realizando cada vez mais experimentos como seguidores de Jesus e missionários no novo mundo. A nossa nova narrativa da Igreja pós-cristandade ainda não foi totalmente articulada. Ainda temos muito trabalho pela frente.

O que precisamos quando avançamos no mundo de Deus em transformação como uma Igreja em transformação é mais formação de discípulos e apóstolos na missão de Deus. O futuro está gravido de possibilidades. Lideranças leigas e ordenadas na Igreja Episcopal de Connecticut já estão engajadas na criação e experimento de novas maneiras para a formação e capacitação de todos nós como discípulos e apóstolos.

[81] http://www.episcopalchurch.org/page/baptismal-covenant

O futuro pós-cristandade já está aqui na América-do-norte. Somos todos chamados a sermos discípulos e apóstolos na missão de Deus nesse mundo e Igreja em transformação.

Capítulo 13 O Discipulado Anglicano entre Crianças e Jovens

> Se a nossa obediência a Jesus inclui fazer 'Discípulos de todas as nações', então como é que as nossas atitudes e ações hoje em relação às crianças e adolescentes nos impulsionar para essa grande tarefa? Essa pergunta é crítica para a missão global, especialmente considerando que quase a metade da população mundial está com menos de 25 anos de idade e um terço da população é de crianças com menos de 15 anos. (Anne-Christine Bataillard)

O método tradicional de desenvolver a espiritualidade de nossas crianças, é mandá-las para a Escola Dominical. Isso é feito independente dos pais serem cristãos praticantes. Temos contado com voluntários com um treinamento limitado ou sem nenhum para monitorar as crianças durante pelo menos 1 hora por semana, esperando que as crianças vão receber um ótimo desenvolvimento espiritual preparando elas para a confirmação e para a vida futura.

Uma das nossas aprendizagens durante o trabalho com a juventude é que as lideranças jovens chegam facilmente ao "burn out" (esgotamento) porque não conseguem lidar com a disfuncionalidade dos jovens, principalmente porque também lhes falta uma forte base espiritual. Isso ajudou a Igreja Anglicana do Sul da África (ACSA) a perceber que era muito importante preparar uma base sólida nos primeiros anos (de 3 anos em diante) e garantir que desenvolvemos um ministério sem falhas das 3 aos 19 anos.

Consequentemente, criamos um projeto para construir um novo sistema de desenvolvimento espiritual (em outras palavras – um processo de discipulado) que cobriria os devidos temas de aula, além de oferecer uma caixa de ferramentas cheia de recursos que os professores poderiam usar para suplementar as suas aulas. O sistema também incluiria um currículo de treinamento para professores de Escola Dominical.

Esse projeto não pretende reinventar a roda, mas vai utilizar recursos e iniciativas existentes onde eles têm o maior valor. Alguns desses recursos são: Godly Play, (Brincadeiras Santas), Rooted in Jesus, (Enraizado em Jesus), Messy Church (Igreja Bagunçada), e outros. Mas programas por si só não são suficientes. O professor precisa entender que a criança ou jovem desenvolve e vai precisar ser treinada para atender as suas necessidades de desenvolvimento de maneira apropriada e contextualizada.

A nossa compreensão de como podemos usar uma abordagem holística foi bastante acentuada pelo Fórum Mundial de Direitos Humanos da *Compassion International*, que luta por uma abordagem de Desenvolvimento Infantil Holístico, como tem feito por mais de 60 anos.

> A *Compassion International* é um ministério em defesa dos direitos das crianças que junta pessoas com compaixão àqueles que estão sofrendo na pobreza. O ministério liberta crianças da pobreza espiritual, econômica, social e física. O objetivo para cada criança é de se tornar um adulto responsável e realizado.[82]

O Fórum lançou o recém criado *ForChildren.com*, um website com mais de 1.400 itens de recursos além de treinamento, disponíveis para as crianças e jovens no mundo todo.

> '*ForChildren.com*, apresentado por *Compassion International*, oferece ideias, oportunidades de aprendizagem e relações para ajudar a capacitar as pessoas que trabalham com crianças em situação de risco. Somos uma comunidade mundial de

[82] Citado de *Compassion.com*

seguidores de Cristo que está comprometido com o desenvolvimento holística das crianças'.[83]

Levando em conta que TODAS as crianças podem ser consideradas como "de risco" (por exemplo, com bullying na escola, etc.), então esses recursos podem ser úteis em qualquer contexto, e especialmente na África.

[83] Citado de *Compassion.com*

Capítulo 14 A Bíblia, Adoração, Sacramentos e a Comunidade Eucarística

Para todos os cristãos as fontes principais usadas para desenvolver uma vida de Discipulado e Formação de Discípulas/os são as Escrituras Cristãs estudadas juntas na adoração e na vida sacramental da comunidade de fé. Juntos o Antigo e Novo Testamentos oferecem um guia completo, suficiente e inspirado por Deus para a vivência cristã, um modelo para o Discipulado. Ao longo da história cristã a Bíblia tem sido recebida principalmente como um documento comunitário para ser lido e interpretado dentro do contexto das comunidades cristãs históricas. Embora os Discípulos cristãos são incentivados a ler as Escrituras em particular, o contexto autorizado para a interpretação é sempre dentro da vida de adoração da comunidade.

Diferente de outros textos religiosos, as Escrituras cristãs são infinitamente traduzíveis e podem ser usadas em cada comunidade cristã local, na medida do possível, na sua língua materna e no contexto do seu Discipulado cristão diário. Esse uso local das Escrituras é então moderado e analisado pela experiência interpretativa da Igreja universal através do espaço e do tempo. O programa atual "A Bíblia na Vida da Igreja" da Comunhão Anglicana é um grande recurso para o Discipulado nesse sentido.[84]

Como foi declarado em Parte A deste documento, o Discipulado é principalmente uma atividade corporativa e o seu último proposito é a glória de Deus. Não é de se surpreender, portanto, que junto com o nosso estudo e uso das Escrituras, achamos que a liturgia cristã, especialmente os sacramentos, é um grande recurso para o Discipulado bem como a Formação de Discípulos. Os sacramentos cristãos marcam pontos significantes de transição no caminho do Discipulado. O batismo e a confirmação nos ajudam com esses novos começos na vida, por vezes desafiadores, a eucaristia e o sacramento da confissão se tornam nossos pontos regulares de alimento no caminho, o Santo Matrimónio e a Ordenação nos fortalecem para novas responsabilidades do Discipulado e a Unção dos Enfermos e os Moribundos nos ajudam a entrar no Discipulado daquele que chega mais perto do Mestre através do sofrimento. Na nossa adoração diária, no canto dos salmos, nas nossas orações nós nos permitimos ser moldados por Aquele que seguimos, a Sua vida fluindo em nossa enquanto procuramos trazer outros para essa mesma intimidade da fraternidade divina.

O conceito da Comunidade Eucarística, como é ensinado dentro da tradição espiritual ortodoxa, vai muito além do que a comunidade reunida ao redor da Mesa do Senhor no Domingo. Ele fala de uma comunidade de Discípulos (tanto localmente quanto globalmente) que estavam reunidos em volta do Senhor em agradecimento e louvor constante (Ap 7.9-17). Assim nós somos empoderados por Ele e uns pelos outros para vivermos vidas que são contraculturais, radicais e moldadas por Cristo em vez de pelos valores dos contextos onde vivemos. Mais do que qualquer curso ou livro, a nossa experiência diária da Comunidade Eucarística é um recurso rico e desafiador para o Discipulado e a Formação de Discípulos intencionais.

[84] Martyn Percy, Clare Amos, Ian Markham (Eds.) *The Bible in the Life of the Church* Canterbury Press 2014. Também procure recursos aqui.

Capítulo 15 Oferecendo recursos para o Discipulado?

Este capítulo oferece ideias, através de histórias de experiências vividas, de como as/os anglicanas/os estão lidando com a realidade de ser capacitadas/os como Discípulos de Jesus Cristo no século 21 em vários contextos dentro da comunhão global.

Como mencionamos em Parte A deste documento, o Discipulado e a Formação de Discípulos não se tratam de estudos, cursos ou programas para um desenvolvimento espiritual pessoal ou para o crescimento da Igreja, mas da nossa relação com Jesus Cristo e as implicações dessa relação na nossa experiência de vida, e as histórias partilhadas aqui refletem algumas das experiências de anglicanos na sua jornada de responder ao chamado do seu Mestre.

O Curso Alpha

O Curso Alpha é usado principalmente pelas igrejas como uma ferramenta para a evangelização. Até hoje 27 milhões de pessoas fizeram o Curso Alpha. Alpha já foi realizado em 169 países, foi traduzido em 112 línguas e está sendo usado pela maioria das denominações e tradições da igreja ao redor do mundo. O seu objetivo é de treinar a igreja para ajudar as pessoas a encontrarem a Deus através de Jesus Cristo.

Em 2014 54% das pessoas que fizeram o Alpha eram da Ásia onde o Alpha tem a sua sede de treinamento em Kuala Lumpur. Além do Curso Alpha existem recursos Alpha para ajudar as igrejas a alcançar os jovens.[85]

Porém, Alpha começou como uma ferramenta do Discipulado em 1978, visando novos fieis, e desenvolvido pela Igreja Anglicana de Holy Trinity (Santíssima Trindade) de Brompton em Londres. O Discipulado é uma caminhada para a vida toda, e nenhum curso pode cumprir tudo sozinho. Por isso o curso é chamado de 'Alpha' e não 'Alpha e Omega'! Algumas igrejas, além de usar essa ferramenta para a evangelização, usam o Alpha para o Discipulado.

Existem certos elementos do formato e conteúdo do Curso Alpha que ajudam no processo do Discipulado. Primeiro, os visitantes são divididos em pequenos grupos de até 12 pessoas (2 monitores, 2 ajudantes e 8 convidados). Os convidados permanecem no mesmo pequeno grupo a cada semana durante todas as 10 semanas do curso. O Discipulado é melhor feito em comunidade, não é para ser uma caminhada solitária. O Alpha engloba isso.

Segundo, a discussão no pequeno grupo do Alpha é baseada em perguntas. Depois da apresentação na frente sobre o assunto da semana, o monitor do pequeno grupo faz perguntas e os convidados são livres para falar o que pensam e sintam e para fazer as suas próprias perguntas para os outros. Jesus fazia muitas perguntas para discipular os seus seguidores.

Terceiro, a dinâmica do pequeno grupo adota um sentimento de pertença. O Discipulado acontece com sucesso quando as pessoas sintam que fazem parte daquilo. Muitos convidados do Alpha falam que sentiram isso antes de se tornarem fieis.

Quarto, o Discipulado leva tempo. É uma caminhada. Embora o Alpha pode ser, para muitos, apenas o começo de uma caminhada para a vida toda, ele leva 10 a 11 semanas e disponibiliza tempo e espaço para as pessoas fortalecerem a sua fé e começarem a sua caminhada como Discípulo.

---

[85] Veja Curso Alpha

Quinto, o Alpha começa a demonstrar aos convidados algumas das práxis e disciplinas espirituais envolvidos no Discipulado, como ler a Bíblia, orar, cantar e conversar. O conteúdo do ensino é também centrado na Trindade, com assuntos como 'Quem é Jesus?', 'Porque Jesus morreu?', 'Como posso ter fé?', 'Quem é o Espírito Santo?'.

Finalmente, o Discipulado também envolve ação. Crescemos enquanto servimos, não é apenas uma questão de consumo. O Alpha ajuda a igreja a mobilizar muitas pessoas na congregação para ajudarem no processo de evangelização, e não apenas os "evangelistas naturais". As pessoas podem servir fazendo comida, monitorando ou ajudando nos pequenos grupos, ajudando a registrar os convidados, arrumando as cadeiras e, é claro, convidando os seus amigos a participarem. Nesse sentido o Alpha ajuda as pessoas a crescerem e também identifica lideranças talentosas que surgem. Com tempo os convidados também são iniciados no serviço cristão com a igreja e a comunidade em geral.

Enraizados em Jesus Júnior

O Enraizados em Jesus Júnior (RinJ Junior) é um programa paralelo ao Enraizados em Jesus (RinJ) para adultos[86] designado para uso com crianças de 8 –14 anos; ele oferece o primeiro currículo sistemático cristão para uso nas Escolas Dominicais. Assim como no programa para os adultos, a ênfase está em ajudar as crianças a confiarem e seguirem a Jesus em maneiras práticas nas suas vidas diárias.

RinJ já foi adotado por 66 dioceses anglicanas em 15 países africanos passando pelo Sul do Sudão até a África-do-Sul, e também por várias outras redes denominacionais. É usado para grupos pequenos de Discipulado nas igrejas locais, para o evangelismo e a implantação de igrejas, e para a preparação para confirmação e o treinamento para o ministério leigo. Também pode ser usado como um complemento para os programas de evangelização como o Alpha. O RinJ Junior foi implantado pela primeira vez em 2010, e agora está sendo usado na Uganda, África do Sul, Zâmbia e Tanzânia. Ambos os programas são apresentados por uma equipe experiente através de uma conferência residencial de treinamento, e apoiado em cada diocese por um coordenador diocesano indicado pelo bispo.[87]

O Deus que está presente

O Deus Que Está Presente (TGWIT na sigla em inglês) surgiu da necessidade de um treinamento de Discipulado igualmente prático e relacional para uso nos contextos mais desenvolvidos. É um programa para pequenos grupos dividido em três partes baseado nos princípios do RinJ mas com mais atenção nas questões e desafios levantadas pela cultura ocidental. A primeira parte, *Além de Nós Mesmos*, convida os participantes a descobrirem uma relação viva com Deus; a segunda, *A Nova Comunidade*, lhes ajuda a aprofundar a sua relação com Deus em, e através de suas relações com os outros; a Terceira, *Brilhando como as Estrelas*, lhes prepara para viver com compaixão e integridade como cristãos na comunidade e no lugar de trabalho. Baseado nas Escrituras, o TGWIT funciona através de discussões, ilustrações, exercícios práticos, louvor e oração. Os três livros podem ser usados sucessivamente ou independentemente, e cada curso inclui um livrinho do membro do

[86] Veja Capítulo 9 acima

[87] *Rooted in Jesus* foi editado e dirigido por Alison Morgan e publicado no RU por ReSource. Na África do Sul está sendo implementado e apoiado por 'Growing the Church' (cultivando a Igreja), e na Tanzânia é dirigido por Bispo Stanley Hotay do seu escritório em Arusha. Aqui o website.

grupo que resume o conteúdo e oferece exercícios práticos para usar entre os encontros. Como no RinJ, os principais desafios do TGWIT não são acadêmicos, mas espirituais.[88]

Embaixadores por Cristo[89]

Muitos cristãos não foram Discipulados para serem pessoas missionárias no contexto da sua vida diária. A missão normalmente tem sido apresentada como uma oportunidade para os membros ativos das igrejas oferecerem o seu tempo livre para apoiar as atividades do clero pago, organizadas pela igreja. Existem dois motivos para essa situação: um teológico e o outro estrutural. Teologicamente, muitas pessoas têm convivido com uma compreensão sobre o significado de ser seguidor de Jesus que divide o sagrado do secular. Em muitos casos a cultura das igrejas locais tem perpetuada essa compreensão falsa. Em segundo lugar, poucas igrejas estão estruturadas numa maneira que facilita a formação de Discípulos intencionais na comunidade.

Porém, estamos convencidos de que essas questões não serão resolvidas adicionando mais um programa nos calendários super-lotados das igrejas locais. O que é preciso é uma mudança de cultura. Para que essa mudança aconteça, as lideranças das igrejas e os membros congregacionais precisam levar a sério o chamado de Cristo de viver as implicações profundas de segui-lo em todas as áreas de vida. Isso significa que os 98% dos cristãos que não são pagos pela igreja, precisam não apenas ocupar o seu tempo livre com as atividades missionárias da Igreja quando estão reunidos, mas também aderir ao sentido do desejo de Deus de usá-los na sua missão nos vários contextos, ou seja, na vida diária dos cristãos nas suas casas, no trabalho e no descanso.

Dessa mudança radical, mas simples, do foco da nossa compreensão de missão, surge um foco em duas principais linhas de atividade – a linha de frente do local de trabalho contemporâneo onde grande número de cristãos passam a maior parte da sua vida ativa, e a comunidade reunida na igreja local que discipula as pessoas ao longo da vida toda. Essa relação entre o povo de Deus reunido e disperso é crucial para levar os cristãos ao Discipulado frutífero no mundo de hoje.[90]

Para conseguir isso, os cristãos e as lideranças das igrejas precisam ser capacitados com uma base bíblica, recursos práticos e treinamento para que possam florescer como seguidores de Jesus e implantar comunidades de formação de discípulos integrais.

Os cristãos individuais são incentivados a entender a dimensão de toda essa vivência missionária frutífera. Isso inclui, mas não é apenas, ser um mensageiro do Evangelho. Os cristãos vivem para glorificar a Deus enquanto a Sua bondade e poder são expressos na vida *frutífera* de cada dia em situações que requerem um *modelo* do caráter de Deus, que exigem que boas obras sejam feitas, que a graça e o amor sejam *ministrados*, que precisam de uma *porta-voz* pela verdade e pela justiça.

Na medida em que a imaginação missionária da Igreja se estende, um novo desafio surge. Levar uma igreja até o discipulado integral exige que as lideranças se tornem competentes na criação de interdependência entre as duas principais expressões da igreja – reunida e dispersa. Os líderes ressoam profundamente com a necessidade da missão integral, mas

[88] TGWIT foi editado por Roger Morgan e publicado por ReSource; até agora é usado principalmente no RU, mas também na Suiça, África do Sul (através do 'Growing the Church'), Nova Zelândia e Austrália.
[89] Facilitado pelo LICC - Instituto Londrino de Cristianismo Contemporâneo
[90] The London Institute of Contemporary Christianity (LICC) desenvolveu recursos para ajudar igrejas e lideranças a equiparem os cristãos para serem discípulas/os íntegros.

percebem que o maior obstáculo para ser uma comunidade assim é a cultura existente da Igreja. Nesse caso os líderes da Igreja precisam ser apoiados nos seus esforços para criar uma cultura de formação de discípulos, identificando e implementando uma série de mudanças viáveis com um efeito cumulativo que possa ajudar a igreja a se tornar uma comunidade de formação de discípulos integrais. A experiência mostra que as igrejas, independente das suas tradições confessionais específicas, podem se tornar comunidades que visualizam, equipam e sustentam Discípulos missionários de Cristo – independentemente de onde estejam.

Capítulo 16 Agências de Missão e Desenvolvimento

Discipulado Integral e a rede Faith2Share *(Féparapartilhar)*

Faith2Share é uma rede global de agências missionárias de várias denominações, mas incluindo uma alta porcentagem das agências missionárias da Comunhão Anglicana. Estabelecida em 2000 a rede tem um foco tríplice em Discipulado, Colaboração e Movimentos de Missão Emergentes.

Em 2011 os líderes das agências membros da rede *Faith2Share* identificaram uma lacuna significante nos seus ministérios. Com recursos consideráveis comprometidos com o evangelismo, implantação de igrejas, treinamento de lideranças, desenvolvimento comunitário, ministérios de educação e saúde, todos estavam experimentando bastante crescimento na igreja, especialmente no "*Majority World*" (*países em desenvolvimento*), mas sem ver uma maturidade no Discipulado. O genocídio em Ruanda uma década antes foi uma alerta na África, mas a corrupção e o nepotismo na Ásia e o consumismo, nominalismo e o mal-estar moral da Igreja na Europa e na América do Norte todos apontaram para uma necessidade de enfrentar o Discipulado nas igrejas. Como resposta, em 2012, *Faith2Share* lançou uma série de consultas sobre o Discipulado Integral ou "Discipulado Profundo".

As consultas do Discipulado Profundo já foram realizadas em vários locais diferentes ao redor do mundo e mais estão sendo planejadas. Cada uma reúne lideranças de missão e da igreja para trabalharem juntas no desenvolvimento de estratégias para o Discipulado integral na sua região no mundo. Resumindo, as consultas enfrentam três aspectos da vida para descobrir o que significa ser um Discípulo de Jesus em cada aspecto. A primeira se trata de família (casamento e filhos), questões de clãs e tribos. O segundo gira em torno das relações de emprego, como usamos o dinheiro, etc. E o terceiro olha para questões da comunidade, política, o meio ambiente e relações inter-religiosas. Em cada contexto os participantes decidem quais questões são significantes para um Discipulado eficaz no seu próprio contexto.

Ao facilitar esse processo, a rede *Faith2Share*, de propósito, não produziu nenhum manual ou material didático, mas apenas um esboço para consultas. As questões, os recursos e os facilitadores das seções são todos escolhidos localmente para garantir que o processo seja plenamente contextualizado e apropriado localmente. O objetivo é desenvolver processos nas igrejas e agências missionárias que levam a uma maturidade do Discipulado no qual os anglicanos, e outros cristãos, são preparados para seguir o caminho de Jesus em todos os aspectos das suas vidas.

Insider Movements (movimentos de dentro) e o Discipulado

Uma importante criação no mundo da missão ao longo das últimas duas décadas tem sido o surgimento dos chamados "*insider movements*" (movimentos de dentro) e os muitos debates sobre eles. Mas ao que se refere exatamente esse termo "*insider movement*"?

Embora muitas definições foram sugeridas na literatura, aqui adotamos a definição usada pelos anglicanos envolvidos mais intimamente com esses movimentos[91], ou seja, com elementos do que alguns já chamaram de C5.[92]

---

[91] Olhe por exemplo, McGavran (1955), Pickett (1933), e Tippett (1971).

[92] A C-Scale (Escala C) é descrito em Travis (1998: pp. 407-408). A maioria dos praticantes estão se afastando da Escala C, incluindo o próprio Travis, ou pelo menos diferenciam o C-5 e os "movimentos de dentro". Nós falamos do C-5 aqui por conveniência. Na verdade, o tipo de movimentos que estamos

Assim, os elementos centrais de um "movimento de dentro" incluem:

a. Salvar a fé em Jesus Cristo
b. Compromisso com a vivência sob a autoridade bíblica
c. A criação de formas de *Eklésia* contextualmente apropriadas.
d. A decisão de permanecer dentro de alguns aspectos da sua religião de origem.

Como acontece o Discipulado nesse tipo de movimento? Existem dois elementos chaves do Discipulado que acontecem nos dois maiores movimentos que conhecemos:

a. Discípulos são formados sendo parte de pequenas comunidades de fieis, ou "*house churches*" (igrejas no lar), que se reúnem principalmente com outros fieis. Essas pequenas unidades eclesiais oram juntos, leem, conversam sobre as Escrituras e partilham expressões simples da Santa Ceia.
b. Discípulos também são formados quando participam nos grupos de treinamento de "lideranças". O foco principal desses grupos é de ler e ouvir e depois aplicar as porções da Bíblia assim como eles recebem, oração mútua, encorajamento e um planejamento continuo, e participação, na expansão do movimento através do evangelismo e a implantação de novos grupos.

As descrições aqui devem servir para dissipar a percepção equivocada de que os "movimentos de dentro" são secretos, escondidos, medrosos, ou até subversivos e enganosos.[93] Na verdade, os movimentos que conhecemos são focados no evangelismo e implantação de igrejas nas casas.

Outra característica do Discipulado que acontece nos movimentos de dentro é o processo de como os fiéis lidam com a religião da sua nascença. Todo discípulo, é claro, luta com a interação entre a sua vida antes do discipulado e sua vida como Discípulo. Mas isso é especialmente delicado quando se busca viver o máximo da sua religião de nascença que a Bíblia permite. Como não tem espaço aqui para falar sobre isso, vai ter que ser apenas um resumo. Há muitas dimensões. Quando os Discípulos começam a buscar obediência a Jesus nas Escrituras, tendem a fazer uma escolha entre muitos em relação às ações, cerimônias, etc., da sua religião passada:

(a) Rejeitar: Tornar claro para o Discípulo que algumas coisas precisam ser rejeitadas. Por exemplo, o uso de magia ou pragas ou simpatias para ter um efeito espiritual.
(b) Reter: Certas ações ou práticas são neutras, ou o que os reformadores podem ter chamado de adiáfora. Nos contextos cristãos, as árvores de natal são um exemplo disso para muitos, apesar das suas raízes não cristãs. Para alguns Discípulos "de dentro" isso pode incluir vestimentas, barbas. etc.
(c) Reinterpretar: Em alguns casos a prática ou rito pode continuar, mas com um novo sentido. Um exemplo tem sido o sacrifício de animais durante as celebrações muçulmanas de Eid, que, em alguns casos, está sendo reinterpretado para lembrar os fiéis do Último Sacrifício feito por nós na Cruz.

---

descrevendo teria que ser descritos como uma mistura de C-4 e C-5 se fomos usar a Escala C para avaliá-los. Veja também as discussões em Tennent (2007) e Higgins (2006).

[93]Para mais informações sobre os movimentos de dentro de múltiplos perspectivas: Higgins, Kevin, "*The Key to Insider Movements*", International Journal of Frontier Missions 21:4, Winter 2004. Também discussões em 2009 em St. Francis Magazine, especialmente as respostas ao Higgins, "Inside *What? With responses by Nikides and "Phil*" Agosto, 2009 e depois a resposta de Higgins em dezembro 2009).

(d) Reavaliar: Em outros casos a prática pode permanecer, mas com menos ou talvez mais importância. Um exemplo do primeiro tem sido a maneira às vezes legalística em que os muçulmanos fazem as suas orações cinco vezes ao dia. As vezes os Discípulos mantêm a prática, mas sem dar a importância que tinha antes (isso também é um caso onde acontece a reinterpretação, pois o conteúdo das orações muitas vezes muda também). Mas em outros casos as práticas como doar aos pobres se tornou ainda mais importante que antes.

Como todo o discipulado cristão, o Discipulado nos movimentos de dentro é um processo. Um processo que acontece com tempo, numa comunidade, e através do engajamento intencional e orante com as Escrituras e experiência vivida.

***Fresh Expressions* (Novas Expressões*)* da igreja e o Discipulado**

Metodologia

Desde 2011, a unidade de pesquisa da *Church Army* (Exército da Igreja) tem colecionado dados quantitativos sobre todas as novas expressões de Igreja, incluindo implantações de igrejas. Dados longitudinais foram fornecidos pois a pesquisa inclui todas que começaram no período de 1992–2014. Até Julho de 2015 terá todos os dados de 16 das 41 dioceses de Inglaterra e pretende completar 21 dioceses nessa rodada. Nessa seção o fenômeno conhecido como "*fresh expressions*" da Igreja é abreviada como fxC.

Essa pesquisa inclui uma pergunta específica sobre as quatro abordagens usadas para adotar o Discipulado. Como é um trabalho quantitativo, há um limite distinto em relação à profundidade do questionário. Além disso, a seção seguinte não abrange os outros passos do Discipulado relacionados e pesquisadas que essas novas igrejas ou fxC têm dado. Esses passos incluem o uso da Bíblia no louvor, a prática dos dois sacramentos dominicais, como eles se engajam no evangelismo, ou passos que tenham dado em relação a sua responsabilidade por si mesmo.[94]

A pergunta, feita por telefone, ao(s) líder(es) de cada fxC, foi se o Discipulado entre aqueles atraídos pelo fxC usava todos ou qualquer um dos seguintes pontos: pequenos grupos, encontros um-a-um, cursos, serviço em equipes. Até agora a equipe de pesquisa tem respostas de 833 fxC, todos quantos satisfazem os critérios para serem um fxC de verdade – ou seja, são tanto missionários quanto eclesiais.[95]

As constatações ou "cartas de igrejas novas"

Os leitores devem perceber que aqui estamos lidando com igrejas pequenas, novas e variadas. O tamanho médio é de 44 membros, a maioria existe há menos de cinco anos e provavelmente existem cerca de 20 tipos diferentes de fxC. Começaram em vários tipos de contextos sociais desde o centro da cidade até na área rural e nasceram da variedade das tradições da Igreja de Inglaterra. Então têm muitos aspectos diferentes nas constatações.

O destaque claro é que entre as 16 dioceses, 78% das fxC estão dando passos em direção ao Discipulado, enquanto 22% dizem que não chegaram a essa etapa. Não é o caso do Discipulado ser periférico em relação às fxC. Sempre a maioria está fazendo alguma coisa ao respeito. É necessário um trabalho qualitativo para avaliar os seus efeitos e se são suficientes.

---

[94]Mais detalhes sobre os exemplos das primeiras 11 dioceses podem ser encontrados aqui.
[95] Os 10 critérios usados são disponíveis na Church Army. Email: ask@churcharmy.org.uk

Existem constatações significantes dependendo do fator que for considerado além dos passos no Discipulado. A mais clara é a ligação com a frequência das reuniões. Em todos as quatro abordagens pesquisadas, as pessoas que se reúnem semanalmente têm mais tendência a escolher pelo menos uma das abordagens do que aquelas que se reúnem apenas de 15 em 15 dias e menos ainda aquelas que se reúnem mensalmente. O fator atenuante é que o progresso nas marcas de maturidade tende a levar mais tempo nos encontros mensais. Desenvolver relações profundas, estabelecer padrões de pertencimento, e garantir compromisso levam tempo. 89% das fxC semanais engajaram no Discipulado, 84% das quinzenais e apenas 66% das mensais.

Também existe uma clara correlação com o tipo de área servida, mas esse fator vai afetar os recursos disponíveis e a consequente frequência nos encontros e talvez a escolha do tipo de fxC. Os nove tipos de área urbana listados tiraram mais pontos nos passos para o Discipulado do que as duas áreas rurais: as aldeias expandidas e o rural remoto. As diferenças em cada extremo do espectro aparecem nos fxC quando os grupos no centro da cidade mostram duas vezes mais probabilidade de dar certos passos em comparação com as fxC nas áreas rurais e as aldeias expandidas. As notas mais altas em todas as quatro abordagens foram nas fxC no centro da cidade. Depois o surgimento de pequenos grupos era mais comum nas cidades e nos condomínios particulares, do que nas áreas urbanas menos privilegiadas. O serviço em equipe foi mais proeminente nos subúrbios e nas pequenas cidades, enquanto os encontros 1:1 eram mais comuns nas áreas urbanas menos privilegiadas, do que nas cidades, condomínios e subúrbios. Sugerimos que isso significa que as escolhas estão sendo feitas de acordo com o contexto; e isso é afetado pelos espaços disponíveis, expectativas sociais, possibilidade de deslocamento, e estilo de aprendizagem preferido.

Os tipos de tradição eclesiástica também fazem a diferença nas quatro escolhas de Discipulado selecionadas. Perguntamos às pessoas se aquelas que começaram o fxC se identificaram com alguma, ou até três das cinco tradições citadas. Consistentemente aquelas pessoas que fazem parte da tradição carismática tiraram a maior nota em todas as quatro medidas, e depois foram os evangélicos. Aqueles no centro, ou os anglo-católicos, ou liberais chegaram depois, dependendo da medida escolhida do Discipulado. Também pontuamos as combinações de tradições e os carismáticos/evangélicos tiraram a maior nota. Duvidamos que as escolhas predeterminadas afetaram indevidamente esses resultados, mas sugerimos que eles estão ligados às preferências pelo incentivo do ministério leigo.

Nesse ponto também é claro que existem poucas diferenças nos passos dados no Discipulado entre os diferentes grupos de lideranças: as fxC lideradas pelo clero, as lideradas por todo o laicato e aquelas lideradas por leigos não autorizados e não treinados. Cada um dos grupos tem a mesma probabilidade de incentivar os participantes a dar alguns passos no Discipulado. O clero é mais em favor de coordenar grupos e oferecer cursos, enquanto os leigos preferem o encontro presencial. Isso pode ser um reflexo do tempo disponível.

Por fim olhamos as conexões entre as abordagens do Discipulado e os tipos de fxC. Algumas ligações fortes são inerentes. Então todas as igrejas de células têm pequenos grupos, tiram notas altas em servir em equipes, mas não precisam muito dos encontros presenciais. Os aglomerados, às vezes chamados de comunidades de missão, tiram altas notas nos encontros presenciais, pequenos grupos, e servindo em equipes porque é isso que eles valorizam. O mais surpreendente foi que as igrejas que começaram como redes tiraram nota alta em todas as quatro medidas pois os seus membros estão mais dispersos geograficamente. Outros tipos de fxC como igrejas para crianças até 5 anos tiraram notas

baixas para pequenos grupos e servindo em equipes, mas mais altas em cursos (como a criação de filhos) e os encontros presenciais. Outros tipos com baixa pontuação foram as igrejas para idosos – exceto para os encontros presenciais, e congregações do meio da semana. É preocupante que os três tipos mais comuns, *Messy Church* (Igreja bagunçada), a Igreja Café e a Igreja para Crianças não têm notas muito altas para o Discipulado. As notas para a Igreja Bagunçada são 21% para os pequenos grupos, e o mesmo para os cursos, 30% para servir em equipes e 39% para os encontros presenciais. Mas a maioria delas são encontros mensais.

Uma visão mais ampla

Esses dados são razoavelmente fortes, mas são apenas uma introdução. Há outras questões maiores. Os dados mostram que as fxC se envolvem mais com pessoas que deixaram as suas igrejas ou nunca participaram e não sabemos exatamente como isso deve afetar os processos e o conteúdo da formação de Discípulos e o seu amadurecimento. Provavelmente leva mais tempo e começa bem antes. Nessa caminhada ainda faltam alguns sinais.

Toda a igreja está recalibrando o Discipulado através das lentes de diferentes tipos de aprendizagem. Algumas citam três tipos: formal ou acadêmico, não formal ou aprendizagem e socialização típica da família. Pode se dizer que muita coisa no passado aconteceu usando a primeira opção. É bom que o termo 'aprendiz' aparece no Capítulo 9 deste documento e vai se integrar com o aumento saudável do número de leigas/os.

Também é discutível que o *telos* do Discipulado necessite de uma conexão com o chamado à *theosis* da exaltada igreja primitiva que o plano original não contemplou. Não seguimos a Jesus simplesmente, somos chamadas/os a sermos transformadas/os em caráter, prioridades e virtudes para sermos parecidas/os com ele. Tudo isso precisa de mais investigação para descobrir os avanços já alcançados.

Capítulo 17 Conclusão: O Caso para o Discipulado Intencional na Comunhão

Este documento tem demonstrado teológica e praticamente a necessidade de reconhecer intencionalmente os dons de Deus em todas as pessoas batizadas e capacitá-las para incentivá-las a seguirem a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador e se tornar Discípulos para a vida toda na comunidade do povo de Deus e no mundo todo.

Porque o Discipulado e a Formação de Discípulos precisa ser intencional?

Embora o evangelismo sempre esteve presente entre os anglicanos, é válido dizer que o período de ênfase no evangelismo, conhecido como a Década de Evangelismo, foi instrumental na criação e na conscientização de muitos anglicanos para tornar o evangelismo uma tarefa intencional.

Ainda que a Década de Evangelismo não fosse o único fator em promove-lo, e com certeza nem todas as dioceses e províncias anglicanas abraçaram a imaginação do chamado de toda a Comunhão para a ênfase no evangelismo, muitas/os anglicanas/os, porém, enxergam esse período como tendo sido o catalisador para o crescimento dos membros da Igreja e de implantações de Igrejas.

Na pesquisa, feito em preparação para a Conferência de Lambeth de 2008, ficou evidente que em outras partes da Comunhão, o declino no número de membros e na frequência nas Igrejas foi o catalisador do foco intencional no evangelismo e o trabalho pelo crescimento da Igreja.

O crescimento numérico das Igrejas, particularmente no hemisfério sul - África, Ásia e América Latina – tem sido motivo de comemoração, mas, como alguns líderes já reconheceram, um aumento nos números de frequências na Igreja não mudou significantemente o compromisso das pessoas com a vida da Igreja e a transformação da comunidade.[96]

À luz do exposto acima, é evidente que um período dedicado, como uma Temporada de Discipulado e Formação de Discípulos Intencionais tem o potencial de catalisar renovação e transformação na Comunhão Anglicana. Deve se dizer que a visão de focar no Discipulado e a Formação de Discípulos Intencionais não visa enfrentar a falta de frequência na Igreja nem visa combater os desafios enfrentados pelas igrejas com alta frequência mas baixo compromisso e impacto na comunidade, mesmo que os dois possam ser resultados dessa realidade, mas alertar que o chamado bíblico de 'fazer Discípulos' significa honrar e glorificar a Deus, enquanto os cristãos vivem a sua fé na vida cotidiana como seguidores fieis de Jesus Cristo, seu Senhor e Mestre.[97]

O tempo ou o prazo não é o objetivo ou a meta pretendida dessa visão, mas simplesmente um meio de incutir na consciência dos anglicanos a intencionalidade de possuir o que devia ser natural e o que é central no cristianismo e na vivência e testemunho cristãos.

Porque o Discipulado e a Formação de Discípulos não são apenas Bíblicos, mas anglicanos

O Discipulado é a alma da Comunhão Anglicana

[96] Veja exemplos abaixo em 8.3
[97] Mt 28:18-20 e João 15:8

Este documento tem articulado adequadamente o argumento bíblico e teológico para o Discipulado e a Formação de Discípulos. Uma exploração sobre aquilo que os Instrumentos da Comunhão têm falado sobre o Discipulado e a Formação de Discípulos na primeira seção deste documento também mostra claramente que o Discipulado é o DNA da Comunhão Anglicana. A Comunhão é a filha da missão, que nasceu quando os cristãos anglicanos viajavam para lugares novos para convidar outros para serem Discípulos de Jesus Cristo.

O Discipulado é a própria essência do anglicanismo. O anglicanismo, desde as raízes na espiritualidade celta e agostiniana e moldado pela Reforma Europeia, sempre foi uma fé viva (e não puramente intelectual ou espiritualizado). Trata-se de seguir e viver os caminhos de Jesus.

É através do Discipulado que as/os anglicanas/os testemunham Jesus. O testemunho anglicano é holístico, é uma questão de proclamação, serviço, adoração e testemunho profético como jeito de viver como cidadãos do Reino nesse mundo, Discípulas/os daquele que foi crucificado.

O Discipulado reflete a natureza católica-protestante da Comunhão Anglicana. Descobrimos o verdadeiro sentido da natureza católica da Igreja quando seguimos o nosso Salvador que une com ele todas as pessoas, todas as coisas, e descobrimos a verdadeira vocação do protestantismo quando o Discipulado nos leva a um engajamento profético com tudo que não é santo.

O Discipulado é o futuro da Comunhão Anglicana. Só quando chamamos todas as pessoas, em cada geração, a caminhar com Deus diariamente, num Discipulado vivo, é que a Igreja Anglicana pode crescer ou até sobreviver. Sem as/os novas/os Discípulas/os o nosso futuro não dura mais do que uma geração.

O Discipulado é a esperança da Comunhão Anglicana. Somente quando chamamos todas as pessoas anglicanas, e aquelas outras que se juntam a nós como novos cristãos, para seguir a Cristo diariamente, é que vamos evitar o erro, a divisão e a distração e conhecer a renovação constante do Espírito que dá esperança eterna.

Num período na sua história em qual a Comunhão Anglicana está experimentando divisão, declínio e crescimento (em regiões diferentes, mas, também, lado ao lado), e desafios teológicos, ela não vai manter a sua relevância na sociedade contemporânea e o Reino apenas através da disciplina, do debate ou até do discurso, mas primeiramente através do aprofundamento do Discipulado de cada membro em todos os aspectos das suas vidas, em todos os lugares. O Discipulado é a alma da Comunhão Anglicana.

Por quê toda a Comunhão precisa focar no Discipulado e na Formação de Discípulos

O Corpo Cristão (a Igreja) está passando por um dos momentos mais interessantes na história com oportunidades únicas para o testemunho cristão causado principalmente pelos desafios que dividem e a tecnologia que conecta as pessoas no nosso tempo.

Nesse Século 21 tem crescido a noção do enorme potencial da fé cristã em transformar comunidades locais e globais em confronto com a realidade do pouco ou nenhum impacto da fé cristã no caráter humano, mesmo nas áreas onde os cristãos estão presentes em grande número.

Embora fazer Discípulos seja o mandato de Cristo dado os seus seguidores e a todas aquelas outras pessoas que vieram depois, nas últimas décadas, na Comunidade Anglicana e algumas

outras tradições, houve muito pouca ênfase *intencional* em capacitar, orientar, formar, ensinar ou amadurecer e reconhecer os dons daqueles que acreditam em Jesus (todas as pessoas batizadas) para serem Discípulos para a vida toda, cuja fé vai influenciar ou impactar em cada esfera da sua experiência diária.[98]

Mesmo onde o cristianismo ainda é popular em termos de números, a eficácia dos seus membros muitas vezes é mínima, e também pode ser descrito como nominal e minoritário. Em outras áreas existe um crescente perigo dá fé se tornar uma questão particular, um exercício de moral pessoal, em vez de um Discipulado que transforma a vida toda em devoção e obediência a Cristo, vivido no contexto da vida cotidiana.

As citações seguintes de lideranças anglicanas e de outras igrejas são indicações desse clima predominante e a lacuna que existe entre a fé professada e a fé vivida:

- Não temos nenhum problema em encher nossas igrejas de pessoas, mas elas precisam saber o que significa ser cristão (seguidor de Cristo), é nesse ponto que precisamos de ajuda. (Arcebispo David Vunagi, antigo Primaz da Igreja Anglicana da Melanésia.)

- Kajo-Keji é conhecida como uma comunidade cristã. Se for saudar alguém na rua, vai descobrir que ele tem um nome cristão. Mas quão profundo e forte é a fé dessa pessoa em Jesus Cristo? É bem provável que ela não tenha o impacto na comunidade que Jesus quer de nós, como sal e luz. Em parte, é porque muitas vezes focamos na colheita das almas sem seguir para a formação de Discípulos, como Jesus mandou no grande mandamento (Mt 28:19). A Diocese de Kajo-Keji está tentando corrigir isso. (Diocese de Kajo-Keji, Sudão do Sul.)

- Um dos temas que surgiu das conversas no *Capital Vision* (Visão Capital) 2020 foi um chamado insistente para procurar métodos de capacitar as pessoas mais efetivamente para viver e falar do Evangelho de Jesus Cristo nas suas vidas cotidianas. (Bispos da Diocese de Londres, Quaresma 2014)

- Temos muitos cristãos, mas Discípulos de tempo parcial, muitos pastores, mas Discípulos de tempo parcial. (Bispo Moon Hing, Bispo da Malásia Ocidental e Primaz do Sudeste Asiático.)

- A Igreja, muitas vezes, atrai as melhores pessoas, mas logo as transforma em burocratas, e as coloca em comissões, e logo começam a reclamar que não têm nada para fazer... A Igreja é um gigante adormecido. (Pastor Sam Ko, Igreja Comunitária SaRang, Koréa.)

- A ausência de qualquer ênfase real no Discipulado na Inglaterra nos anos 30, 40, e 50 tinha um impacto profundo no declínio que estamos experimentando hoje, (Arcebispo Justin Welby)

[98] O pedido de "fazer Discípulos de todas as nações" (Mt 28:19s) deve ser acompanhado pela ênfase em como os Discípulos devem viver a sua vida. "Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente... e o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22:37-39; Mc 12:28-34; Lc 10:25-28). "Vocês são a Luz do mundo. Uma cidade construída numa colina não pode ser escondida" (Mt 5:14). "Vocês são o sal da terra" (Mt 5:13a).

- Muitas pessoas são confirmadas pelo bispo, mas o seu compromisso com a Igreja permanece muito limitado. (Bispo David Njovu, Diocese de Lusaka.)

- Em 2012 a Igreja em Gales embarcou na Visão 2020, que surgiu de uma introspecção à luz da esperada comemoração em 2020 dos 100 anos do desestabelecimento da Igreja. O relatório de avaliação reconheceu "um momento de crise" na Igreja, e identificou a "falta de clérigos ordenados" e as estruturas que não conseguem se conectar com os jovens e com a população em geral como algumas das alertas que instigou a Igreja a embarcar numa "resposta criativa ao que Cristo exige de nós nesses tempos".[99]

As/os anglicanas/os/episcopais no mundo todo estão testemunhando o amor reconciliador de Cristo de várias maneiras e diferentes circunstâncias, um sinal do compromisso com o Discipulado. Porém muitos líderes na Comunhão Anglicana também se identificam com as citações acima e muitos outros reconhecem que poderíamos e podemos fazer melhor se investíssemos mais recursos e focássemos em nutrir e capacitar não só os novos crentes, mas os já existentes também, para aprofundar o seu Discipulado e testemunho cristão. Muitos líderes estão enxergando o Discipulado como ponto central para um crescimento real e um potencial para transformar a sociedade através do Evangelho de Cristo.

Portanto a verdadeira pergunta não é se algo está sendo feito, mas qual é o valor que um movimento coordenado entre toda a Comunhão, que é *intencional*, possa acrescentar ao que está acontecendo, em vez de fazer tudo isoladamente?

Assim, a necessidade de um período de *ênfase* no Discipulado *Intencional* em toda a Comunhão, a capacitação *intencional* de todos os membros para viverem a sua fé com seus dons e talentos na vida cotidiana como embaixadores de Cristo, é imperativo e urgente.

É preciso mobilizar e disseminar experiência, boa prática e recursos e promover a colaboração e aprendizagem mútuas, para construir o Corpo de Cristo no seu testemunho do amor reconciliador de Cristo hoje (e amanhã).

É importante apreciar que uma ênfase no Discipulado *Intencional* vai ter implicações em toda a vida da Igreja, incluindo as suas estruturas, liturgia, orações e louvor, seleção e treinamento de candidatos a ordenação e a formação e remanejamento de lideranças em geral, etc., que vão precisar se alinhar de acordo com essa visão.

[99] Veja o relatório de avaliação aqui